



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

Coordenação de Pós-graduação  
Mestrado em Ciências da Religião

Ilka Maria da Silva Oliveira

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO NO RITUAL DE PROMESSA NO  
CATOLICISMO NA CIDADE DO RECIFE/PE.**

Recife  
Agosto / 2017

Ilka Maria da Silva Oliveira

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO NO RITUAL DE PROMESSA NO  
CATOLICISMO NA CIDADE DO RECIFE/PE.**

Dissertação apresentada à Coordenação de Pós-Graduação, Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial a obtenção do título de Mestra em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Drance Elias da Silva.

Recife  
Agosto / 2017

ILKA MARIA DA SILVA OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO NO RITUAL DE PROMESSA NO  
CATOLICISMO NA CIDADE DO RECIFE/PE.**

Dissertação submetida à aprovação, como  
requisito parcial a obtenção do título de Mestra  
em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Drance Elias de Souza.

**Aprovada em:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2017

**Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr. Drance Elias da Silva – UNICAP**

(Orientador)

---

**Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura – UPE**

(Examinador Externo)

---

**Prof. Dr. José Afonso Chaves – UNICAP**

(Examinador Interno)

## **AGRADECIMENTOS**

E agora! Chegou a hora de agradecer, então por onde começar? A Deus pela oportunidade de conquistar cada coisa em seu tempo. Ao meu companheiro de vida por tanto otimismo e solidariedade, as minhas filhas “presentes de Deus” pela paciência e amor. Ao meu mentor, amigo e Orientador Dr. Drance Elias da Silva, por me recolocar no caminho correto. Agradecer aos Professores, Dr. José Afonso Chaves e o Dr. Carlos André Silva de Moura, pelas exímias contribuições para a conclusão deste estudo. Ou a todos juntos e em igual proporção, porque será mesmo impossível ordenar e ainda assim ser justa com todos.

Obrigada por fazerem parte da minha vida!

*Uma pedra sagrada é venerada  
porque é **sagrada** e não por que é **pedra**;  
é a sacralidade **manifestada**  
**pelo modo de ser da pedra** que revela sua  
verdadeira essência.*

(ELIADE, 2010, p. 100).

## RESUMO

Discute-se na presente dissertação, a representação social do corpo nos rituais de promessa no catolicismo, caracterizada pelo pluralismo de manifestações presentes na experiência cultural e religiosa, resultantes da construção de significados da relação do sujeito devoto com o sagrado. O universo dos participantes foi definido nas três celebrações de grandes eventos religiosos, que se dá no perímetro urbano da cidade de Recife/PE e onde concentra um grande número de fiéis, os quais foram escolhidos de forma aleatória e que aceitassem responder a uma entrevista de perguntas abertas, para fazer o entrevistado pensar e falar sobre a importância do corpo para a realização do seu ritual de promessa. Este estudo está fundamentado na Teoria das Representações Sociais e seus teóricos de referência, apreendemos o universo simbólico do falar e do agir, categorizando as representações sociais que vão além do cumprimento da promessa, através das falas/entrevistas dos (as) devotos (as), esclarecendo sobre os mecanismos que são empregados para compreender a necessidade de expressar com o corpo a devoção. Situado no campo das Ciências da Religião, o trabalho tem a intenção de conseguir fazer presente uma ideia, por intermédio de um objeto, o que nem sempre é consciente pelo indivíduo. Pela aproximação com o fenômeno do pagamento da promessa, percebemos como vivenciam suas práticas devocionais, como objetivam e as ancoram e como isso contribui para a conservação da tradição no campo religioso brasileiro. Na fase de conclusão, analisamos os comportamentos explícitos e implícitos, ligados por uma relação causal intencional, centrada na totalidade do discurso, com poucos sujeitos genéricos que representam o grupo. Construimos argumentos hierarquizados e sistematizados estabelecidos a partir das interpretações de consenso e da crítica da contradição criativa. Apresentamos a transposição dos dados, pontuando as relações entre as representações sociais e os elementos simbólicos que foram mapeados, como resultado característico da pesquisa.

Palavras chave: Representação Social, Corpo e Promessa.

## **ABSTRACT**

This dissertation discusses the social representation of the body in the promise rituals in the catholicism, characterized by the pluralism of the manifestations, present in the cultural and religious experience, resulting from the construction of meanings of the devotee relationship with the sacred. The participant's universe was defined in the three great religious celebrations, that happens in the urban perimeter of the city of Recife/PE and where concentrates a great number of followers, which were chosen in a random way and that they accepted to answer an interview of open questions, in order to bring the interviewees, to think and to talk about the importance of the body for the accomplishment of his promise ritual. This study is based in the Theory of the Social Representations and their theoretical of reference, for now, we apprehended the symbolic universe of speaking and of acting, classifying the social representations that go beyond the execution of the promise, through the speech of the devotee , explaining on the mechanisms that are used to understand the need to express with the body the devotion. Located in the field of the Sciences of the Religion, It has the intention of getting to do present an idea, through an object, which not always it is conscious for the individual. By the approach with the phenomenon of the payment of the promise, we noticed how they live their practices devocionais, as they aim at and they anchor them and how that contributes for the conservation of the 'habitus' in the Brazilian religious field. In the conclusion phase, we analyzed the explicit behaviors, linked by an intentional causal relationship, centered in the totality of the speech, with few generic subjects that represent the group. We built nested and systematized arguments established starting from the consensus interpretations and of the critic of the creative contradiction. We will present the transposition of the data, punctuating the relationships between the social representations and the symbolic elements that were mapped, as characteristic result of the research.

**Keywords:** Social Representation, Body and Promise.

## LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Representação para associação livre sobre um código de cores.....	76
Esquema 2 – Palavras com representação de sentido.....	88
Esquema 3 – Simbolismo para o ritual .....	97
Esquema 4 – As evocações livres de palavras ou expressões sobre as ações corporais.....	108

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Procissão a N. Sr <sup>a</sup> da Conceição em 08/12/2015.....	62
Figura 02 – Manifestação interiorizada e pública do ser .....	65
Figura 03 – Imagem de N. Sr <sup>a</sup> do Carmo.....	76
Figura 04 – Imagem de Frei Damião dentro do Convento de São Félix.....	79
Figura 05 – Túmulo de Frei Damião.....	80
Figura 06 – Grupo do terço dos homens.....	83
Figura 07 – Decreto sobre a elevação a condição de Santuário Arquidiocesano N. Sr <sup>a</sup> da Conceição em 08/12/2015.....	92
Figura 08 – Túmulo de Frei Damião onde são deixados os ex-votos.....	93
Figura 09 – Morro da Conceição – Recife/PE – 112 <sup>a</sup> Festa à N. Sr. <sup>a</sup> da Conceição.....	96
Figura 10 – Procissão de 2015 a N. Sr <sup>a</sup> da Conceição.....	102
Figura 11 – A devoção, o costume e a prática corporal.....	106

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Gênero dos participantes.....	86
Gráfico 02 – Amostragem por idade.....	86

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Processos cognitivos mobilizados: sentido e significado.....	87
Quadro 02 – Relações estabelecidas entre a ação executada e a promessa cumprida.....	90
Quadro 03 – Expressão de fé para o sagrado.....	95
Quadro 04 – Práticas corporais associadas a execução do ritual da promessa.....	99
Quadro 05 – A promessa e o sacrifício imposto ao corpo.....	101
Quadro 06 – Cenário individual de assimilação de atitudes.....	105
Quadro 07 – Representações mentais do fenômeno.....	107

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01 - Quantidade de repetição do mesmo ritual .....	93
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>1. O CAMINHO TEÓRICO METODOLÓGICO.....</b>	<b>31</b>
1.1 A dimensão teórica da Representação Social .....	32
1.2 Representação social, Religião e o Corpo .....	43
1.3 Representação social e procedimentos metodológicos.....	47
<b>2. O CORPO E OS RITUAIS DE PROMESSA, HISTORICAMENTE E A LUZ DO CATOLICISMO.....</b>	<b>55</b>
2.1 Corpo e religiosidade.....	57
2.2 Dimensão religiosa .....	63
2.3 Uniformidades do campo sagrado .....	73
<b>3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO, A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO DO DEVOTO NO SEU RITUAL DE PROMESSA.....</b>	<b>84</b>
3.1 O simbolismo no falar e agir dos devotos. ....	89
3.2 O corpo no ritual de promessa: um cenário para reflexões .....	98
3.3 Formulações a partir do senso comum .....	105
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXO A - Roteiro da entrevista.....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO B - Termo de livre consentimento e esclarecimento.....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO C - Síntese das respostas dos entrevistados sobre a representação social do corpo no ritual de promessa no catolicismo. ....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO D – Entrevistas na íntegra .....</b>	<b>129</b>
Entrevista 01.....	129
Entrevista 02.....	132
Entrevista 03.....	133
Entrevista 04.....	135

Entrevista 05 .....	136
Entrevista 06 .....	137
Entrevista 07 .....	139
Entrevista 08 .....	140
Entrevista 09 .....	141
Entrevista 10 .....	142
Entrevista 11 .....	143
Entrevista 12 .....	144
Entrevista 13 .....	145
Entrevista 14 .....	146
Entrevista 15 .....	147

## INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa intitulada “A representação social do corpo no ritual de promessa no catolicismo na cidade do Recife/PE”, está situada no campo das Ciências da Religião e localizada no Programa de Pós-graduação da UNICAP na linha de pesquisa do “Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade”, para o qual tomamos com referência empírica as devoções ao Frei Damião de Bozzano, a Nossa Senhora do Carmo e a Nossa Senhora da Conceição, nos três grandes eventos religiosos no perímetro urbano da cidade do Recife.

O objeto de estudo está ligado à área de conhecimento de nossa graduação e a inquietação surgiu no espaço vazio de registros existentes de como o corpo é tratado, para além do corpo sagrado e o corpo feminino, na área de conhecimento das Ciências da Religião. Durante a jornada da pesquisa, entendemos que era a corporeidade, o corpo como o instrumento de relação com o mundo, que deveria ser investigado para que qualquer discussão fosse aprofundada. Percorremos caminhos históricos, antropológicos e sociológicos, na tentativa de demonstrar no tempo cronológico as visões de corpo, até chegarmos aos dias atuais. Apresentamos também a dimensão religiosa dentro dos sistemas simbólicos: o ritual, o sagrado, o sacrifício, o milagre, a peregrinação, que são elementos presentes e que foram de suma importância para compreendermos o comportamento religioso dos devotos.

Estabelecemos que o campo de estudo fosse as três celebrações religiosas do catolicismo de maior repercussão na região metropolitana da cidade do Recife/Pernambuco, adequando ao tempo disponível para a conclusão da pesquisa. Entendemos que era necessário recriarmos um ambiente experimental, suscetível de todas as observações possíveis e uma aproximação com os devotos que estavam de fato realizando a ação da promessa, para participarmos efetivamente de todo o processo. Entendemos que nesses momentos festivos seria possível investigar com mais acesso e clareza o comportamento do corpo nos rituais de promessa, a pluralidade de significados e conceitos atribuídos pelos devotos as suas ações.

O recorte temporal foram os meses de novembro de 2015, dedicado ao Frei Damião de Bozzano, dezembro de 2015, dedicado a Nossa Senhora da Conceição e em julho de 2016, dedicado a Nossa Senhora do Carmo e passamos próximo de um ano, inseridos no universo do ritual da promessa. Iniciamos com os sujeitos devotos ao Frei Damião de Bozzano em maio de 2015, pois era a primeira celebração religiosa que aconteceria no período que tínhamos para pesquisar e precisávamos validar o instrumento que criamos. Seguimos em julho de 2016 as celebrações para a Nossa Senhora do Carmo, indo ao campo com mais

propriedade do instrumento, com uma análise inicial das primeiras entrevistas, já ampliando o olhar e aperfeiçoando o foco e em dezembro de 2016 nas celebrações para Nossa Senhora da Conceição.

Objetivamos analisar as representações sociais do corpo a partir das entrevistas realizadas com os devotos e as expressões dos mesmos no seu ritual de cumprimento da promessa ao seu santo de devoção, identificando e aprofundando os significados dessas representações. Questionamos como o devoto entende que deve ser realizado o ritual de promessa, correlacionando as informações do depoimento com a ação física corporal; se a linguagem corporal é realçada para simbolizar o sacrifício imposto ao corpo; se existe um padrão preestabelecido de conduta e se existir, ele é reforçado pela instituição eclesial?

Definimos o corpo como objeto da pesquisa e nos fundamentamos no referencial teórico da Teoria da Representação Social, que explora a transição do conhecimento científico e o discurso cotidiano (senso comum), estabelecendo a relação entre sujeito, objeto e sociedade do tempo presente. Enfocamos no catolicismo e todo estudo está envolvido no ritual da promessa que é uma frequente e generalizada prática religiosa brasileira. Partimos do universo simbólico do falar, do agir e do testemunho dos devotos para construirmos as categorias das representações sociais do corpo nos rituais de promessa do catolicismo.

Cruzamos os dados antropológicos e sociológicos relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa com os princípios organizadores da ancoragem, que classifica, nomeia e reinterpreta e com a objetivação, onde o abstrato se torna concreto, os conceitos e ideias, são naturalizadas e palpáveis, aprofundando os significados atribuídos pelos sujeitos devotos com as leituras e trazendo os referenciais teóricos para este contexto, evidenciando os aspectos comuns na diversidade dos dados, integrando-os ao todo coerente e multidimensional apresentado pelos devotos. Realizamos um levantamento de fontes bibliográficas que tratam da Teoria das Representações Sociais e de autores das Ciências da Religião e inventariamos em nossa pesquisa, um repertório de artigos, teses, dissertações e livros, fontes estas que consubstanciam a nossa narrativa.

Metodologicamente procuramos contextualizar nossas reflexões sobre as práticas devocionais em um diálogo que sobressaíssem as ideias dos sujeitos sobre suas práticas, utilizamos como metodologia, a que é empregada para analisar os dados através da Teoria das Representações Sociais e que permite triangular técnicas de análise de dados, a partir do senso comum e dos conhecimentos produzidos espontaneamente dentro de um grupo. Utilizamos a técnica da entrevista semiestruturada onde construímos um roteiro que levasse os devotos a

refletir e discorrer sobre o corpo no ritual particular de cumprimento da promessa ao santo de sua devoção e aplicamos para mapearmos as representações sociais pertinentes ao grupo; a observação participante, onde fizemos os registros pessoais de observação de campo e valemo-nos ainda de registros fotográficos, das gravações e das transcrições das entrevistas, pois todas as técnicas combinadas fazem parte da metodologia da pesquisa em representação social.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, onde o objeto de estudo que é o corpo, norteia o nosso percurso discursivo. Através da observação inicial e dos conceitos prévios dos pesquisadores, nos confrontamos com uma realidade que nos desafiava, o corpo que se dobra ao sagrado, que é martirizado, que é submetido a grande estresse, que busca uma transformação através da sua vivência religiosa, tentamos encontrar respostas para nossas inquietações e partimos para investigá-las.

Tomamos a entrevista oral como o principal procedimento de coleta, com um roteiro direcionado para temas, mas aberta a ambiguidades e capaz de explorar o mundo do entrevistado e o sentido próprio da experiência do fenômeno. Realizamos entrevista piloto, ajustamos o instrumento e estivemos durante dias e dias envolvidos na observação sistemática, escolhemos os dias que antecederiam a celebração festiva e também o dia da culminância, assim, as entrevistas foram realizadas no local do ritual do cumprimento da promessa para que a atmosfera simbólica não se perdesse e pudéssemos captar as emoções e sentimentos exatamente no momento do outro.

Realizamos entrevistas abertas com os fiéis escolhidos de forma aleatória, porém que estivessem realizando o seu ritual de promessa e que aceitassem responder as perguntas. Ao abordamos o sujeito, fazíamos um preâmbulo com cada um dos entrevistados, explicando a intenção do estudo e pedindo a autorização para a entrevista, com um termo de consentimento. Nossos dados foram coletados exatamente nas situações de promessas e sacrifícios que os devotos exerciam em seus rituais de fé, nos locais de peregrinação, para investigar o seu entendimento pessoal sobre o tema. Foi um exercício de aprendizagem que nos propusemos a realizar com o máximo de zelo e tempo necessários para a melhor qualidade do material produzido por nós.

A quantidade de sujeitos entrevistados para a pesquisa em representação social pode ser de um número reduzido. Em nosso estudo totalizamos 15 entrevistados, pois a análise é centrada na totalidade do discurso, com poucos sujeitos genéricos que podem representar o grupo. Visto que a dificuldade metodológica estava em trazer o entrevistado para o

fechamento do discurso fora de qualquer interferência externa; todas as transcrições foram feitas manualmente, pois neste caso específico era uma exigência do método. Não poderíamos usar um programa que convertesse o material gravado em texto e era necessário estarmos atentos à emoção no discurso, as pausas e outras informações que um transcritor eletrônico poderia perder. Era fundamental a atenção à escuta do material gravado<sup>1</sup> para encontrar temas emergentes e possíveis contradições do discurso, bem como aos detalhes sutis, referentes ao investimento afetivo; a retórica e ao modo como argumentavam os fatos.

Começamos fazendo a análise de cada entrevista isoladamente e a transcrição sequencial, procurando as temáticas presentes e nem sempre evidentes na fala, mergulhamos na interpretação das falas ora pela visão do grupo e ora pela visão do indivíduo, para trazer o sujeito para ser o centro da teoria, entendendo assim o que estava para além do discurso. Encontramos seguramente, as ações corporais reproduzidas pelo grupo conscientemente e outras vezes inconscientemente. Evidenciamos também, que a transmissão se dava através da cultura familiar e pela cultura midiática. As análises das entrevistas passaram a fazer parte de um todo, acrescidas da observação dos participantes, dos registros fotográficos, de áudio e vídeo.

Ao desenvolvermos a pesquisa pudemos adequar à utilização do método, de forma a encontrarmos os elementos centrais que criaram laços simbólicos entre a representação e o objeto. Pelas observações sistemáticas foi possível extrair matrizes de frequência observada com as correspondências por elas produzidas, assim, construímos agrupamentos gráficos que indicam a diversidade, os padrões distintos de associação e a caracterização do grupo, com sucessivas categorias de análise possíveis. Finalizamos com a transposição dos dados associados a esquemas estruturais e quadros descritivos, pontuando as relações entre as representações sociais e trazendo os elementos que foram mapeados e simbólicos, como resultado característico para esta pesquisa.

Nosso texto encontra-se dividido em três capítulos: no primeiro discorremos sobre a fundamentação teórica da pesquisa que foi a Teoria das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici, da qual nos valem também dos aparatos metodológicos. A teoria explora a transição entre o conhecimento científico e o discurso cotidiano (senso comum),

---

<sup>1</sup> Das observações sistemáticas extraímos matrizes de frequência observada, analisamos as correspondências que essas matrizes produziram e criamos agrupamentos gráficos ora no google formulário, ora no editor de planilha Excel, que indicaram a diversidade e os padrões distintos das associações. Fizemos a transcrição das entrevistas utilizando documento do Microsoft Word 97-2003, que gerou 109 KB de dados de texto; todas as entrevista foram gravadas no gravador de voz do Iphone 5 o Voice Memos em formato e gravação de áudio convertido no formato MPEG-4, que gerou aproximadamente 51 MB de dados de áudio que estão armazenados nas nuvens e disponível para outros estudos.

estabelecendo a relação entre sujeito, objeto e sociedade do tempo presente. Baseada nos conceitos que tratam o senso comum, procurando dar sentido à pessoa enquanto agente ativo em uma dada sociedade, através do sistema de sentidos e significados, em paralelo com os níveis coletivo e pessoal, que implicam em generalizações abstratas, geradas em contexto complexo de ação e reflexão dentro da dinâmica de vida do ser humano.

Tivemos como ponto de partida para o segundo capítulo a discussão teórica sobre o corpo histórico inserido na sociedade desde a Cristandade medieval ocidental, marcado pela separação entre o corpo e a alma e na Modernidade ocidental, com a noção de indivíduo, a pessoa em torno do seu EU, mas com a divisão entre corpo e mente (Meslin, 2014). Até os dias atuais, a idade contemporânea ocidental, com a noção da complexidade do ser pela corporeidade, a secularização e a perda da religiosidade. Sistematizamos alguns referenciais sobre as concepções de corpo social ao qual se atribuem saberes imediatamente cultural e uma construção simbólica não de uma realidade em si, mas misturado ao cosmo, à natureza e à comunidade de pertença. Examinamos as relações mantidas entre os diversos agentes sociais e os rituais que produzem sentido, através da sua experiência com o divino e para com os símbolos, que são elementos mediadores necessários para a orientação do sentido objetivo e preciso de união do ser humano com o divino.

No terceiro capítulo, tratamos de discorrer sobre as representações sociais de corpo, a partir da interpretação do devoto no seu ritual de promessa, através dos sistemas de signos gerados a partir do contexto complexo, apresentamos como internalizam e operam em nível pessoal e coletivo, as práticas e as condutas sociais, apresentamos os significados atribuídos às próprias experiências, trazendo a história do sujeito para ter o papel central da teoria. As interpretações que constam no capítulo estão imersas na interpretação de sentido, ações e combinações associadas aos referenciais teóricos do campo das Ciências da Religião, para interpretar o fenômeno pelo saber científico decorrente da assimilação pela sociedade, revelando formas expressivas da sensibilidade humana.

No desafio da transposição da pesquisa empírica para a interpretação dialética do tratamento dos dados, nos debruçamos sobre as entrelinhas da pesquisa de campo, a observação participativa e as transcrições das entrevistas. Vinculamos fatos e desvelamos contradições entre as normas, regras e as práticas vividas cotidianamente pelo grupo observado e apresentamos as evidências, onde as representações sociais de corpo aparecem como justificadora de condutas e orientadora de tomada de posição dentro do grupo de pertença, mediante o sistema cognitivo. E diante do universo de valores e crenças, explica e

dá sentido à experiência religiosa, pois no momento em que as práticas evoluem, a ritualidade também é modificada e o corpo permanece o centro de um sistema de montagens simbólicas.

## 1. O CAMINHO TEÓRICO METODOLÓGICO

Nosso estudo visa compreender a representação social do corpo nos rituais de promessa no catolicismo caracterizados pelo pluralismo de manifestações presentes na experiência religiosa, resultantes da construção de significados da relação do sujeito devoto com o sagrado. Apresentamos por ora, teórica e metodologicamente, o caminho da representação social como pressuposto epistemológico na relação com a problemática desta pesquisa, que em nossas leituras identificamos um dado que nos pareceu importante para tomar como objeto de reflexão, que é o pouco desenvolvimento de pesquisas<sup>2</sup> que tratam a Teoria da Representação Social e suas metodologias, aplicadas ao campo das Ciências da Religião.

Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo, realizado entre outubro de 2015 até julho de 2016, com devotos em Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Carmo e Frei Damião de Bozzano. O universo dos participantes foi definido nas três celebrações de grandes eventos religiosos que se dá no perímetro urbano da cidade de Recife em Pernambuco e que concentra um grande número de fiéis e teve como critério de inclusão estar realizando de forma visível, o seu ritual de promessa para o santo de sua devoção<sup>3</sup>. Os sujeitos foram escolhidos de forma aleatória e que aceitassem responder a uma entrevista de perguntas abertas, com o objetivo de trazermos o entrevistado a pensar e falar sobre a importância do corpo para a realização do seu ritual de promessa, para sabermos sobre a representação social do mesmo.

Nossa análise teve como ponto de partida os espaços religiosos de grande fluxo de peregrinação, na cidade do Recife/PE, onde foram feitas as 15 entrevistas com devotos (as) que participaram da coleta dos dados logo após o cumprimento do seu ritual do pagamento da promessa, para compreendermos qual à necessidade de expressar com o corpo a sua devoção. Realizamos as transcrições das entrevistas, criamos as categorias de análise e somente a partir das respostas coletadas, em paralelo com o contexto social e histórico, trouxemos o sujeito real para o papel central da teoria.

---

<sup>2</sup> No artigo Representação social do pecado segundo grupos religiosos, houve um levantamento de alguns dos estudos que tratam das pesquisas em Representação social e Campo Religioso na relação com as outras áreas da cultura, que datam do final do século XX e início do século XXI (cf. COLLARES-DA-ROCHA E SOUZA FILHO, 2014).

<sup>3</sup> Devoção, observância das práticas inspiradas por zelo religioso, apego sincero e fervoroso a Deus ou aos santos, sob forma litúrgica ou por práticas regulares privadas (cf. ABBAGNANO, www).

## 1.1 A dimensão teórica da Representação Social

Para discorrer sobre Teoria das Representações Sociais (TRS)<sup>4</sup> e seus teóricos de referência, nos fundamentamos em autores que dialogam com a temática para analisar a representação social de corpo no ritual de promessa dos devotos, no universo simbólico do falar e do agir das pessoas, buscando a possibilidade de categorizar, analisar e referenciar as representações sociais que vão além do cumprimento da promessa, através das falas/entrevistas, do discurso comum nos santuários, bem como nos testemunhos dos (as) devotos (as), esclarecer os mecanismos que são empregados e construir categorias descritivas e interpretativas e fim de compreender qual a necessidade de expressar com o corpo a devoção, para que a graça seja vista pelo santo.

Sendo assim, nossa discussão se desenvolveu a partir da Teoria das Representações Sociais, posto que esta pesquisa situa-se na área de conhecimento das Ciências Sociais, no campo das Ciências da Religião e tem a intenção de conseguir fazer presente uma ideia por intermédio de um objeto, o que nem sempre é consciente pelo indivíduo. Para Eliade (2010), o único meio de compreender um universo mental alheio é situar-se dentro dele, no seu próprio centro, para alcançar a partir daí todos os valores que esse universo comanda.

As representações não são assim necessariamente conscientes pelos indivíduos. Assim, de um lado, as representações conservam a marca da realidade social onde nascem, mas também possuem vida independente, produzem-se e se misturam, tendo como causa outras representações e não apenas a estrutura social (REIS; BELLINI, 2011, p. 149-159).

Neste sentido nos valem de um conceito bastante relevante para estudo com a Teoria da Representação Social, pois para Moscovici (2015), a teoria permeia um conjunto de explicações, crenças e ideias que permitem evocar pessoas ou objeto, são resultantes de interações sociais que são comuns a um determinado grupo de indivíduos, também estabelece uma ordem, que permite aos sujeitos orientar-se no seu mundo material e social, comandá-lo, criando uma estabilidade e garantindo segurança para os sujeitos encontrarem um lugar no mundo.

---

<sup>4</sup> A Teoria das Representações Sociais (TRS) é uma forma sociológica de psicologia social, originada na Europa com a publicação feita por Serge Moscovici (1961) de seu estudo *La Psychanalyse: Son image et son public* (cf. FARR, 1995, p. 31).

Esta teoria é criativa, complexa, elástica, pois questiona ao invés de adaptar-se e que busca o novo, centra a sua relação entre o sujeito e o objeto (realidade do mundo), trata o sujeito social através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, no processo constrói tanto o mundo como a si próprio, sendo desafiado e se necessário, transformando-se. Em nível de realidade está ligada a dimensão cognitiva, afetiva e social, bem como insere o caráter simbólico e imaginativo desses saberes, pois é trazida à tona a dimensão dos afetos, visto que quando os sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. Portanto, o indivíduo foi e em grande medida ainda é, a única possibilidade de referência para noções como atitude, atribuição e esquemas.

Partimos de uma perspectiva, onde as finalidades da Teoria das Representações Sociais para esta pesquisa são a identificação e estruturação dos conteúdos, análise e compreensão da historicidade e a criação de novos contextos. Levamos em consideração as experiências vividas e as expectativas das pessoas que realizam o seu ritual, para apreender como as ideias são transmitidas de geração para geração, como pensam e agem até o ponto em que os rituais de promessa se tornam parte de suas vidas, sem desconsiderar as diferentes abordagens que dialogam com as Ciências da Religião.

A teoria foi concebida com a intenção de fazer face a sociedade moderna, começou a explorar a transição do conhecimento científico (reificado)<sup>5</sup> para o discurso cotidiano, toma como sujeito aquele que tiver a capacidade para provocar, produzir e disseminar representações sociais. Tem sua importância, à medida que se adequa a complexidade dos fenômenos sociais e estabelece novas bases epistemológicas para a compreensão da relação sujeito, objeto e a sociedade e atribui grande importância à subjetividade. O sujeito é o seu protagonista e apesar de este não ser necessariamente um indivíduo, também não é o sujeito que se isola da sociedade, mas um sujeito que a atravessa e é atravessado por ela.

Sobre o termo representação social, reserva-se para a modalidade de conhecimento particular, que tem por função exclusiva a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos, sendo o mais importante a capacidade de produzir e determinar comportamentos, pois define ao mesmo tempo a natureza dos estímulos que envolvem e provocam a sociedade, para trazer significação as respostas dadas. Comportam novas distinções a partir das respostas às interrogações, em função de sua origem e respectiva

---

<sup>5</sup> Conhecimento reificado, definido como o conhecimento produzido com o rigor lógico, com a objetividade e com a metodologia, característicos do pensamento erudito e da ciência (cf. SÁ, 1996).

inserção social, onde a tomada de posição serve a objetivos individuais ou grupais, mas precisam que os objetivos possuam recursos que permitam produzir opinião e que reflitam o posicionamento social em relação a si e aos demais.

As representações sociais interferem nos processos, diversificando a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoal e social, na expressão dos grupos e nas transformações sociais. Na análise deste campo conceitual, é factível deparar-se com a relação do ausente e a evocação do possível, articulando-se tanto com a vida coletiva de uma sociedade, como com os processos de constituição simbólicos, nos quais os sujeitos lutam para darem sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrarem seus lugares, através de uma identidade social, analisada em sua totalidade e na comunicação como mediadores de diferentes necessidades humanas, ritos e mitos.

Sendo assim, nossa discussão recai sobre as representações sociais que são fenômenos impessoais, considerados pertencentes a toda gente e são pessoais, pois são sentidas como pertencentes ao ego e apresentam um esquema teórico que ligam os fenômenos pessoais e sociais das relações dos grupos, podendo variar de dimensão, mas todos partilham de determinadas ideias, o fenômeno e o seu contexto não podem ser separados um do outro. Nesta teoria, coloca-se a ênfase nos humanos como seres éticos, como seres que buscam paixões e fazem escolhas éticas e que as inserem como variáveis a serem avaliadas e medidas.

Os homens respondem não apenas aos aspectos físicos de uma situação, mas também e por vezes primariamente, ao sentido que esta situação tem para eles. Uma vez que eles atribuem algum sentido à situação, o seu comportamento subsequente e algumas das consequências deste comportamento são determinadas por este sentido anteriormente atribuído (THOMAS apud MINAYO, 1995, p. 96).

Um dos interesses que norteiam a construção desta pesquisa é o de que nos universos consensuais estão as práticas interativas do dia a dia, que produzem as representações sociais<sup>6</sup>, que são teorias a partir do senso comum, conhecimentos produzidos espontaneamente dentro de um grupo, fundados na tradição e no consenso<sup>7</sup>, dentro de uma lógica, metodologia e

---

<sup>6</sup> O campo de estudo das representações sociais está desde sua inauguração, associado a um interesse básico sobre as relações entre ciência e sociedade (cf. MARKOVÁ, 2015).

<sup>7</sup> Na Teoria, o consenso não é considerado como uma característica essencial do funcionamento ou produto das representações sociais, visto que as inserções e situações sociais não são idênticas e os múltiplos processos que intervêm nas tomadas de posição também não são. Essa dupla fonte de variação pode gerar aparente duplicidade na tomada de posição, produzidas a partir de princípios organizadores comuns (cf. SÁ, 1996, p. 34 - 35).

comprovação diferente. São realidades dinâmicas, em constante construção, que vão sendo reelaboradas e modificadas, ampliadas e enriquecidas com novos elementos (GUARESCHI, 1995, p. 197).

As representações sociais se referem às categorias do pensamento, através das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade, ‘para ele é a sociedade que pensa e que não há representações falsas’, elas não são universais na consciência, mas surgem ligadas aos fatos sociais, transformam-se elas próprias em fatos sociais passíveis de observação e de interpretação, com propriedades e comportamentos específicos. Conservam tanto a realidade social de onde nasceu como também reproduzem e se misturam, tendo como causa outras representações e não apenas a estrutura social. São todas elas maneiras de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotadas de um poder coercitivo do qual se lhes impõe (MINAYO, 1995, p. 91).

O conhecimento comum é a essência do universo consensual, compreende os significados culturais e históricos das experiências e atividades sociais, um conhecimento rico, altamente diversificado, específico de cada contexto, uma realidade dinâmica. Partimos do pressuposto que, diferentes culturas refletem sobre tais uniformidades de modos diferentes e nas correntes que estudam o senso comum há um esforço da desconstrução da retórica da verdade que inaugura a modernidade nas sociedades ocidentais. Muito embora, tomemos este argumento para o nosso texto, objetivamos trazê-lo para a reflexão (SÁ, 1996, p. 39).

O termo ‘senso comum’ foi utilizado para falar das representações sociais do cotidiano, pois é capaz de envolver conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações e que para a vida cotidiana, ele é dotado de significados e relevância para o grupo social que vivem, pensam e agem em determinado contexto social. A compreensão de mundo se dá a partir de um estoque de experiências pessoais, comum a um grande número de pessoas e individual, na elaboração interior e funciona como esquema de referência para o sujeito. (SCHUTZ apud MINAYO, 1995 p. 95).

Neste sentido é necessário refletir, que no senso comum os conteúdos não são estáveis e consensuais, ao aprofundar a análise, nos deparamos com a lógica, com a coerência, como também com a contradição. É uma atividade de interpretação contínua e que aparece nos espaços de interação, com os conteúdos que circulam na nossa sociedade e que podem vir de produções culturais mais remotas, no sentido de manter a identidade coletiva constituinte do imaginário social (SPINK, 1995, p. 123).

Sobre as representações sociais é necessário estar atento para o aspecto do conformismo e sua abrangência de acordo com os diferentes grupos sociais, bem como os aspectos geradores das mudanças que coexistem com o conservadorismo no senso comum e a

análise das diferentes concepções de mundo, de qualquer grupo social, em que há uma culminância na ação coletiva, tornando-se história completa e concreta, na qual contém elementos de tradição e de mudança.

Destacamos como informação privilegiada, a de que a função usual das representações sociais, refere-se ao fato de que nossas ações são motivadas, guiadas, planejadas e justificadas em prejuízo de nossas estruturas simbólicas, portanto, resistência é uma parte essencial, fator criativo e tem como função a segmentação social em diferentes subculturas, pois mantém sua autonomia, resistindo às inovações simbólicas que elas não produziram, elas emergem onde existe perigo para a identidade coletiva, quando a comunicação subestima as regras que um grupo social se colocou (SÁ, 1996, p. 44-45).

Há características que geram referências para uma representação social: citamos as que sempre são as referências de alguém para alguma coisa, o caráter imaginativo e construtivo, a autonomia e criatividade, a natureza social dos elementos que as estruturam e representam e que advêm de uma cultura comum. É por isso que devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais, integrando a cognição com a linguagem e a comunicação, as relações sociais que afetam as representações sociais e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 76).

Para as ciências sociais, representação social é um termo filosófico e define categorias de pensamentos que expressam a realidade explicando, justificando ou questionando, rompendo com dualidade ciência-verdade e senso comum-ilusão e misturando a teorização com a pesquisa empírica. A sociedade se exprime simbolicamente em seus costumes e instituições através da linguagem, da arte e da religião, como através das regras familiares, das relações econômicas e políticas, portanto, é objeto das ciências sociais tanto a coisa, o fato, como as suas representações.

A teoria explica o fenômeno a partir de uma perspectiva coletiva, sem perder de vista a individualidade interacionista simbólica, visto que tem a finalidade de classificar, categorizar e nomear novos acontecimentos, pois as representações que são fabricadas demonstram um esforço para tornar real algo que é incomum. Está alicerçada sobre uma teoria dos símbolos que é considerada como forma de conhecimento social que possuem duas faces interligadas o lado figurativo, ou lado imageante e o lado simbólico que são produtos de um EU plenamente desenvolvido e que vai além de si mesmo para o conjunto da humanidade, fenômeno mediador entre indivíduo e sociedade.

As representações sociais objetivam transformar o desconhecido em conhecido, o não familiar em familiar. Tornar o estranho, o perturbador em algo próximo, íntimo, é seu intuito. Esse processo transformador é determinado pela linguagem, imagem e ideias (MOSCOVICI 2015, p. 54).

A sociedade é representada por grupos e todos podem falar com a mesma competência, onde a representação social é o senso comum acessível a todos, sendo este universo constituído principalmente na conversação informal da vida cotidiana. Percebe-se as representações como entidades quase tangíveis, presentes na realidade e que se manifestam em palavras e expressões, em produções e consumo de objetos, correspondendo a uma substância simbólica que entra na elaboração da linguagem.

Na sociedade atual as representações sociais são equivalentes aos mitos e crenças. Nas sociedades chamadas primitivas, remetem-se, portanto, à maneira que os homens pensam, agem, procuram compreender o sentido de suas ações e pensamentos. Seu estudo se focaliza na maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam e resolver os lugares comuns (MOSCOVICI, 2015, p. 217).

Como referência para nossas análises, denominam-se representações hegemônicas<sup>8</sup> as que são caracterizadas por transpassarem os grupos e apresentarem estabilidades estrutural e temporal, pois se ancoram nas crenças e valores culturalmente difundidos e compreendem como o conhecimento novo se articula com o conceito pré-construído, com a proposta de transformar o estranho em familiar e encontrar a relação que os grupos e os indivíduos estabelecem por meio de um código que permite nomear e classificar os aspectos do ritual do corpo na promessa, que irão orientar a prática e o discurso dos devotos.

Na base da Teoria das Representações Sociais há dois processos que geram as representações sociais que são a ancoragem e objetivação, que conseqüentemente propiciam a familiarização do desconhecido. Em nosso estudo cruzamos os dados relevantes por nós evidenciados e advindos dos rituais de promessa do catolicismo, através da expressão corporal, da observação participante e dos registros adquiridos pelas entrevistas com os devotos.

O princípio da ancoragem ou da familiaridade foi enunciado por Vico, no século XVIII, ‘Quando o homem não é capaz de formar uma ideia sobre qualquer coisa distante ou

---

<sup>8</sup> As representações hegemônicas prevalecem implicitamente em todas as práticas simbólicas ou afetivas (cf. BÔAS, 2010).

desconhecida, julga tal coisa no quadro do que lhe é familiar'. Moscovici (2015) atualizou o conceito de ancoragem como sendo o processo que integra uma coisa estranha ou perturbadora no nosso sistema particular de categorias e o compara ao protótipo da categoria que julgamos adequado, tornando-o familiar, o processo <sup>9</sup> ao qual se transfere o estranho para um referencial que possibilita sua interpretação e comparação, através de uma relação entre categorias e rótulos.

Ancoragem é o processo pelo qual se classifica ou se dá nome a algo não familiar a algo que não tinha nome, não apenas rotulando, sendo capaz de imaginá-lo e rerepresentá-lo para facilitar a compreensão e formar opinião. Mantém a memória em movimento e desta soma de experiências e memórias comuns, são extraídas as linguagens, as imagens e os gestos necessários para superar o conflito gerado pelo saber que não é familiar.

O indivíduo pode deparar-se com o não familiar quando as fronteiras ou convenções desaparecem, quando as distinções entre abstrato e concreto se tornam confusas, quando qualquer comportamento, pessoa ou relação impedem-no de reagir de maneira habitual, fazendo com que não encontre aquilo que esperava, permanecendo com uma sensação de incompletude e imprevisibilidade. O processo de ancoragem acontece num contexto inteligível, onde coisas que não são classificáveis e denominadas estranhas, não existem e são ao mesmo tempo ameaçadoras, mesmo que cada objeto tenha um valor graduado, positivo-negativo, sem neutralidade.

A representação apresenta duas faces indissociáveis, uma é figurativa e a outra é simbólica, fazendo compreender em toda figura um sentido e em todo sentido uma figura e nesta duplicação de sentidos, uma caracterização deste processo é o da objetivação<sup>10</sup> que dá forma ao objeto, dá uma materialidade ao objeto abstrato tornando-o concreto, produzindo um conceito para que assim fique mais fácil falar por esta associação, pois o propósito de toda representação é de transformar o não familiar em familiar.

O primeiro passo é transpô-los, é reduzir o objeto ou uma pessoa a uma categoria, rotulando-o. A partir desse marco, passa-se a emitir opiniões, falas e avaliações, mesmo que superficiais, tornando possível sua representação no mundo familiar, dando sentido ao que é concreto. Um exemplo clássico de objetivação é quando comparamos Deus a um pai, ao fazê-lo materializa-se o abstrato, passando a tratá-lo com naturalidade e familiaridade (PATRIOTA, 2007).

---

<sup>9</sup> Ancorar é encontrar um lugar para encaixar o não familiar, é pegar o concreto e lhe atribuir um sentido. Ancorar seria classificar, nomear, rotular e, obviamente, representar (cf. BÔAS, 2010).

<sup>10</sup> Na objetivação ideias abstratas transformam-se em imagens concretas, elas são modalidades de pensamentos práticos para compreender o ambiente social, material e ideal (cf. BÔAS, 2010).

Sendo por meio do processo de objetivação que o abstrato se transforma em concreto, os conceitos ou ideias se transformam em algo real, a imagem materializa-se e acoplam-se palavras às coisas, o convencional passa a ser considerado indicador de fenômenos comprovados, o símbolo passa a ser signo<sup>11</sup>, a palavra torna-se uma extensão do real, a ideia passa a ser não um produto intelectual, mas sim um reflexo do real, o invisível faz visível e perceptível.

Há no processo da objetivação<sup>12</sup> a confecção de um cenário familiar ao que no passado era desconhecido, ocorrendo em duas fases, onde a primeira relaciona o conceito com a imagem e as palavras são incorporadas no núcleo figurativo, uma estrutura de imagem que reproduz uma estrutura conceitual de uma maneira visível, o que facilita a comunicação do que está sendo representado, que deixa de ser uma entidade abstrata e assume uma existência com caráter autônomo. A segunda fase ocorre quando os elementos do pensamento são transpostos para a realidade, não havendo mais separação entre a representação e o objeto representado.

Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia ou ser impreciso, produzir um conceito de uma imagem. (...) Uma vez que a sociedade tenha adotado tal paradigma ou núcleo figurativo, fica mais fácil falar sobre qualquer coisa que possa ser associado ao paradigma e por causa dessa facilidade, as palavras referentes a eles são usadas mais frequentemente (SÁ, 1996, p. 47).

A objetivação cria uma estabilidade temporária e ajuda na localização de si próprio entre os demais, através de um senso de identidade social, que correspondendo, portanto à função de duplicar um sentido por uma figura, dar materialidade a um objeto abstrato, naturalizá-lo, corporificar os pensamentos, tornar físico e visível o impalpável, transformando em objeto o que é representado, elaborando conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior e para os outros.

Atualmente o estudo das representações sociais com processo, gera uma análise aprofundada do senso comum e conseqüentemente a percepção de diversidade, contradição, coerência e lógica. Podendo ser efetuado de duas maneiras distintas: o estudo de muitos ou o estudo de caso e este permite vislumbrar os mecanismos cognitivos e afetivos na relação representação-ação. No processo de representar o mundo através da consciência, duas

---

<sup>11</sup> O signo é qualquer coisa que está no lugar de algo para alguém, sob determinados aspectos ou capacidades, vinculados a um sistema de valores, de noções e de práticas (cf. COSTA, 2007).

<sup>12</sup> A objetivação consiste em uma operação imaginante e estruturante, pela qual se dá forma específica ao conhecimento acerca do objeto, tornando-o concreto, quase tangível (cf. SÁ, 1996, p. 47).

possibilidades podem ser exploradas, a direta onde o objeto é perceptível ou sensível e onde o objeto está presente e a indireta, onde o objeto se encontra ausente e será preciso representá-lo. Em ambas, as questões importantes são de cognição e de comunicação, pois o objetivo é clarificar a realidade do grupo diante das mudanças e das permanências da vida social.

As sociedades modernas são caracterizadas por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem. Nelas, a representação não é a única, mas sim uma das formas de apreender a realidade, onde as representações coexistem com o pensamento filosófico e técnico-científico, podendo ser influenciada ou contrariamente, opor-se a essas concepções. O argumento é reforçado quando entendemos que a representação social é o conjunto de explicações que se originam por meio das dinâmicas de comunicações interindividuais da vida cotidiana e que torna possível a reconstrução do real, uma visão que evolui com o tempo, elas se constituem num trabalho mental do sujeito e que tem como resultado a formação de uma imagem do objeto (SILVA, 2009).

Assim, quando uma pessoa expressa uma opinião sobre algo (objeto), deve-se presumir que já possui uma representação sobre o objeto e sua fala reflete um estímulo a algo já formulado. Isso nos dá a entender que a resposta não é uma reação ao estímulo<sup>13</sup>, mas, sua origem (MOSCOVICI, 2015, p. 45).

Existem dois modos diferentes e relacionados de compreender a importância da memória coletiva, uma que afirma que o passado é representado para que a identidade de grupo seja mantida, a imanência do relato é considerada como conteúdo. E a outra, está na memória coletiva que simplifica e encara os eventos de uma perspectiva única e comprometida, é impaciente com as ambiguidades de qualquer tipo e reduz eventos a arquétipos místicos (LÁSZLÓ, 2015, p. 237).

A categorização dos indivíduos em termos de uma única dimensão, por exemplo, a sua fé religiosa, ignora o fato de as pessoas serem sempre indivíduos complexos e multifacetados que selecionam as suas identidades a partir de uma vasta gama de alternativas econômicas, culturais e ideológicas. A teorização da relação individual social com os grupos tem por isso de ser redefinida de modo a considerar esta noção de pertença a grupos múltiplos e voláteis (ARRUDA, 2015, p. 119).

Os processos fundamentais para explicar a hibridação são a quebra e a mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos

---

<sup>13</sup> Nossas reações aos acontecimentos e nossas respostas aos estímulos, estão relacionadas à determinada definição comum a todos os membros de uma comunidade a qual pertencemos (cf. COSTA, 2007).

e a expansão dos gêneros impuros, através dos quais é possível precisar articulações entre modernidade e pós-modernidade, entre cultura e poder. Com o pluralismo da produção de híbridos relativos às teorias, ideias, instituições, objetos e pessoas e as formas diversas de vida dentro de uma sociedade e que dentro do contexto de nossa pesquisa, objetivamos elencar as categorias evocadas pelos sujeitos devotos, dando visibilidade e disseminando suas ideias, como um indicador da subjetividade e ampliando para a construção de significados.

O terno híbrido bem como hibridização tem sido bastante utilizado em detrimento aos termos sincretismo e mestiçagem, a mestiçagem estaria principalmente associado à mistura de raças, no sentido, portanto de miscigenação, enquanto sincretismo à mistura de diferentes credos religiosos (SILVEIRA, 2014, p. 345).

Diante da preocupação com a origem do curso da fala, do significado, da compreensão ou aplicação, do mesmo modo como no conhecimento científico, existe a necessidade de compreender quais são os pontos sobre os quais se fala, com o objetivo de ilustrar, relembrar e reorganizar como imagem o conceito. Pois os discursos, crenças e representações sociais provêm de representações elaboradas e derivadas de processos de pensamentos anteriores, concepções primárias de aplicação regular até chegarem ao nível de argumentação cotidiana ou acadêmica na sociedade.

Implicando na noção-tema, produzindo conceito interpretativo de sentido para combinar os atributos do objeto aos campos de contexto aplicado. Quando então os temas (thêmata)<sup>14</sup> entram nos discursos, então a linguagem, as imagens, as interações e as escolhas éticas são todas mobilizadas, passando a contribuir para a formação de novas representações e isso acontece ao longo do curso da história quando elas são questionadas e se tornam foco de atenção e uma fonte de tensão e conflito, podendo nunca serem trazidas ao pensamento social, apesar de existirem sempre, com a possibilidade de serem encaradas como irreflexivas (MARKOVÁ, 2015, p. 96 - 97).

Sendo assim, surgem as palavras polissêmicas que podem ter conteúdos com significados diversos, com elementos de coesão e consenso, sendo possível ser estudadas como categorias da realidade ou como thêmata<sup>15</sup>, mais do que como elemento de conteúdo.

---

<sup>14</sup> Thêmata ordena as ideias e as imagens conferindo-lhes um sentido e garantindo a sua coerência, refere-se de um modo mais geral a processos orientados para temas comuns e formas de elaboração de conhecimentos como ideias primeiras admitidas e que estariam na base da cognição (cf. ALAYA, 2015, p. 142).

<sup>15</sup> A desigualdade histórica entre homens e mulheres é um exemplo de *Thêmata* nesta concepção, ela pode tornar-se uma fonte de tensão e deixa de existir o acordo e transparecem as dicotomias existentes. Demarcação

Nesta diversificação repleta de tensão dialógica e de diferentes perspectivas, podem ser encaradas como interdependentes e capazes de alterar os fenômenos, a depender do contexto e da perspectiva do argumento, mediante outras condições de vida social.

A representação social deve ser analisada a partir da trajetória icônica e linguística das ‘ideias-fonte’ que são possíveis de serem demonstradas por esquemas, transmitidas na sociedade e que se estabelecem a partir das dimensões articuladas de informação, atitude e campo de representação ou imagem. Essas três dimensões articuladas, se transformam em instrumento de interpretação da realidade, atreladas a uma necessidade de adaptação e de manutenção do equilíbrio sócio cognitivo que configura ao sujeito coletivo, uma identidade social e é justamente por causa dessa necessidade que as representações apresentam funções sociais ligadas tanto à relação sujeito-objeto quanto à interação social a partir da descrição, classificação e explicação da realidade.

A dimensão da informação refere-se à organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social, sendo a mais recorrente das dimensões, pois, o indivíduo se informa e representa algo após ter tomado uma posição. É possível haver a dispersão da informação disponível e necessária para a compreensão sólida de um problema ou objeto, pois as informações não circulam da mesma forma, como não circulam o mesmo tipo em todos os grupos sociais.

A dimensão do campo de representação<sup>16</sup> remete-se à ideia de imagem e modelo social, ao conteúdo concreto e limitado de proposições acerca de um aspecto preciso do objeto de representação, permitido através dele a elaboração de uma identidade social e pessoal gratificante, compatível com o sistema de norma e valores e que desempenha o papel de controle pela coletividade. Este objeto pode ser de natureza material ou ideal está no lugar e confere significado a construção do sujeito do ponto de vista cognitivo ou nos mecanismos psíquicos ou motivacionais, a partir do pertencimento e da cultura.

A dimensão da atitude focaliza a orientação global em relação ao objeto da representação social, uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada com o objetivo prático de construção de uma realidade comum a um conjunto social. Guiam comportamento e práticas, se constituído de ações sobre a realidade, através de seleção e

---

encontrada entre o discurso científico ou não científico ancorados em crenças, a linguagem então fundamenta a integração dos temas em uma ou em mais noções (cf. MOSCOVICI, 2015, p. 247).

<sup>16</sup> Dimensão denominada campo de representação diz respeito à estrutura, organização e ordenação das proposições relativas a este objeto (cf. SÁ, 1996, p. 31).

filtragem de informações, ficando então a neutralidade proibida pela lógica do sistema em que cada objeto deve ter o seu valor.

Em nosso caso nos valem da Teoria das Representações Sociais para a apreensão das múltiplas visões dominantes na sociedade, às vezes inconsciente pelo indivíduo dentro da sua dinâmica. Pois no caso de rerepresentar, carrega além da imagem um sentido simbólico, que substitui e confere significado que são partilhados por pessoas, influenciando-as e com um papel importante de explicar a realidade, trazendo uma identidade para o indivíduo no grupo, prescritiva de práticas obrigatórias, bem como justificadora para tomada de posição ou comportamento.

## **1.2 Representação social, Religião e o Corpo**

Na tentativa de caracterizar o valor simbólico no que diz respeito à identidade do ser humano, da religião e a concepção de corpo no catolicismo, como são sentidos e interpretados, nos embasamos em estudos de cientistas da religião e dos discursos contemporâneos, cruzando abordagens que ora se aproximam, ora se distanciam para ampliar o diálogo com esta pesquisa.

Trata-se de estudo que se localiza na linha de pesquisa do Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade<sup>17</sup>, privilegia como centro de interesse, o corpo nos rituais de promessa do catolicismo na cidade do Recife/PE e as representações sociais que advém destes sujeitos para com o objeto, as dimensões de corpo, as representações dos devotos<sup>18</sup> diante do pagamento de promessa, os símbolos e os demais elementos que a caminhada nos trouxe, aos quais acreditamos que foram coerentes com o nosso propósito.

Refletimos aqui sob o fundamento de que uma representação social é uma construção e uma expressão do sujeito que integra na síntese dos seus processos cognitivos e afetivos, o seu senso de pertencimento, a participação social, cultural e o saber prático, servindo para agir sobre o mundo e sobre os outros. As representações sociais têm como função a de saber e explicar a realidade, integrada a um quadro assimilável e compreensível dos saberes práticos do senso comum. Apontando-se como função orientadora quando guia o comportamento e as práticas, definindo o que é prioritário, o tipo de relação pertinente, fazendo uma seleção e uma

---

<sup>17</sup> Definição de termo utilizada pelo Curso de Pós Graduação Mestrado da Universidade Católica de Pernambuco.

<sup>18</sup> Devoto, o principal agente social a promover a fé no santo ou a Deus na medida em que divulga as graças e milagres recebidos por seu intermédio e confirmam sua crença através da dedicação e obediência.

filtragem, sendo prescritiva de comportamento ou de práticas obrigatórias e permitindo posteriormente a justificativa da tomada de posição adotada diante do contexto.

Diante da investigação do acervo teórico, não são as representações de sociedades primitivas, nem reminiscências no subsolo da nossa cultura, de épocas remotas que são as de interesse para o estudo na Teoria da Representação Social e para este estudo em particular e sim aquelas que estão na sociedade do presente, do solo científico, político e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as transformassem em tradições imutáveis.

Como campo de investigação extenso dos objetos culturalmente construídos através da longa história da humanidade, materiais de procedência diversa e seus equivalentes modernos provêm do fundo cultural acumulado na sociedade ao longo de sua história, que circula através de toda sociedade sob a forma de crenças amplamente compartilhadas, de valores considerados como básicos e de referências históricas e culturais que conformam a memória coletiva e até a identidade da própria sociedade (SÁ, 1996, p. 39).

Em nossa pesquisa estudamos o estado multidimensional da representação social do corpo no ritual da promessa no catolicismo, que perpassa por várias perspectivas entre elas, a que considera a prática social do devoto, a dinâmica do jogo nas relações intergrupais ou de um sujeito portador das determinações sociais responsáveis em última instância pela produção das representações; é nesta possível delimitação de território e multiplicidade de perspectivas que a análise das entrevistas se deu.

Nos santuários católicos acompanhados neste estudo, as práticas devocionais estão inseridas dentro de uma estrutura de plausibilidade que permite aos devotos, a permanência dentro de um sistema religioso e estas práticas, significam a confirmação de uma crença no santo, que recebe a interação dos demais devotos através do relato dos milagres e das graças alcançadas. Envolvidos na ideia de que os rituais de promessas no catolicismo expressam a representação do corpo como produto da atividade simbólica<sup>19</sup> que vai além de si mesmo, como fenômeno mediador entre o indivíduo e o sagrado. Estes símbolos pressupõem a capacidade de evocar presença apesar da ausência, provocam uma fusão entre sujeito e objeto e através deles, coisas diferentes podem significar umas as outras e podem mergulhar umas nas outras (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 74).

---

<sup>19</sup> A construção simbólica é simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo, que estão presentes nas representações sociais e encontra a sua base na realidade social (cf. LE BRETON, 2013).

Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica de Mundo, não somente torna o Mundo ‘aberto’, mas também ajuda o ser humano religioso a alcançar o transcendente. E é graças aos símbolos que o humano sai de sua situação particular e se ‘abre’ para o geral e o universal.

Neste sentido, objetos e pessoas podem ser revestidos de aspectos sagrados, isto é, o profano pode ser transmudado pelo homem e receber um novo significado e para o homem que vive a experiência religiosa, o sagrado dota sua vida de significado (ELIADE, 2001, p. 19).

No todo, a dinâmica dos relacionamentos é uma dinâmica de familiarização, onde objetos, indivíduos e eventos são percebidos e compreendidos em relação a encontros ou paradigmas prévios. Ao delimitar o objeto, se estabelece um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a este grupo. Assim, a memória predomina sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a realidade (SÁ, 1996, p. 48).

A existência do *homo religiosus*, sobretudo do primitivo, poder-se-ia chama-la uma ‘existência aberta’, porque não é limitada estritamente ao modo de ser do homem. É aberta para o mundo, vivendo, o homem religioso nunca está sozinho, pois vive nele uma parte do mundo. Permite conhecer-se e conhecer o Mundo e esse conhecimento é precioso para ele porque é um conhecimento que se refere ao Ser (ELIADE, 2010, p. 136).

Pela dimensão da experiência religiosa católica no Brasil hoje, Brandão (2009), fala que o povo brasileiro em seu profundo respeito pelas coisas de Deus e da religião, cria e recria a partir das doutrinas normatizadas pelas instituições religiosas e para além delas, seu próprio universo religioso, seus ritos<sup>20</sup>, preces, crenças e costumes (p.189). Bem como para Silveira (2014), toda religião implica uma mobilização da memória coletiva, constituindo-se num dispositivo prático, simbólico e ideológico e que na modernidade religiosa há novas possibilidades de crer e pertencer possíveis de serem efetivadas: crer sem tradição e pertencer sem crença. Apresentando um caráter ambivalente da religião, pois há de um lado o desejo da tradição e do outro a subjetividade do self-sagrado, ela reencontra-se com a ciência holística, a emoção é a via de acesso ao fenômeno. Ora centrado na experiência e emoção com o

---

<sup>20</sup> No catolicismo o ritual é aquilo cujos propósitos e símbolos concentrados em cerimônia e mitos, têm algo a ver com uma expressão do sagrado, seja ele mágico ou religioso em seu sentido mais amplo (cf. BRANDÃO, 2009, p. 129).

engajamento do corpo e dos sentidos, ora na racionalidade moderna com o contato com a sociedade e a cultura (p. 350).

Para fazer o contraponto e dialogar com a pesquisa, trazemos Eliade (2010) e nele, é a experiência do sagrado que funda o mundo e mesmo a religião mais elementar é, antes de tudo, uma ontologia. Na medida em que o inconsciente é o resultado de inúmeras experiências existenciais, não pode deixar de assemelhar-se aos diversos universos religiosos. Pois, a religião é a solução exemplar de toda crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental e, portanto, valorizada como revelação recebida de um outro mundo, transumano. A solução religiosa não somente resolve a crise, mas ao mesmo tempo torna a ‘existência aberta’ a valores que já não são contingentes nem particulares, permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo do espírito (p. 171).

Diante da importância da ciência como um centro que regula o conhecimento a religião possui um capítulo de destaque, partindo de perspectivas diversas há um entendimento que ela constitui-se, portanto, em um dispositivo tanto simbólico, quanto ideológico. No caminho de buscarmos então, identificar aspectos significativos da relação do uso do corpo no ritual de promessa, nas influências do espaço social e no tempo histórico, estamos conscientes de que o ser humano é produtor de saberes e conseqüentemente um agente de mudança.

São diversas as abordagens sobre o corpo na perspectiva ocidental e são reflexo dos valores e das crenças das sociedades, trazemos um panorama inicial e aprofundaremos no segundo capítulo. Schmitt (2014) apresenta uma concepção Aristotélica, que contra todo dualismo<sup>21</sup>, o ser humano é constituído de um único ser, onde a matéria e o espírito são os princípios consubstanciais de uma totalidade determinada, sem solução de continuidade, por sua mútua inerência: não duas coisas, não uma alma que têm um corpo ou move um corpo, mas uma alma encarnada e um corpo animado, de maneira que a alma é determinada, como forma do corpo, até mais íntimo dela mesma, a tal ponto que, sem corpo, ser-lhe-ia impossível tomar consciência de seu próprio ser (p. 309).

---

<sup>21</sup> A origem da visão dualista sobre o mundo é muito antiga, com Platão no século (IV a. C.), recebeu uma vigorosa reformulação teórica, distinção platônica entre ideias e coisas. As coisas pertencem ao mundo sensível e as ideias pertencem ao mundo da realidade divina, eterna e imutável.

Com Marzano-Parisoli (2004), um corpo se estende no espaço e ele é como dizia Descarte, partes extra parte, ao mesmo tempo em que é extenso, resistente, pesado, opaco e sujeito às leis do universo material, o corpo humano não é um corpo como os outros, pois é antes de tudo um corpo aberto ao exterior: sua superfície é a pele, e a pele o coloca em contato com o mundo e os outros corpos. Ele é antes de tudo uma coisa, mas que é minha, ou antes, que eu sou. O que há de único num corpo humano é, de fato, que ele é encarnação de uma pessoa: ele é o lugar onde nascem e se manifestam nossos desejos, nossas sensações e nossas emoções: ele é o meio pelo qual podemos demonstrar que tipo de seres morais nós somos (p. 13-14).

Em uma abordagem sociocultural, o corpo inserido na cultura está alerta às circunstâncias ambientais, políticas, religiosas, com atitudes consciêntes e inconscientes, um sistema aberto. Em uma abordagem psicológica o corpo é um intermediário entre o estímulo e a resposta, a causa e o efeito. Em uma abordagem psicossocial, o corpo serve como elemento de comunicação humana complexa e com processos adaptativos existências de ação e reação. No contexto teológico, existe um elo entre o princípio corporal ou carnal e o pecado original, de um homem que tem uma alma e um corpo. Portanto, cheio de valores simbólicos, os corpos tornam-se objetos e constituem-se assim lugares privilegiados do sagrado.

Em nosso estudo, realizamos um esforço na perspectiva de descrever e interpretar até mesmo os estímulos físicos deste grupo específico, com o objeto de nossa pesquisa o “corpo”, para que se tornasse possível elucidarmos as representações sociais na relação direta entre o ritual e o contexto mais amplo das relações sociais, dado a natureza do objeto e a complexidade do fenômeno, torna a análise dos dados bastante abrangente.

### **1.3 Representação social e procedimentos metodológicos**

Com o propósito de sermos coerentes em nossos escritos e sob o prisma da Teoria da Representação Social, nos valem de todos os referenciais teóricos aqui inseridos, a fim de aprofundar as ideias sobre este estudo e trazer para as análises deste texto os dados empíricos. Usamos uma metodologia que abriu espaço à interpretação, possibilitando a emergência dos significados da esfera simbólica e do desvelamento das intencionalidades, triangulando metodologias e estratégias de validação, combinando técnicas múltiplas, de forma a fortalecer a interpretação dos dados obtidos.

O olhar sobre a realidade para produzir conhecimento através do senso comum, se delinea a partir dos debates existentes entre o plano do campo simbólico e a reelaboração deste conhecimento, neste sentido, as representações sociais provenientes destas ações são dotadas de um alto poder criativo da realidade e considera toda e qualquer atividade do sujeito social. Para Moscovici (2015), toda explicação depende primariamente da ideia que nós temos de realidade. – Quando respondemos ‘por quê?’ começamos de uma representação social ou de um contexto geral.

Sendo assim, tratamos de responder questões como: - Qual a representação de corpo dentro do ritual do pagamento da promessa no catolicismo? - Como o devoto entende que deve ser realizado o ritual da promessa? - A linguagem corporal é realçada para simbolizar a relação entre o sujeito que cumpre a promessa e o sacrifício imposto ao corpo? - Quanto mais sacrifício imposto ao corpo no ritual do cumprimento da promessa, será maior o mérito da graça alcançada? - Existe um padrão preestabelecido de conduta para expressar com o corpo a graça alcançada, para ser vista pelo santo? - Se existe um modelo, este é reforçado pela igreja?

Além de nos valermos do acervo teórico o fizemos também pela aproximação com o fenômeno<sup>22</sup> do pagamento da promessa dos devotos em Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Carmo e Frei Damião de Bozzano<sup>23</sup>, pelas entrevistas, uso da observação participante que é um importante recurso metodológico em busca de percebermos como vivenciam suas práticas devocionais, como as objetivam e as ancoram e como isso contribui para a conservação do *habitus*<sup>24</sup> no campo religioso brasileiro.

Fizemos a imersão no fenômeno para coletar os dados em situação dos rituais de promessa e fazemos entrevistas semiestruturadas privilegiando a abordagem qualitativa, com roteiro de entrevista e perguntas abertas<sup>25</sup>, para validar o conhecimento do sujeito situando-o como teia de significados. Pois demos notoriedade ao tratarmos o valor simbólico e o poder

---

<sup>22</sup> Fenômeno: na filosofia contemporânea, a partir das investigações lógicas (1900-1901) de Husserl, começou a indicar não só o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência.

<sup>23</sup> Nas bibliografias sobre Frei Damião de Bozzano as romarias são citadas como acontecimento desde o início da década de 1990. Esta informação também converge com os relatos obtidos entre romeiros no próprio santuário (cf. SILVA, 2015, p. 83).

<sup>24</sup> Bourdieu (1973) apresenta o *habitus* como um sistema de disposições duráveis e transferíveis que é depositado em todo ator social desde a primeira infância que proporciona a prática sem razões explícitas e sem intenção significativa (cf. MINAYO, 1995, p. 104).

<sup>25</sup> Ver o roteiro nos anexos deste estudo consta ainda todas as entrevistas na íntegra que foram gravadas, transcritas e analisadas e que fazem parte deste estudo e pode ser disponibilizada para fins de estudo em momentos posteriores.

associativo das ideias expostas pelos sujeitos e tratarmos de propor a categorização de itens evidenciados pelos devotos.

A esse respeito, a entrevista é um instrumento privilegiado de coleta de informações, é a possibilidade da fala ser reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos, ao mesmo tempo ter a magia de transmitir através de um porta-voz as representações de um grupo determinado em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas. Formando um círculo de teoria, epistemologia e metodologia que se influenciam mutuamente, gerando um processo permanente de reflexão. A decisão sobre o método<sup>26</sup> determina que aspecto do fenômeno possa ser real, por que as coisas se mostram como realidade somente quando se interagem com elas (SPINK, 1995, p. 117).

Há uma organização simbólica entre indivíduos e grupos, entre o indivíduo e a sociedade, entre o quantitativo e o qualitativo, entre o mundo das experiências das pessoas comuns e o micromundo científico; as diferenças individuais estão no grupo e são organizadas e tais variações sistemáticas são ancoradas a outros sistemas sociais de relação simbólicas. As representações sociais são elaborações coletivas de objetos sociais por parte de uma comunidade para estruturar o comportamento e a comunicação acerca dos mesmos (ROSA, 2015, p. 277).

A representação social não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização de significados que funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas (SÁ, 1996, p. 36).

Diante da relação do espaço social, através do universo simbólico do falar e do agir das pessoas e dos testemunhos dos devotos, buscamos esclarecer os mecanismos que são empregados no produto e no processo da atividade mental, pela qual o indivíduo ou grupo reconstitui o real com que se confronta e lhe atribui uma significação específica, gerando categorias descritivas e interpretativas ao contexto. Destacamos na pluralidade dos processos e funcionamentos, em nível do indivíduo, a elaboração de suas tomadas de posição em função de uma inserção específica em um campo social, pois para estabelecer a estrutura das representações, é necessário estabelecer a configuração por três dimensões: informação, atitude e campo de representação ou imagem.

---

<sup>26</sup> Descrição e explicação, que não se separa da realidade e serve como caminho do pensamento nas pesquisas sobre as representações sociais (cf. MINAYO, 2016).

A informação<sup>27</sup> se refere à organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social. É o primeiro na ordem, visto que as pessoas se informam e depois tomam uma posição. A dispersão das informações disponíveis para a compreensão sólida de um problema ou objeto, não é sempre claramente definida, ora ambígua e imprecisa, pois não circulam da mesma forma nem em todos os grupos, como também não se manifestam para todos. A atitude termina por focalizar a orientação global em relação ao objeto, sendo a mais frequente das três, pois as pessoas se informam e posteriormente tomam uma posição para representarem algo. O campo de representação remete-se ao conteúdo concreto, a ideia de imagem, acerca de um aspecto preciso do objeto da representação.

As representações não estão nunca limitadas a uma simples descrição de seus conteúdos, sem falar da estranha ideia que nos faz conceber a memória como um enorme armário com escaninhos para situações pré-conhecidas e pré-ordenadas do qual seria possível retirar as coisas conforme as circunstâncias exigem (MOSCOVICI apud COSTA, 2007).

Para analisar o complexo da representação social deste estudo, unimos os elementos simbólicos, mentais e comportamentais, que somente adquirem sentido, quando vistos como um todo e simultaneamente originando seus próprios conceitos, pois o grupo está colocado no centro dos processos representacionais, como objetos objetificados de representações e como instâncias de lutas, de classificação e categorização<sup>28</sup>.

Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias, não somos (apenas) automatismo, nem estamos num isolamento social: partilhamos esse mundo com os outros, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis porque as representações sociais são tão importantes na vida cotidiana. Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais (JODELET, 2001, p. 17).

Na proposta de apreender as representações sociais presentes nas falas e nas entrevistas, que tínhamos o papel de identificarmos a representação do indivíduo no contexto

---

<sup>27</sup> Dimensão denominada informativa refere-se à quantidade, tipo, organização e comunicação das informações que o sujeito social possui acerca de um dado objeto. A denominada atitudinal, refere-se à tomada de posição e a denominada campo de representação, refere-se à unidade hierarquizada dos elementos (cf. SÁ, 1996, p. 31).

<sup>28</sup> Staerklé (2015) aponta que para tratar as representações sociais antagônicas, esta seja uma via promissora para os temas de diversidade, pluralismo e desigualdade que estão presentes na sociedade contemporânea ocidental (p. 229).

social, o que pensam, definindo um espaço explicativo<sup>29</sup>, como também o de identificarmos as informações do depoimento em relação com a ação física e corporal realizada para a conclusão de suas promessas de fé e assim analisarmos as respostas representadas, sendo necessário portanto:

Elaborar categorias descritivas e interpretativas que colham com justeza o que é típico da cultura, da história e da experiência humana dessa nossa gente brasileira, oferecendo um sistema explicativo, elaborado e completo (VALLE, 1975, p. 25).

Neste estudo trataremos igualmente a narrativa como elemento importante e utilizaremos os dados verbais e observação empírica do cotidiano para orientar as nossas análises do comportamento explícito, ligados por uma relação causal intencional. Pois nas condutas ordinárias da vida ainda que pareçam automáticas e impessoais, estas são significantes para exprimir uma realidade objetiva. O princípio da contextualidade que implicará nas análises, um lado teórico que é preciso conhecer, e um lado prático, a universalidade, atento ao alargamento de perspectiva, sem uniformidade ou conformidade a um modelo único e predeterminado (LÁSZLÓ, 2015, p. 235).

A observação participante fez parte do delineamento desta pesquisa, apresentando um papel relevante no estudo das representações sociais, pois liberta da quantificação e da experimentação prematura, estimulada pela teoria e cercada de métodos para entender a gênese da representação social.

A realidade é caleidoscópica e a multiplicidade de métodos pode enriquecer a compreensão do fenômeno e da pesquisa, na medida em que permite a observação do objeto visto por vários ângulos: explicações cognitivas, investimento afetivo e demandas concretas derivadas das ações do cotidiano (SPINK, 1995, p. 128).

Valendo-nos da obtenção dos dados pelas entrevistas semiestruturadas, dando voz aos sujeitos envolvidos e tentando não impor concepções quando da tentativa de aprofundar um pensamento do entrevistado, respeitando tanto o contexto social, quanto o contexto histórico, também fizemos registros de imagens e sons, para aumentarmos a aproximação da realidade vivida pelos devotos, com os outros devotos e com o objeto da representação. Para

---

<sup>29</sup> Trata-se de um conjunto de conceitos ligados entre si para apreender particularidades do material analisado, elaborar pressupostos de interpretação e classificação, para explicar lógicas válidas e determinar conceitos teóricos que irão orientar as análises (cf. MINAYO, 2016, p. 83).

Eliade (2010) até o gesto mais habitual do simbolismo metafísico, pode significar um ato espiritual, isso quer dizer que toda experiência humana pode ser transfigurada, vivida num outro plano, o transumano (p.149).

Com os resultados obtidos nas entrevistas e na realização do levantamento dos temas ou das palavras mais citadas e os significados a elas atribuídos, onde nos focamos na análise centrada na totalidade do discurso<sup>30</sup>, com poucos sujeitos genéricos para poder representar o grupo. A leitura flutuante e a escuta do material gravado foi feita em detalhes, para encontrar os temas emergentes e elementos oriundos de possíveis contradições dos discursos, os detalhes sutis referentes ao investimento afetivo, à retórica e ao modo que argumenta os fatos. Apresentaremos mapas cognitivos que transcrevem as entrevistas e respeitam as dimensões de corpo e o fenômeno da promessa no catolicismo.

Membros de um grupo social dispõem de saberes implícitos e explícitos, ao racionalizar e justificar suas ações apresentado uma explicação sobre os seus modos de comportamento que pode ser objetivista habitus ou subjetivista - conhecimento representacional (WAGNER, 1989, p.163).

Levamos em conta que o comportamento e o pensamento dos sujeitos individuais só faz sentido se visto no contexto dos limites impostos por suas condições sociais, mas o padrão modal de comportamento individual não determina uma condição social específica. Para Wagner (1995), não é a pertença de um sujeito a um determinado grupo que faz com que ele se comporte socialmente da maneira como o faz, mas a sua representação mental dos fatos sociais (p. 164).

Para o enredo deste estudo, entende-se a importância fundamental da palavra como um símbolo de comunicação por excelência, capaz de representar o pensamento e possui a magia de transmitir através de um porta-voz as representações individuais ou ainda de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas. Portanto é considerada como fenômeno ideológico<sup>31</sup> por excelência, a palavra é um modo sensível de relação social, onde é possível confrontar valores sociais contraditórios. Apontamos para a nossa abordagem atual que:

---

<sup>30</sup> A análise centrada na totalidade do discurso é demorada e conseqüentemente esses estudos tem utilizados poucos sujeitos. Chamados assim de 'sujeitos genéricos' que, se devidamente contextualizados, tem o poder de representar o grupo no indivíduo (cf. SPINK, 1995, p. 129).

<sup>31</sup> É fato de que cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas diferentes de discurso na comunicação, que é determinada pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política (cf. MINAYO, 1995, p. 110).

A nomeação assinala a forma como os humanos criam sua realidade social, as fixam, as estabilizam e também dão início a outras. Um ser humano é um nomeador e através desta ação impõe limites, propriedades e estruturas de objetos, à pessoa ou ao fenômeno nomeado e para aumentar o impacto dos nomes, utiliza as metáforas como forma de objetificar ideias e transformá-las em realidade (MARKOVÁ, 2015, p. 94).

A quantidade de sujeitos entrevistados para a pesquisa em representação social pode ser de um número reduzido, em nosso estudo, totalizamos 15 entrevistados, pois a análise é centrada na totalidade do discurso, com poucos sujeitos genéricos que podem representar o grupo. Visto que a dificuldade metodológica está em trazer o entrevistado para o fechamento do discurso fora de qualquer interferência externa; todas as transcrições foram feitas manualmente, pois neste caso específico era uma exigência do método. Não poderíamos usar um programa que convertesse o material gravado em texto e era necessário estarmos atentos à emoção no discurso, as pausas e outras informações que um transcritor eletrônico poderia perder. Era fundamental a atenção à escuta do material gravado para encontrar temas emergentes e possíveis contradições do discurso, bem como aos detalhes sutis, referentes ao investimento afetivo; à retórica e ao modo como argumentavam os fatos.

Das observações sistemáticas extraímos matrizes de frequência observada, analisamos as correspondências que essas matrizes produziram e criamos agrupamentos gráficos ora no Google formulário, ora no editor de planilha Excel, que indicaram a diversidade e os padrões distintos das associações. Fizemos a transcrição das entrevistas utilizando documento do Microsoft Word 97-2003, que gerou 109 KB de dados de texto; todas as entrevistas foram gravadas no gravador de voz do Iphone 5, o Voice Memos em formato e gravação de áudio convertido no formato MPEG-4, que gerou aproximadamente 51 MB de dados de áudio que estão armazenados nas nuvens e disponível para outros estudos.

Começamos fazendo a análise de cada entrevista isoladamente e a transcrição sequencial, procurando as temáticas presentes e nem sempre evidentes na fala, mergulhamos na interpretação das falas ora pela visão do grupo e ora pela visão do indivíduo, para trazer o sujeito para ser o centro da teoria, entendendo assim o que estava para além do discurso. Encontramos seguramente, a ação corporal reproduzida pelo grupo conscientemente e outras vezes inconscientemente, evidenciamos que a transmissão se dava através da cultura familiar e também pela cultura midiática. As análises das entrevistas passaram a fazer parte de um todo, acrescido da observação participante, os registros fotográficos, de áudio e vídeo.

No desenvolvimento da pesquisa encontramos os elementos centrais compartilhados, que criam laços simbólicos que unem a representação ao objeto, ordenando os itens e

construindo um conjunto de elementos suficientes, capazes de estruturar os argumentos que exponham as interpretações de consenso e a crítica da contradição criativa, pois a diversidade e a contradição estão no estudo como processo da práxis.

Na representação social há o conceito explicativo para a avaliação do pesquisador que se refere ao sistema de conhecimento de indivíduos enquanto representativos de um grupo específico, o conjunto de elementos constantes identificados através da amostragem de vários indivíduos, numa amostra homogênea, sendo possível que os elementos comuns produzidos pelas pessoas na amostra, formem um sistema de conhecimento modal (WAGNER, 1995, p. 164-165).

A análise dos dados se subdividiu na leitura/escuta do material gravado e na leitura do material transcrito de todas as entrevistas, atento as contradições do discurso que divergiu em momentos com as ações observadas em campo. Visualizamos todo o material coletado, extraíndo as categorias, agrupando expressões e outras particularidades reais de como pensam e agem os sujeitos em situações concretas. Para o refinamento das discussões tratamos os elementos da pesquisa de campo com as representações dos devotos para compreendermos a prática do cotidiano, os elementos cognitivos e o investimento afetivo, resultado característico para esta pesquisa.

## 2. O CORPO E OS RITUAIS DE PROMESSA, HISTORICAMENTE E À LUZ DO CATOLICISMO

Para nosso estudo, achamos pertinente nos envolvermos no universo histórico do corpo inserido na sociedade para o aprofundamento e a reflexão acerca do fenômeno do ritual da promessa, trazendo a perspectiva dialógica com as outras áreas dos conhecimentos afins com o campo de pesquisa das Ciências da Religião. Algumas definições científicas serão necessárias para dialogar com as representações sociais, sabendo que na base da relação ritual de promessa, religiosidade e devoção, está o corpo, compreendendo como ele é captado e expresso no ritual pelos devotos e assim, ampliando esta reflexão.

Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso e compreender seu universo espiritual é fazer avançar o conhecimento geral do ser humano, que assume um modo de existência específica no mundo e apesar do grande número de formas histórico religiosas, ele acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende esse mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades, na medida em que é religiosa. Em Meslin (2014), todo ser humano é constituído ao mesmo tempo, por uma atividade consciente e por experiências irracionais, estruturas que são resultado das situações existenciais imemoriais e críticas. A reevocação de um acontecimento, age psicologicamente visando introduzir o fiel na existência de um modelo divino e também o introduz na realidade do modelo apresentado.

Na análise do homem com o divino, a religião e as diversas formas sob as quais ela é vivida pelo ser humano crente, entre ele mesmo e seu(s) Deus(s) é um fato universal do qual há registros em todas as culturas. Para captar e compreender os processos e as manifestações destas relações, Meslin (2014), diz que é preciso estudar o que os fiéis desta ou daquela religião acreditam e dizem de sua fé e de suas práticas, sabendo que não existe explicação que não se baseie sobre a explicação mais ampla possível, a fim de captar a essência, compreendendo as representações dos seres humanos e do lugar que ele acredita que ocupa no mundo.

É por uma religião que o homem se define no mundo e para com seus semelhantes, ela empresta um sentido e constitui para seus fiéis uma fonte real de informações. Funciona como um modelo para o mundo, de ações e de explicações, porque oferece resposta às três ameaças que pesam sobre toda a vida humana: o sofrimento, a ignorância e a injustiça (MESLIN, 2014, p. 29).

Sendo assim, toda religião se apresenta como um sistema construído por uma longa reflexão sobre os problemas fundamentais que o ser humano enfrenta, o sentido da vida, a morte, o amor, o bem e o mal. O sagrado se define na explicação da origem e da essência, da transcendência que se experimenta através dos ritos, dos símbolos e das projeções que são vividas como imanente, permanente e inseparáveis do ser humano.

No sentido de um comportamento religiosamente orientado, Eliade (2013) define a religião, como a solução exemplar de toda a crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental e, portanto, valorizada como revelação recebida de um outro mundo, o transhumano. A solução religiosa não somente resolve a crise, mas, ao mesmo tempo, torna a existência ‘aberta’ a valores que já não são contingentes nem particulares, permitindo assim ao homem, ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo do espírito (p. 171).

Nas culturas arcaicas e tradicionais, a experiência religiosa é vivida com a consciência de um mundo sobrenatural e de práticas que regem as relações entre o ser humano e o mundo. Do ponto de vista antropológico, cada religião constitui para os seus próprios fiéis a melhor resposta possível às próprias exigências da condição humana. Contra a concepção de religião elaborada num sistema conceitual e metafísico, imposta de fora para dentro, a religião é uma direção da alma orientada para o eterno. Meslin (2014) afirma, “não é nem pensamento nem ação, mas contemplação intuitiva e sentimento, sendo necessário pesquisar a intencionalidade dos ritos e dos símbolos” (p. 36).

O termo religião, oriundo do latim ‘*religio*’, não apresenta um entendimento da forma ideal ao longo da história da civilização ocidental, estruturada inicialmente num contexto de lenta e definitiva laicização, indicando um conjunto de normas, observações, advertências e interdições, não necessariamente relacionadas à adoração de divindades, tradições míticas ou celebrações rituais. O conceito de religião conheceu vários significados, que ampliaram as definições, mas sem nenhuma se impor universalmente, de Durkheim a Eliade, passando por Lévi-Strauss, Freud, Gramsci, entre outros, para chegar às formulações aqui apontadas.

Em Durkheim, toda religião é uma cosmologia e, como fator essencial de organização e funcionamento das sociedades primitivas, seria a base de toda a vida social; para Weber, uma forma entre outras dos homens se organizarem socialmente; para Gramsci um tipo determinado de visão de mundo que se situa entre a filosofia (religiosidade dos intelectuais) e o folclore (religiosidade popular), não se desligando, portanto, das estratégias de poder que organizam diferentemente as sociedades; para Lévi-Strauss, baseando-se no pensamento

selvagem, a religião pode ser definida como uma humanização das leis naturais, um antropomorfismo da natureza; para Freud uma ilusão coletiva, cujo objetivo é dominar o sentimento de impotência que todo homem experimenta frente às forças hostis; para Eliade a referência primordial, o sistema de mundo das sociedades tradicionais, berço privilegiado do *homo religiosus*.

Portanto, seja através da sociologia, da fenomenologia, da antropologia, da política ou da psicanálise, segundo seus autores clássicos, a religião se definia a partir de uma dicotomia sagrado/profano, inscrita numa racionalidade em cuja proposta, além de descritiva e classificatória, pouco se detinha na busca de explicações para o sentido específico das diversas formas de manifestações do que consideravam o fenômeno religioso. Brelich apontou exatamente a necessidade da base empírica para a formulação de um conceito abrangente e que levasse em conta as diferenças espaço-temporais, e, portanto históricas, das manifestações religiosas. Ao investigar a causa de tipo religiosa e entender o sagrado como esfera do incontrolável humano, o autor defende um procedimento de análise que procura a origem histórica do sistema tradicional mais antigo para chegar à substância mesma da religião (BRELICH apud HERMANN, 1997, p. 485 - 486).

A fé em sua manifestação dialética é mediatizada pelo conjunto de práticas diárias e históricas, onde a modernização e as mutações não ameaçam a sua dimensão religiosa, ainda por que esta fé é um ponto de partida em torno do qual vai se estruturando o sistema simbólico. Nos sistemas religiosos se estreitam os laços do ser humano religioso com o divino, ao mesmo tempo em que se vive a própria vida no tempo histórico presente, uma fronteira móvel que depende apenas do desejo da objetividade de sua fé e o sentimento de emoção que é transferido pelos fatos vividos.

## 2.1 Corpo e religiosidade

Na Cristandade medieval da história ocidental, uma sociedade profundamente marcada pela ideologia Cristã, que perdurou por quase dez séculos, as representações mais comuns na tradição do helenismo<sup>32</sup>, diz que o corpo é concebido como a parte material e perecível da pessoa humana, cuja existência vem da vontade criadora de Deus, em oposição à alma, ela também criada, mas imortal. O par de termos opostos *corpus e anima* é onipresente

---

<sup>32</sup> O período helenístico foi marcado pelo contato da cultura grega com outras civilizações, como os Fenícios e Persas. A ciência alcançou um grande desenvolvimento no período helenístico, não sendo ultrapassada nas suas realizações durante muitos séculos.

nos textos e pertence à época. Para efeito de representação dialética, em Tertuliano encontramos:

A carne é o gozo da salvação. É por ela que a alma se une a Deus, pois é ela que permite que a alma possa estar unida. A ablução<sup>33</sup> da carne torna a alma imaculada, a unção da carne consagra a alma, a imposição das mãos projeta sua sombra sobre a carne para que sua alma seja iluminada pelo Espírito, a carne se alimenta do corpo e do sangue de Cristo para que a alma se farte de Deus (SCHMITT, 2014, p. 307).

Na dialética do corpo e da alma, adiciona-se a esta relação de três termos, *corpus* (em grego: *sôma*), *anima*, no sentido de princípio vital (em grego: *psuchê*) *spiritus*, no sentido de princípio pensante, racional, (em grego: *pneuma*). Esta trilogia tem o maior momento de aprovação no século XII, onde se permitiu uma análise mais refinada das faculdades psíquicas e da pessoa humana em sua ascensão para Deus e também traz as imagens da trindade das pessoas divinas. Deus não escapa à estrutura ternária que ajuda a pensar o homem, que ele criou a sua imagem e que também é triplo, pelas potências de sua alma (memória, vontade, inteligência) ou em todo seu ser (corpo, alma, espírito)<sup>34</sup>.

No século XII, o corpo torna-se objeto de um novo olhar, médico ou jurídico, cada vez mais desencantado e esvaziado de seus valores simbólicos tradicionais e passa a ser submetido a experimentos e dissecações; torna-se a medida ideal de todas as coisas. Neste período, o corpo está presente em todas as partes por meio das representações figuradas, o cristianismo não somente admitiu, como legitimou o recurso das imagens, de tipo antropomorfo com aparência idêntica ou parecida com a figura humana. Atribuindo uma aparência de corpo humano, mesmo aos seres sobrenaturais e invisíveis, como Deus Pai, os anjos ou demônios.

Em momentos históricos há a ambivalência do corpo, por exemplo, na Idade Média, era verdadeiramente a prisão da alma, o lugar por excelência do pecado e do vício, o vetor do pecado original, a presa favorita do diabo, possível de todo ataque de doenças. Era necessário, em vez de desprezar o corpo, pelo menos desconfiar dele, domá-lo pelas penitências e pelo jejum. Outro modo de intervenção contra a doença do corpo que era exaltado, era o milagre, relacionado ao doente, ao santo e a Deus. Os dois primeiros engajavam-se mutuamente em uma relação de troca: o pedido, as preces e as oferendas do doente, deviam de alguma forma

<sup>33</sup> Um rito de purificação e limpeza do corpo ou parte dele. Esse aparece em muitas religiões, o rito faz parte do Cristianismo, assim como no Islamismo acontece antes das principais orações do dia.

<sup>34</sup> No século XII coloca-se uma relação dinâmica entre corpo e espírito e se supõe um terceiro termo, a alma. E delimita as imagens da trindade das pessoas divinas (cf. SCHMITT, 2014, p. 308).

forçar a mão do santo; depois em retorno, em troca da cura, o miraculado conforme o seu pedido, deixava ex-votos<sup>35</sup>, ou mesmo, fazia dom de sua pessoa ao santo e aos seus beneficiários, aumentando a família do santo; por outro lado, os méritos adquiridos pelo santo junto a Deus, deviam lhe permitir a obtenção da cura daqueles que o imploravam.

Cada sociedade no interior de sua visão de mundo, delineia um saber singular sobre o corpo, seus elementos constitutivos, suas performances e suas correspondências. Nas sociedades tradicionais, o corpo não se distingue da pessoa, entendendo que as matérias primas que compõem a espessura do ser humano, são as mesmas que dão consistência ao cosmo. Portanto, para a antropologia bíblica o homem é uma criatura de Deus, ‘o ser humano é um corpo e este é uma criatura de Deus, ignorando a noção de um corpo isolado do ser’ e é o individualismo na cultura erudita que introduz esta separação.

Nas sociedades ocidentais, o corpo é tratado como um signo do indivíduo, o lugar de sua diferença, de sua distinção e que faz dele o recinto do sujeito, o lugar de seu limite e de sua liberdade, o objeto privilegiado e dentro do contexto, o ser humano é separado do cosmo, separado dos outros e separado de si mesmo. Nesta concepção, o corpo portanto é um objeto de análise do cerne da ação individual, sem o corpo que lhe dá rosto, o homem não existiria e viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, através do simbólico que ele encarna, sendo passível de apreensão do tempo, pois a existência do homem é corporal.

Há dois modos divergentes de ver o corpo, um que está baseado nos limites da privacidade e identidade na troca com outros indivíduos e a outra forma é na supressão do limite, na ativação de um corpo coletivo, onde ressalta-se a ideia de um corpo interior e desperta a auto consciência, que se completa por meio da interação com o meio externo na construção da existência humano e assumindo um valor cultural (MINAYO, 1995, p. 103).

A versão moderna do dualismo opõe o ser humano ao seu corpo, não como no passado, a alma ou o espírito contra um corpo e sim em uma espécie de divisão entre o ser e a existência, tratando o corpo como parte maldita, pelo seu fraco rendimento<sup>36</sup>, sua falta de resistência e sua fragilidade. Por vezes, como via de salvação o ser humano se coloca em posição de exterioridade perante seu próprio corpo.

---

<sup>35</sup> Representam a forma concreta e tangível de uma lembrança individual, cuja função não é apenas testemunhar um reconhecimento particular, mas também afirmar a imanência possível da onipotência divina aos olhos das gerações futuras.

<sup>36</sup> Se o corpo humano fosse realmente uma máquina, ele escaparia do envelhecimento, da fragilidade e da morte, perante a máquina o corpo humano é apenas fraqueza. Formulações mecanicistas dos filósofos dos séculos XVII e XVIII (cf. LE BRETON, 2016, p. 274 -275).

Saindo da abordagem da Idade Média para o tempo moderno e nos apoiando na representação social como um terreno fértil para o imaginário, a fim de atribuir ao corpo uma posição determinada no seio do simbolismo geral da sociedade ocidental, dos discursos e das inúmeras práticas que propiciam nossas análises, para compreender o cerne da ação individual que faz o ator social dizer *meu corpo* no sentido de posse, dentro de um ritual coletivo, para além do sentido de valor.

Com efeito, Le Breton (2016) afirma que o corpo moderno é de outra ordem, pois aponta para uma estrutura social de isolamento do sujeito em relação aos outros e está ligado ao avanço do individualismo. Na relação com a estrutura social há uma emergência do pensamento racional e laico sobre a natureza em conjunto com a medicina, estabelecendo uma forma de saber oficial sobre o corpo e fazendo-o, um recinto do sujeito, o lugar do seu limite e de sua liberdade. E que cada sociedade delinea um saber singular sobre o corpo, seus elementos constitutivos e suas performances, lhe conferindo sentido e valor. Na antropologia do tempo presente, o corpo na modernidade<sup>37</sup> é empregado dizendo que o mesmo, é um objeto de análise de grande alcance para apreender o tempo presente.

As concepções de corpo são tributárias das concepções de pessoa, onde o corpo moderno é de outra ordem, que implica o isolamento de um sujeito em relação ao outro sujeito, se reorganizando numa estrutura social individualista e que não tem correspondência em outro cosmo. Nas sociedades ocidentais essa concepção surge a partir do Renascimento, onde o corpo aparece como o recinto do sujeito, o lugar do seu limite e de sua liberdade. Para Durkheim<sup>38</sup>, a autonomia do ator nas escolhas que se lhe apresentam não é a mesma segundo o meio social e cultural no qual ela se enraíza. É necessário um olhar sobre as coisas, as sensações ou os atos, sem se deter em nenhum deles e considerar um olhar distanciado para identificar as recorrências para tecer a trama, a partir da própria caminhada, que rege a relação entre o ser humano e o sagrado, para que a repetição das ações não percam o sentido e a singularidade, portanto, para distinguir um sujeito do outro é necessário um fator de individuação, e é o corpo quem desempenha o papel.

---

<sup>37</sup>Modernidade foi o conjunto de transformações operadas na economia, política, organização social e cultura que têm caracterizado os últimos dois séculos, instalou-se na Europa a partir da Revolução Francesa de 1789 e que se expandiu para todo o planeta, difundindo seus valores, instituições e técnicas (cf. PARKER, 1995, p. 19).

<sup>38</sup> Em nossa pesquisa fazemos referências à sociologia e ao teórico Émile Durkheim pela influência na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, aqui serve como um fio condutor para estabelecer interações complementares com as análises posteriormente desenvolvidas no percurso. Moscovici busca em Durkheim referências para uma teoria sociopsicológica, queria enfatizar a qualidade dinâmica das representações contra o caráter fixo ou estático que possuíam, explorando a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas. Esclarecemos que não é nosso propósito tornar a sociologia, a representação individual/coletiva e Durkheim como nosso referencial teórico (cf. MOSCOVICI, 2015, p. 14-16).

As representações sociais atribuem ao corpo um saber imediatamente cultural, sendo assim, torna-se um objeto de análise de grande alcance para compreender o presente e o passado, independente da forma rudimentar que seja apreendido pelo sujeito, pois permite conhecer sua posição perante a natureza e os outros homens, a partir de um sistema de valores, tornando-o uma construção simbólica e não, uma realidade em si. Porém, há necessidade de compreender o ser humano em sua indissolúvel unidade, entrar no interior invisível do corpo, no saber cultural, mesmo de modo rudimentar pelo sujeito que lhe dá sentido, a partir do sistema de valores. O corpo será uma construção simbólica, não uma realidade em si, e sim efeito de uma construção social e cultural, onde o corpo não é um objeto de ciência e o ser humano está misturado ao cosmo, à natureza, à comunidade.

A partir das ações diárias do ser humano, para Le Breton (2016), o corpo se faz invisível, ritualmente apagado pela repetição incansável das mesmas situações e a familiaridade das percepções sensoriais. Nas condições habituais da vida, o corpo é transparente ao ator que o habita. Desliza com fluidez de uma tarefa para outra, adota gestuais socialmente aceitáveis, faz-se permeável aos dados do ambiente por meio de um tecido contínuo de sensações, sendo assim, o corpo não cessa de produzir e de registrar sentido, a partir de uma espécie de automatismo. O corpo neste sentido, é a *coincidentia oppositorum* mais espantosa da vida cotidiana, a evidência esquecida, o ‘presente-ausente’ cuja existência se impõe em pontilhado através do fluxo do dia, o ser humano habita corporalmente o espaço e o tempo de sua vida.

O corpo no ritual da vida cotidiana, não pode ser distinguido do corpo que dá forma e rosto, porém os rituais tendem a querer fazer desaparecer a presença, como se o mesmo estivesse ausente. Silenciosamente, através de intermináveis fluxos sensoriais e gestuais, as modalidades corporais acompanham a presença humana, fundem-se nela organicamente de certa maneira e atravessam todas as trocas, apoiando-se nas trocas mais significativas. Nas condições ordinárias da vida, uma corrente sensorial ininterrupta confere consistência e orientação às atividades do ser humano, por isso o sujeito não tem consciência da quantidade de estímulos que o atravessam no desenrolar de sua existência, apenas uma parte sensorial é filtrada pela atenção, caso contrário a vida se tornaria impossível.

Dentro do ritual da procissão, o corpo está orientado pelo gestual para realizar uma ação ordinária, onde os fiéis são guiados pela experiência totalizante que une o ser humano ao divino. Em trecho do depoimento, (Entrevistado 6) *Acompanhamos a procissão a pé, já fizemos isso o ano passado, vamos cantando... Não ficamos cansados, o coração fica joia,*

*penso na minha saúde e na de todos nós.* Refletimos que apesar do ato de caminhar caracterizar-se por ser uma vivência sócio antropológica concreta, objetivada na ação corporal de sair de casa, do habitual, para pôr-se a caminho na companhia de outras pessoas, compreendemos que há neste gesto religioso em direção do encontro simbólico com o sagrado a ancoragem nas escrituras Cristãs, amplamente compartilhada, mas realizada de forma espontânea pelo devoto.

**Figura 01 - Procissão a Nossa Senhora da Conceição em 08/12/2015.**



**Fonte: acervo da autora.**

Consolidado a partir do século XVI, a vida entendida globalmente não desperta interesse do modelo científico, o importante passa a ser cada parte do corpo e como funcionam, a razão tornou-se o único instrumento aceito como legítimo de compreensão da vida, desvalorizando as percepções oriundas dos sentimentos, da intuição, da inspiração poética e da vivência religiosa. Analisavam o mundo da matéria, mas não negavam o mundo do espírito e sim o dualismo, deixando para a filosofia e a teologia a dimensão espiritual. O avanço das Ciências da Religião, da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia geraram conceitos e saberes que permitem compreender os fenômenos da espiritualidade e o discurso dos seguidores de tradições religiosas específicas sem necessariamente delas participar.

No final do século XIX com a publicação dos esboços da Teoria Quântica, hoje denominada Revolução Científica Contemporânea, que levou o pensamento contemporâneo a profundas alterações cosmológicas e antropológicas e nas teorias que sucederam, se abriu

espaço para que se considerassem os campos de energias sutis, as invisíveis, as impalpáveis, mas reais, reconhecendo que são muitas as dimensões da realidade, à semelhança de planos que se interseccionam e se superpõem, com constante relação de interdependência entre todos eles. Mostraram as claras interações entre a psique e a soma, entendido aqui, como o mundo das emoções e da corporeidade.

Com o processo de racionalização e dessacralização<sup>39</sup> trazidos pela modernidade, a religião vai perdendo progressivamente seu poder de ser referência para a organização social e o pensamento moderno lida com a insatisfação alimentada por uma religiosidade atípica, uma religiosidade sem Deus e construída pela própria humanidade. Na modernidade acontece o apagamento ritualizado do corpo, que se encontra em duas visões, uma de ter um corpo, que o deprecia, distancia do ser humano que ele encarna e a outra é a que mantém a identidade de substância entre o ser humano e seu corpo, o saber anatômico torna o corpo superficial, a filosofia mecanicista reconstrói o mundo a partir de suas categorias de pensamento, dissociando o mundo habitado pelo homem acessível, pelo sentido do mundo real e acessível pela inteligência. No simbolismo do uso corporal ao longo da vida cotidiana, há o apagamento do corpo no campo da consciência, imerso no automatismo dos ritos diários, guiados por uma rede de ritualidades que apagam a evidência do corpo.

## 2.2 Dimensão religiosa

O corpo explorado pelas diversas ciências humanas revela uma anatomia invisível ao olhar e também evidencia as lacunas no plano antropológico, desta forma é possível estabelecer três verdades pela aproximação com os fenômenos sociais correspondentes ao comportamento ou ações e situações observadas em determinada sociedade, organização ou grupo, em um dado período da história; o ser humano vincula-se ora pelos sentidos, ora pela razão, ora pela fé. O ser humano é um ser de relação e de símbolo, onde o corpo é uma construção social e cultural cuja realidade última nunca é dada, ao retirar-se a dimensão simbólica do corpo, ‘restará apenas um conjunto de engrenagens’ (LE BRETON, 2016, p. 89).

---

<sup>39</sup> A dessacralização caracteriza a experiência total do ser humano não religioso das sociedades modernas, o qual sente uma dificuldade cada vez maior de reencontrar as dimensões existenciais do ser humano religioso das sociedades arcaicas (cf. ELIADE, 2010, p. 19).

A base da racionalidade científica moderna desenvolveu-se desproporcionalmente deixando instáveis as estruturas/constructos<sup>40</sup> que fundamentavam as representações e a significação da vida, da religiosidade e as coisas do sagrado. Em nosso percurso discursivo trataremos aqui visões diferentes de autores para compor as nossas reflexões, sempre na perspectiva da dialética, enriquecendo o debate, trazendo referências que posteriormente irão dialogar com as representações sociais de corpo dos sujeitos devotos desta pesquisa.

A cultura ocidental contemporânea, está marcada pela ruptura da relação do homem com o divino, a negação de toda transcendência, tornando-se uma sociedade secularizada<sup>41</sup> que liga o campo religioso ao campo individual e campo privado, em perspectiva, o ateísmo tornou-se uma atitude reveladora de elegância intelectual no meio acadêmico. Outros estudiosos procuram mostrar que a exigência religiosa persiste entretanto, num mundo desencantado como resposta última ao problema de toda a existência pessoal e de todo destino humano. Portanto para Meslin (1995), não existe fé tão privada que não exerça qualquer influência sobre a sociedade e é através da mediação cultural que a religião chega ao ser humano e os laços são complexos e inevitáveis.

Na linha de continuidade entre elementos opostos, há coexistência entre os contrários, nesta perspectiva, apesar de certas indicações secularizante presentes em narrativas da modernidade, é possível perceber no centro da vida social a sede de espiritualidade que ora aparece como um traço característico do tempo atual, para se entender no mundo, extrapolar a dimensão cultural e a relação com todos os outros elementos que formam o contexto, como um impulso religioso para a busca de um sentido que transcenda o espaço limitado da existência empírica, tem sido uma característica perene da humanidade (VASCONCELOS, 2006, p. 363).

O ser humano não cessa em cada instante de sua existência de interpretar e transpor a experiência imediata que ele faz, dando um sentido especial aos fenômenos que vive, pois possui a capacidade de ir além da aparência material das coisas. Entender uma rede inteira de símbolos religiosos, de práticas coletivas e de dogmas, aprofundando o máximo possível a abrangência dessas influências para encontrar respostas que ora aparecem de ordem psicológica, sociológica ou antropológica, feitas através dos aparatos científicos. Sendo necessário fazer a distinção de uma realidade transcendente de ser humano, que é

---

<sup>40</sup> Pensamento formado a partir da combinação de lembranças com acontecimentos atuais.

<sup>41</sup> O termo secularização foi introduzido por Weber na Sociologia, que designa com o termo tanto a diminuição global do caráter religioso da sociedade, tanto a passagem de um grupo de visão religiosa para visão profana, como a perda do controle de certos setores da vida social pelas instituições religiosas (cf. PARKER, 1995, p. 99).

experimentada nas projeções afetivas e simbólicas que se vive com o imanente e o testemunho de uma relação com o outro, que está além de si próprio e que portanto, tudo que o ser humano crê, pelo que define e sente como sagrado.

Muitas práticas religiosas, marcadas pelo dogma da igreja, são práticas que favorecem a experiência espiritual, uma forma particular de ser e ver o mundo, fundada em uma experiência primordial dos sentidos. (Entrevistado 11) *É necessário pedir uma intercessão à Nossa Senhora, para buscar algo mais, além de onde eu posso ir.* É importante destacar que a intenção do pedido do devoto está na plasticidade da crença que ele atribui, da própria verdade das manifestações e das manipulações possíveis da credulidade. Estes termos caracterizam crenças medievais e estão presentes nas sociedades secularizadas (SCHMITT, 2014, p. 88).

**Figura 02 - Manifestação exteriorizada e pública do crer.**



**Fonte: acervo da autora.**

Nos sistemas religiosos o sagrado se efetua acompanhado de uma ação ritual particular como o sacrifício<sup>42</sup>, que no histórico das religiões vividas pela humanidade, tratava-se de uma operação pela qual os animais ou os seres humanos eram colocados à parte, afastados de seus semelhantes, ou mortos em oferecimento a uma divindade. Um ato solene, ritual, realizado em favor de uma divindade, usado primeiro pelos Romanos, que remetia o ser humano a um campo de ações e poderes superiores, ao qual se pretendia se religar por um ato preciso e voluntário.

---

<sup>42</sup> Na origem, os Deuses tiveram que sacrificar um ser primordial para criar o mundo, daí a necessidade de sacrifícios sangrentos ou simbólicos, pois o traslado da alma só é possível mediante um sacrifício (oc. cit. ELIADE, 2010, p. 50).

Nas sociedades ocidentais modernas o sacrifício significa a perda ou a destruição voluntária de alguma coisa de valor à qual se está apegado, fixado na ideia de privação, dever, renúncia e é realizada em vista de alguma coisa, mas não é dirigida a alguém. A palavra tem o seu emprego num sentido moral e tem ressonância psicológica às vezes inconsciente, a renúncia é oferecida a uma divindade e tem um alcance libertador. De modo geral, é o ritual que confere ao objeto ou o sacrifício uma natureza sagrada própria e que cria uma relação entre quem faz e quem recebe, obrigado com o doador. Por vezes, implica também na ideia de consagração, pela qual, o ser humano torna sagrado alguma coisa ou alguém que por si só, por sua natureza não é, o objeto do sacrifício passa do domínio comum ao campo religioso.

Em certas sociedades tradicionais, o recebedor torna-se obrigado para com o doador e pode dar origem ao *potlach*<sup>43</sup>, criando uma relação entre quem faz e quem recebe, estabelecendo assim uma relação com o divino e tornando sagrado algo ou alguém que por si só, ou por sua natureza, não é. A vítima ou objeto de sacrifício, não chega a esse ponto com uma natureza sagrada própria é o ritual que confere a ela, e assim o sacrifício funciona como um foco de energias. (Entrevistado 12) *Fazer uma promessa é fazer um voto a Deus, pedindo a intercessão de um santo para alcançar determinada graça que pode ter um sentido espiritual ou material. Mas, exige do fiel o firme propósito de cumprir, logo assim que a graça seja alcançada, que pode ser de forma diversa, que pode envolver sacrifício dependendo do que se quer alcançar.* Estabelecendo assim uma relação dinâmica da representação social que leva em consideração o comportamento e o conhecimento do cotidiano do fiel e leva em consideração o significado simbólico de crença e das atitudes sobre uma dada situação.

Desde o século VI, há registros das procissões de relíquias que visavam proteger as comunidades contra epidemias e aconteciam de diferentes formas, umas iam do centro do culto a outro santuário, como uma capela. Outras descreviam aproximadamente um círculo (*circum-ambulação*), fossem em torno das muralhas de uma cidade ou nos limites de uma província, com a esperança de serem curados. No século XIV no Livro dos Milagres registra-se que iniciou-se uma transformação das atitudes que diziam respeito aos peregrinos, pois torna-se necessário a aproximação física entre o santo e o miraculado<sup>44</sup>, as peregrinações

---

<sup>43</sup> Para encadearmos nossa lógica discursiva sobre o conceito de *potlach*, recorremos à M. Mauss para ancorar algumas falas de sujeitos entrevistados e interpretar as suas representações sociais (op. cit. MESLIN, 2014, p. 98-99).

<sup>44</sup> Diz-se de uma pessoa em quem se tenha operado um milagre.

vicárias<sup>45</sup>, onde o doente se fazia representar, tornaram-se mais numerosas (SCHMITT, 2014, p. 295).

Nos registros também há de um número de curas a distância, com a simples oração do doente, sem mesmo a necessidade de uma peregrinação, atribuídas à difusão do culto das imagens que permitiu uma multiplicação eficiente da presença do santo, garantida tradicionalmente apenas pela difusão das relíquias. A cura do doente, resultado desta transferência, transformava-se no formato de um ritual, seja do doente na direção das relíquias (caso da peregrinação), seja das relíquias na direção do doente (caso da translação de relíquias). Essa estrutura espacial foi bastante estável a partir da Idade Média no ocidente, a maior parte das vezes era coletiva e no caminho outros peregrinos<sup>46</sup> vinham se agregar ao grupo, elas eram um lugar onde as hierarquias eram abolidas, em uma comum exaltação religiosa e social, sob o comando de um pároco e o Clero controlando o conjunto dessas manifestações.

Na dialética do sagrado, a experiência religiosa da peregrinação e o deslocamento sacrificial possuem uma intensidade existencial e estão presentes em variadas culturas e religiões. As caminhadas podem ser conforme o pedido, de penitência, de ação de graça ou de solidariedade com outros irmãos na provação e cada uma dessas expressões traduzem uma realidade na multiplicidade das experiências místicas. Pouco importa enfim, pois os místicos retiram de sua experiência um conhecimento direto de Deus que é inabalável, um conhecimento que não é resultado lógico de uma demonstração intelectual e por isso mesmo, suscetível de crítica. É um fenômeno quantitativo, pois sempre há contagem e regulação de fluxo, quanto à amplitude e a permanência social, bem como as motivações, quaisquer que sejam a época e o lugar, por parte das entidades religiosas e estudiosas, por vezes coletiva, porém fundamentada na experiência pessoal (MESLIN, 2014, p. 199).

Entretanto, pesquisas e levantamentos demonstram que sempre<sup>47</sup> que há um centro de peregrinação próximo da residência do sujeito, ele é bem menos frequentado do que outro

---

<sup>45</sup> Tornaram-se populares no século XII, eram peregrinações realizadas em nome de uma pessoa que não podia fazê-las.

<sup>46</sup> O *peregrinus* é o ser humano que vem do estrangeiro, que é proveniente de outro direito, o direito das outras cidades e dos outros povos que não o de Roma (cf. MESLIN, 2014, p. 201).

<sup>47</sup> No caso do Santuário na cidade de Lourdes na França (visitado por 1 milhão de pessoas/ano), do monumento em homenagem a Padre Cícero Romão Batista no Brasil (visitado por 100 mil pessoas/ano), da Terra Santa em Israel (visitado por 3 milhões de pessoas/ano) e de Santiago de Compostela na Espanha (visitado por 260 mil pessoas/ano), a contagem procede com técnicas atuais, os números de visitantes são aproximados e pela grandiosidade dos fenômenos e da grande amplitude desperta o interesse de pesquisadores das diversas ciências, onde não é qualquer lugar longe que interessa é o lugar longínquo onde a presença divina se torna mais fácil e

distante. E que a distância, se deve em razão do desenraizamento que se impõe e em relação à fadiga do percurso, sempre um lugar sagrado, ‘santo’, marcado por manifestações de um poder superior, divino, teofanias<sup>48</sup>, para manter o deslocamento no espaço. O lugar próprio onde o ser humano possa se transformar e é precisamente no lugar que poderá ser transformado. Assim sendo, indo a um espaço e a um tempo sagrado, aproximando-se das raízes de sua própria fé, num processo livre para realizar a própria experiência espiritual vivida concretamente.

A realização da marcha possibilita num certo sentido, uma experiência que é vivida fora do tempo normal, caracterizado por uma provisória abolição das distinções sociais, por uma simplificação e homogeneização das relações sociais, pelo relativo desaparecimento dos diferentes estatutos pessoais, por uma simplicidade do comportamento, das vestes e pelo mesmo projeto. De modo que a peregrinação é a própria imagem do crente, do homem em trânsito nesta terra, uma espécie de terra natal e que é necessário voltar um dia.

O lugar da peregrinação permite um encontro concreto com o divino pela mediação dos sentidos onde se mostra ou vê-se alguma coisa, um lugar, uma pessoa, uma estátua, relíquias, uma pedra e colocam os próprios passos nos passos de Deus ou de algum santo, então o peregrino assim leva consigo um sinal tangível da santidade que ele encontrou, um sinal direto ou indireto, cuja sacralidade é garantida no próprio objeto da peregrinação, cuja veracidade histórica não tem nenhuma importância. Em terras cristãs o ‘Sacramento da Penitência’<sup>49</sup> aparece estreitamente ligado à peregrinação, quer se trate de terminar a peregrinação descalço ou subir ao santuário de joelhos, ou da fome, ou da sede, sempre o compromisso é a participação de todo o ser, de corpo e de alma.

Em Frei Damião e para além do túmulo do *santo*<sup>50</sup>, o que se visita é sua pessoa<sup>51</sup>,

---

mais acessível. (cf. MESLIN, 2014, p. 205). Os dados estatísticos são atualizados periodicamente e estão disponíveis na internet nos sites institucionais dos locais de peregrinação.

<sup>48</sup> Um termo teológico, compostos por dois vocábulos, também gregos: *Théos*, ‘Deus’ e *phanei*, ‘aparecer’, que serve para indicar qualquer manifestação temporária e normalmente visível de Deus.

<sup>49</sup> É chamado sacramento da conversão, porque realiza sacramentalmente o apelo de Jesus à conversão e o esforço de regressar à casa do Pai da qual o pecador se afastou pelo pecado. É chamado Sacramento da Penitência, porque consagra uma caminhada pessoal e eclesial de conversão, de arrependimento e de satisfação por parte do cristão pecador (cf. A SANTA SÉ. Disponível em: [www](http://www.santa-se.org)).

<sup>50</sup> Em 2002 os Bispos da Regional Nordeste II manifestaram apoio à introdução da causa de Canonização de Frei Damião de Bozzano encaminhado a Santa Sé, processo ainda sem conclusão. A devoção assim como o santuário tem se consolidado respectivamente enquanto culto e lugar em torno de um *santo* mesmo que ainda não canonizado pela Igreja Católica. Analisada historicamente observa-se que os percursos da devoção não necessariamente passam por este reconhecimento para os devotos. Embora esperem que o Alto Clero da igreja acolha e reconheça a *santidade* daquele a quem veneram, os devotos produziram, promovem e consolidam a devoção iniciada ainda durante o período da atividade missionária do frade (cf. SILVA, 2009).

<sup>51</sup> Não se trata, claro, da realidade física e sim, no sentido de persona conceito da psicologia analítica.

a quem se oferecem venerações e contemplação, porque seu poder só se exerce diante do mundo na medida em que se estabelece uma relação entre o céu e a terra, ponto de junção entre a entidade transcendente e o ser humano. O que o peregrino quer ver e tocar no fim da estrada é o outro vivendo sua aparência humana e na glória invisível do além, vindo ao local sacralizado é a lembrança da experiência concreta de um contato com o sagrado que se constitui o fundamento das relíquias, oficializando o encontro com o divino, como sinal desta santidade.

Os devotos em Frei Damião apresentam em suas falas a ciência do fato da não santidade, da existência de um processo de Canonização, pois é amplamente divulgado. (Entrevistado 2) *Eu tenho uma fé em Frei Damião, desde quando ele ia lá para os Franciscano em Juazeiro do Norte – CE, mais é minha primeira promessa a ele e é até morrer. Toda vida que eu vier aqui, vou trazer o meu filho de batinha.* Entretanto nossos entrevistados ancoram seus costumes e práticas em simbologias que podem não representar nada para quem não convive no ambiente, sendo o conhecimento abstrato consolidado pelos fatos vivenciados na vida comum. E objetivam através das manifestações do grupo ao qual participam, gerando condutas que operam em nível individual ou no coletivo, difundidos pela tradição cultural.

Frei Damião de Bozzano, Pio Giannotti seu nome de batismo, nasceu no dia 5 de novembro de 1898 na Província de Lucca na Itália, chegou ao Recife em 1931 e se instalou no convento da Penha, vindo a falecer em 1997. Quando chegou ao Norte brasileiro à época, o catolicismo era tridentino (Concílio de Trento 1545-1563 sendo retomado na segunda metade do século XIX e ficou conhecido como a romanização da Igreja), devocional, apologético. Era uma prática religiosa baseada no forte temor de Deus e das caminhadas penitenciais. Um sacerdote que ‘bebeu na fonte’ do catolicismo rigoroso quanto a sua ortodoxia teológica e moral.

Manteve a tradição dos missionários capuchinhos, atuou nos mais distantes povoados com seu devotamento aos fiéis e a escuta constante fizeram-no conhecido em poucos anos. Durante mais de seis décadas foi a principal referência no nordeste brasileiro, percorreu quase todas as regiões, rodeado pelos fiéis nas suas missões. Tornou-se conhecido nacionalmente por pregações doutrinárias e seus conselhos que eram fixados na memória dos devotos, era um homem inteligente e compreensivo (GOMES, 2015, p. 38).

Conta-se que ele não come e não dorme que vai de cidade em cidade, de povoado em povoado, sempre andando a pé pelas estradas. E conta-se que, logo após a sua passagem, desaparecem, por bastante tempo, as bebedeiras, o barulho e as brigas (SILVA, 2015, p. 109).

Os relatos de cura ou de quaisquer outros milagres que são atribuídos ao frade, são encontrados já na primeira década de missão no Brasil. No convento de São Félix de Cantalice, acontece anualmente no mês de maio a festividade onde há a rememoração da devoção ao frade por devotos, romeiros (sujeitos históricos) ou paroquianos e religiosos, um momento de consolidação da fé e exaltação da *santidade*. Fazendo lembrar que Frei Damiano existiu e não o deixa cair no esquecimento, o túmulo tornou-se um lugar de memória em torno do qual os devotos compartilham rituais e práticas sociais. Há uma evocação pelos devotos, principalmente os romeiros, que ajudam a criar uma atmosfera de celebração da santificação do frei no espaço sagrado, quando narram a história do santo estão relatando também a sua própria história.

A sacralidade do santuário como o grande centro de peregrinação adotado pelos devotos como um lugar obrigatório de se conhecer, visita esta que geralmente é marcada por muita emoção posto que o local está revestido de um caráter sacro, repleto de significado que é atribuído pelo devoto a partir de suas experiências e de suas memórias, conferidas a partir de suas crenças.

O papel da memória coletiva, que a iniciação ensina, é, pois, tornar continuamente presente esse passado normativo e se lembrar daquilo que outrora realizam as gerações anteriores a fim de fazer como elas. Pois o ideal não é construir, a cada nova geração, um novo modelo de existência e de ação, mas fazer reviver uma soma de valores que foram comprovados há muito tempo (MESLIN, 2014, p. 381).

Datam do século XII antes de nossa era, os registros da onipresença<sup>52</sup> da peregrinações e permanece até os dias de hoje mesmo nas sociedades julgadas como dessacralizada, realizada em um quadro coletivo, a experiência é fundamentalmente uma experiência individual e voluntária feita por motivos estritamente pessoais, atribuindo assim ao ato, um caráter existencial decorrente de uma tradição. A procissão é figura de reunião escatológica<sup>53</sup> que assume um aspecto de itinerância, saindo do santuário para investir o espaço profano, ela percorre utilizando os caminhos da vida cotidiana que se transformam sob a ação do rito, que

---

<sup>52</sup> Um atributo divino segundo o qual Deus está presente em todos os pontos da criação.

<sup>53</sup> Uma parte da teologia e filosofia que trata dos últimos eventos na história do mundo ou do destino final do gênero humano, comumente denominado como fim do mundo (cf. MESLIN, 2014).

remonta às origens sagradas. Devotos assistem maciçamente às peregrinações, às missões e aos rituais devocionais que do ponto de vista do campo social, as atividades de simbolização, ritualização e referência à ordem transcendente se relacionam com a cosmovisão dos grupos distintos que fazem do natural, do social e do sentido da vida suas particulares necessidades.

Seja qual for o nível de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana<sup>54</sup> não consegue abolir completamente o comportamento religioso (ELIADE, 2010, p. 27).

Para Silva (2009), o santuário é um lugar de hibridação ritual no qual as práticas dos devotos e dos agentes religiosos convergem para uma consolidação desta devoção, constata ainda que embora os devotos sejam produtores desta crença, eles procuram junto aos agentes religiosos outros bens de salvação, posto que estão envolvidos numa estrutura de plausibilidade que confere sentido à vida e a suas práticas. Todo espaço sagrado implica uma hierofania<sup>55</sup>, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve o torna qualitativamente diferente, ‘Portas dos Deuses’<sup>56</sup> e portanto, lugares de passagem entre o Céu e a Terra, um sinal qualquer basta para indicar a sacralidade do lugar. Portanto, existem locais privilegiados qualitativamente diferentes dos outros.

Quando não se manifesta sinal algum nas imediações, o ser humano provoca-o, uma evocação das formas ou figuras sagradas, tendo como objetivo imediato a orientação na homogeneidade do espaço. O que significa que os seres humanos não são livres de escolher o terreno sagrado, que os seres humanos não fazem mais do que procurá-lo e descobri-lo com a ajuda de sinais misteriosos, ‘o mundo todo para o homem religioso é um mundo sagrado’ (ELIADE, 2010, p. 32).

O mundo é manejado pelas ações de cada dia; ações carregadas de significados que apontam para um sentido. Nesse sentido, ‘não existe nenhum obstáculo insuperável para uma articulação do domínio transcendente com o mundo da vida de cada dia’ (SILVA, 2015, p. 90).

A figura mariana como mediadora privilegiada é um patrimônio do catolicismo, é considerada como a mãe de Jesus e dos homens, na qualidade de portavoz das súplicas e dos

---

<sup>54</sup> Segundo a dialética, o profano pertence ao campo do habitual e natural do homem e que pode transformar-se em sagrado por meio de ritos e interditos apropriados. Apresentamos tais esclarecimentos por meio da antropologia religiosa (Oc. cit. MESLIN, 2014).

<sup>55</sup> Ato da manifestação do sagrado.

<sup>56</sup> O simbolismo explícito nesta expressão é rico e complexo: a teofania consagra um lugar pelo próprio fato de torná-lo ‘aberto’ para o alto, ou seja, comunicante com o céu, ponto paradoxal de passagem de um modo de ser a outro (Oc. cit. ELIADE, 2010).

pedidos, coroada como ‘rainha’ e ‘padroeira’ em diversas nações. A *Virgem Maria* e os *santos* são os símbolos, os ícones e os significados que articulam as romarias, as peregrinações, as promessas, as devoções, os ex-votos e as festas, todas estas expressões juntas na base dos santuários, anunciando uma fé popular.

É sabido o lugar central que ocupam os *santos* no panteão popular. Na figura do santo (entre os quais se incluem a Virgem Maria em suas invocações, Jesus Cristo e as imagens dos santos canonizados) tem muito mais importância a dimensão do intercessor diante de Deus do que a do modelo de vida (PARKER, 1995, p.151).

Como objeto empírico, trouxemos para o campo da pesquisa a devoção a Nossa Senhora da Conceição. Data do século XVIII as primeiras notícias referentes ao Morro da Conceição em Recife/PE, nesta época, o morro era chamado de Oiteiro de Bagnuolo e depois da expulsão dos Holandeses, passou a se chamar de Oiteiro da Boa Vista, quando o Arcebispo da Arquidiocese de Olinda, Dom Luiz Raimundo da Silva Brito em 1917, quis edificar um grande monumento para celebrar os cinquenta anos do dogma da Imaculada Conceição, com a colaboração da confraria de São Vicente de Paulo, encomendou em Paris/França, uma imagem de grande porte, toda fabricada em ferro com 3,50 m de altura, pesando 1.808 quilos e uma coroa sobre a cabeça com 34 quilos, que chegou ao Recife no navio Caravela, no dia 08 de dezembro de 1917, aconteceu à inauguração em um evento que reuniu vinte mil pessoas, passou a ser chamado com o nome atual. No Recife, se dá a solenidade de comemoração e é feriado municipal.

A outra face do Morro da Conceição é a face de uma comunidade de fé, que nasceu aos pés e sob o olhar de Nossa Senhora da Conceição, que do alto do morro intercede por sua gente, que pede dia e noite a sua proteção. No olhar doce e clemente da Virgem Maria, o povo de Deus reconhece o quanto Deus é bom e misericordioso. É uma variedade de expressões: uns suplicam outros agradecem (SANTANA, 2012, p. 137).

Na tradição bíblica, desde a igreja primitiva, a Imaculada Conceição refere-se a um dogma que Maria humana e sem pecado desde a concepção, a mãe de Jesus e que desde o começo do Cristianismo o dogma já era tido como verdade de fé para os fiéis e está fundamentado na bíblia. São Tomás de Aquino, por volta de 1252, declarou abertamente que a Virgem foi, pela graça, imunizada contra o pecado original, defendendo claramente o dogma do privilégio mariano, que seria declarado e definido séculos mais tarde. O dia da festa da Imaculada Conceição foi definido em 1476 pelo Papa Sisto IV e a existência da festa era

um forte indício da crença da Igreja na Imaculada Conceição, mesmo antes da definição do dogma no século XIX. No dia 8 de dezembro de 1854, dia da festa, o Papa Pio IX, com a Bula intitulada Deus Inefável (*Ineffabilis Deus*), definiu oficialmente o dogma da Santa e Imaculada Conceição de Maria.

### 2.3. Uniformidades do campo sagrado

O simbolismo do ‘Centro do Mundo’ também ilustra a importância do simbolismo religioso, pois é no ‘Centro’ que se efetua a comunicação com o céu e esta constitui uma imagem exemplar da transcendência. Um símbolo religioso transmite sua mensagem, mesmo quando deixa de ser compreendido conscientemente em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral e não apenas à sua inteligência e graças a ele o mundo se torna transparente, suscetível de revelar a transcendência.

Mas o único meio de compreender o universo mental alheio é situar-se dentro dele, no seu próprio centro, para alcançar a partir daí, todos os valores que esse universo comanda. Quer dizer que toda experiência humana é suscetível de ser transfigurada, vivida num outro plano, o transhumano. No batismo, o que outrora curava o corpo, cura hoje a alma; o que trazia a saúde no tempo, traz a salvação na eternidade. A história não conseguiu modificar radicalmente a estrutura de um simbolismo arcaico, pois a eles acrescentam-se continuamente novos significados, mas não destruindo a estrutura dos símbolos.

O centro, portanto, não é apenas uma realidade topográfica, mas o ponto inicial absoluto em que as energias divinas irrompem e ao mesmo tempo o lugar em que o ser humano experimenta essa realidade total. Fonte, raiz, germe, dessa última realidade, o ‘Centro’ é ao mesmo tempo o ponto mais profundo de cada ser humano, o lugar onde ele pode encontrar o ‘Outro’. Lugar de referência para o qual é preciso constantemente voltar (MESLIN, 2014, p. 257).

O pensamento religioso indiano utilizou a correspondência tradicional casa-cosmo-corpo, para eles, igual ao cosmo, o corpo é em última instância, uma situação onde a coluna vertebral é assimilada ao pilar cósmico o umbigo ou o coração, ao centro do mundo, um lugar para o sacrifício. Em todas as civilizações são encontradas descrições similares, acima de tudo o importante, é o fato de se ter conservado essas imagens para significar a dificuldade do conhecimento metafísico. No cristianismo, a fé que dá sentido a existência cotidiana é

suscetível de ser transfigurada em valores religiosos, pois até o gesto mais habitual pode significar um ato espiritual.

O caminho e a marcha são suscetíveis de serem transfigurados em valores religiosos, pois todo caminho pode simbolizar 'o caminho da vida' e toda marcha uma 'peregrinação', para o 'Centro do Mundo' (ELIADE, 1986, p. 43).

O símbolo religioso orienta para um sentido preciso e objetivo, sustentado pela tradição totalizante na experiência com o divino, ele traz um sentido aos fenômenos que os seres humanos vivem e tornam-se a própria expressão da realidade, pois é uma capacidade de ir além da aparência material das coisas e ultrapassa a realidade do sinal para indicar uma outra realidade, impregnando-as de significado, exercendo um papel mediador da relação do ser humano com o outro e com o divino, produzindo uma indução de sentidos. No processo de aculturação da religião, pode-se pensar que a religião parece mais verdadeira a seus fiéis, quando o ajuda a assumir-se inserido numa certa cultura particular e nas representações simbólicas das crenças, repetitiva dos valores éticos tradicionais e tolerantes, visto que é nessa mediação que o ser humano toma posse do mundo.

Os símbolos não só tornam o mundo aberto, mas também ajudam o ser humano religioso a alcançar o universal, pois graças aos símbolos, torna-se possível sair da situação particular e se abrir para o geral e universal, despertando a experiência individual, transmudam-se em um ato espiritual e em correlação com as leis da natureza. O sentido dos símbolos também pode ser único para os fiéis, como no caso do código das cores que são utilizados para exprimir valores e ou aspectos psicológicos na experiência religiosa, no deslocamento há um resultado de projeção e de pertencimento.

No século XIX o cientista, escritor e poeta J. W. von Goethe, publicou em 1810 um tratado sobre as cores, sua Teoria das Cores não se ocupava com a quantificação e seu enfoque fenomenológico, priorizava o elemento qualitativo. Nos estudos relacionados às teorias da psicologia e aos arquétipos perceptuais (indescritíveis, porque são muito preciosos), a cor é vista como uma linguagem própria, que passa pela compressão do caráter simbólico e extrapola o fenômeno físico. Desde a antiguidade no oriente ou ocidente, as cores são colocadas como símbolos divinos e surge como parte de três linguagens distintas, a divina, a sagrada e a profana. Ao exemplo, o arco-íris que na crença cristã simboliza a aliança de Deus com a Terra, o vermelho, é símbolo do amor divino, o roxo, dedicado ao espírito santo. Há

nos textos bíblicos, passagens que expõem as cores como elementos do contexto das narrativas<sup>57</sup>.

O fato é que nas observações de campo, pudemos constatar empiricamente o fenômeno, onde uma grande quantidade de fieis se utilizava desta prática simbólica como mais uma parte do seu ritual de promessa, incentivada pela mídia que apresenta produtos do simbólico religioso para serem consumidos e levados para casa, inculcando a referência das cores nas camisetas e imagens, dentre tantos outros objetos pertencentes ao universo religioso. As cores específicas aparecem na decoração (fitas e mantos) dos espaços, através das flores que são pintadas para se adequarem a situação, estabelecendo um modelo a ser seguido.

Pudemos observar o fenômeno das cores, como uma representação social do grupo estudado por nós, pois há uma relação direta com as cores, para os devotos em Frei Damião de Bozzano é a cor marrom; em Nossa Senhora do Carmo é a cor amarela e em Nossa Senhora da Conceição, são as cores azul e branco, através da expressão corporal como uma linguagem que aparece e toma forma. (Entrevistado 1) *Toda quarta-feira que é dia de Frei Damião, passo o dia de marrom pode ter uma grande festa eu vestirei a cor marrom até o dia que eu morrer.* (Entrevistado 12) *Eu costume trazer velas, flores brancas e amarelas que são as cores dela.*

---

<sup>57</sup> Significado das cores em referência aos textos bíblicos: AZUL - é naturalmente a cor do céu. Pode representar Água. Na palavra de Deus também é cor celestial. Sempre se refere à figura de Deus celestial, revelação divina e a espiritualidade. Êxodo 24:10, Ezequiel 1:26 (safira-pedra preciosa azul), 1 Cor 15:47-49.

BRANCO - Inocência, pureza, santidade, paz, vitória, vestes de salvação, Espírito Santo e Juízo. Salmo 27:1, 51:7, Daniel 7:9, Ezequiel 9:3 (linho), Mateus 17:2, Ap 1:14, 3:4-5, 7:14, 19:8 (linho), 20:11.

VERMELHO/ESCARLATE/CARMESIM É a cor do sangue e lembra sacrifício. Essa cor se refere à obra redentora de Cristo ao oferecer sua vida em sacrifício derramando seu sangue pelos pecadores. Representa o sacrifício de Jesus. Fogo, vida, sangue, sofrimento, guerra, reconciliação. Levítico 17:11, Isaias 1:18, Mateus 27:28, Êxodo 25:4, 2Reis 3:22, Zacarias 6:2, Isaias 63:2, Hebreus 9:22

ROXO/PURPURA - Realeza, majestade, riqueza, e autoridade. Juízes 8:26, cânticos 3:10, Daniel 5:7, Lucas 16:19, João 19:1-3.

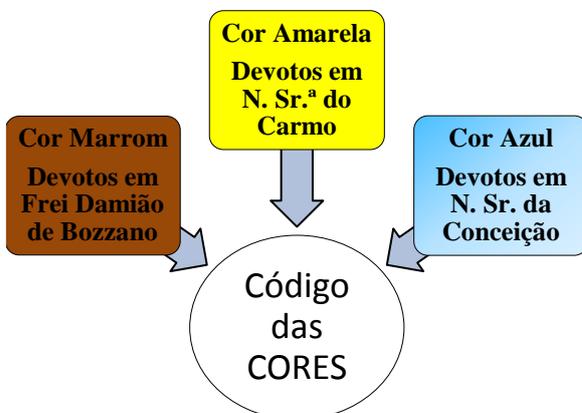
NEGRO/PRETO - Submissão, ausência da minha vontade, pecado, luto, humilhação e lamentação. Lamentações 4:8, 5:10, Malaquias 3:14, Jeremias 8:21, 14:2, Salmo 17:8, 18:11, Efesios 5:11, Salmo 97:2, Ap 6:5.

PRATA - Esse metal precioso relaciona-se com a redenção, com a expiação, com o valor do resgate e com Deus, o Filho. Essa relação se torna evidente no preço pago pela traição de Cristo, nosso resgatador (veja também: Ex. 30.11-16; Zc 11.12,13 e 1 Pe 1.18-20). Redenção, palavra de Deus - Sl12.6.

MARROM, CINZA - Arrependimento e humilhação Êster 4:3.

BRONZE, COBRE, METAL - Julgamento Ex. 27:1-3, Ex. 30:17-21, Nm21:9. (cf. MBCV OFICIAL. Disponível em: [www](http://www.mbcv.org.br)).

**Esquema 01 - Representação por associação livre sobre um código de cores.**



Fonte: elaborado pela autora.

**Figura 03 - Imagem de N. Sr.ª do Carmo, com flores e vestes dos devotos amarelas, envoltos em um só arquétipo.**



Fonte: acervo da autora.

Em nossa pesquisa caracterizamos o código das cores estabelecido entre os devotos como sinais dos fiéis para expressar a adoração e demonstrar empiricamente a unidade da comunidade, através do processo de ancoragem em que os objetos e artefatos sagrados fazem uma relação de duplicação de sentido, nascida na tradição mítica ou doutrinal e enraizada pelo processo de aculturação. Objetivam na metáfora de que basta estarem com a cor específica e serão naturalmente identificados como pertencentes ao grupo, mexendo não somente com as funções intelectuais, como as emocionais. Atribuindo assim, um referencial e um rótulo que é integrado e fortalecendo a identidade do grupo de pertença, criando uma categoria e estabelecendo uma memória comum.

Em 1654, a Ordem do Carmo se estabeleceu no Recife e em 1665, o Capitão Diogo Cavalcanti Vasconcelos deu início às obras de construção da Basílica, mandando executar a capela-mor sem a licença real que, requerida em 1674, só foi concedida em 8 de março de 1687. No mesmo ano o Palácio da Boa Vista, erguido por João Maurício de Nassau, foi doado à Ordem para ser integrado ao complexo da Basílica e do Convento. O templo foi concluído quase cem anos mais tarde, em 1767. A igreja é vizinha do Convento do Carmo, onde Frei Caneca fez seus votos religiosos e ordenou-se sacerdote, e onde, presume-se, está enterrado. Em 1909 a Virgem do Carmo foi proclamada Padroeira do Recife, e no dia 21 de setembro de 1919 foi coroada. Em 1917, a igreja foi agregada à Basílica de São Pedro, no Vaticano, e em 1922, elevada à condição de Basílica. 16 de julho dia de Nossa Senhora do Carmo, padroeira

do Recife e feriado municipal e em 2016 aconteceu a 320ª edição da festa em sua homenagem.

Pelo rito ascende-se ao mundo religioso, reza-se com frequência, em especial nos momentos de angústia ou de necessidade, manda-se celebrar missa nas grandes ocasiões de alegria e de festa que acompanham as fases da vida, recorre-se a Deus e aos santos, estabelecendo um pacto em que vigora um intercâmbio ritual, onde o suplicante realiza a sua promessa em troca da realização do milagre. No centro dos ritos cristãos, os corpos constituem lugares privilegiados da intervenção do sobrenatural testemunhados na hagiografia<sup>58</sup> e na literatura dos milagres.

A eficácia simbólica que importa para o fiel, é o poder de atuar de forma sobrenatural, produzindo realidades misteriosas que assustam e ao mesmo tempo são capazes de fascinar. O valor do ícone, reside no fato de que se trata de um símbolo e uma realidade mediadora para o transcendente, o símbolo tem a capacidade de catalizar os sentimentos e desejos em um tempo e espaço preciso, de forma sensível e corpórea. É o elemento mediador que se situa na origem da linguagem e intervém na relação com o mundo, o outro e o divino, necessário pela apreensão da consciência humana. E só pelo homem, o símbolo pode reunir numa compreensão instantânea e intuitiva, uma realidade espiritual.

É na experiência do Tempo sagrado<sup>59</sup> que é possível ao ser humano religioso, encontrar periodicamente o Cosmo<sup>60</sup> tal como era *in principio*, no instante mítico da criação e toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado muito mítico, ‘nos primórdios’. A cada festa periódica, reencontra-se o Tempo sagrado que é o tempo criado e santificado pelos deuses, que são justamente reatualizados pelas festas, chamados assim de comportamento existencial do ser humano sagrado.

A cosmogonia<sup>61</sup> é a suprema manifestação divina e o cosmo é concebido como uma unidade de vida que nasce, se desenvolve e se extingue no último dia do Ano, para renascer no primeiro dia do Ano-novo. Esse renascimento é um marco, o cosmo renasce no Tempo *ab*

---

<sup>58</sup> O termo originou-se por volta do século XVII, com objetivo de sistematizar os diversos escritos a respeito dos santos, objeto da veneração dos fiéis.

<sup>59</sup> Saída da duração temporal ordinária e a reintegração no Tempo mítico, indefinidamente recuperável e repetível (cf. ELIADE, 2010, p. 64).

<sup>60</sup> O mundo é manejado pelas ações de cada dia; ações carregadas de significados que apontam para um sentido. Neste sentido não existe nenhum obstáculo insuperável para uma articulação do domínio do transcendente com o mundo da vida de cada dia. A esse domínio se pode definir como ‘cosmo sagrado’ (cf. SILVA, 2015, p. 90).

<sup>61</sup> A criação do mundo torna-se o símbolo de todo gesto criador humano, seja qual for o plano de referência (op. cit. ELIADE, 2010, p. 44).

*initio* e é por esta razão, que toda a criação é imaginada como tendo ocorrido no começo do Tempo, *in principio*.

O ser humano religioso conhece duas espécies de Tempo: o profano e o sagrado. Um de existência efêmera e um de uma 'sequência de eternidades' periodicamente recuperáveis durante as festas que constituem o calendário sagrado (ELIADE, 2013, p. 92).

São as reatualizações periódicas dos gestos divinos, as festas religiosas, que voltam a ensinar aos seres humanos que a sacralidade dos modelos é uma 'sucessão de eternidades'. Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente tornado presente. Os participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico, pois saem do seu Tempo histórico, reúnem-se ao Tempo primordial, que é sempre o mesmo e que pertence à Eternidade. No parêntese aberto pelas festas no tempo cotidiano e por essa anamnese, os homens se ligam a um tempo julgado mais eficaz, porque é o tempo das origens dos seres humanos e das coisas, em que se realizaram os atos determinantes para a humanidade, inclusive a salvação (ELIADE, 2010, p.79).

Neste sentido, Meslin (2014) faz uma reflexão acerca da noção da religião popular que traz um conceito ambíguo e de sentido diferente a partir das diversas ciências que se interessam por ela e que se inscreve num conjunto cultural moldado pela história, uma mediação entre um meio de origem e um meio de utilização. Portanto, manifesta uma certa distância com relação às definições doutrinárias dos grandes sistemas religiosos.

A religiosidade popular humaniza o divino para melhor captar o poder e a graça, seus comportamentos não são apenas uma noção abstrata e adaptada das realidades históricas e sim, uma experiência empírica vivida pelos fiéis, revelando uma superioridade de valores afetivos e emotivos. Dominada pelas necessidades do momento, que leva a estabelecer relações capazes de satisfazer necessidades mais concretas e utilitárias do que realmente espiritual.

A iconografia é uma fonte de conhecimento, pois a imagem sagrada torna-se objeto de contemplação e estabelece laços pessoais entre o devoto e o Deus que se acredita presente, ela tem a finalidade de perceber a realidade transcendente da divindade. Para o culto das relíquias, como ao túmulo dos *santos*, para estabelecer um diálogo ao qual se pode pessoalmente dirigir o pedido. Também as medalhas, rosários, estátuas, as bênçãos para todas as circunstâncias, os ramos bentos, as velas, as cinzas, em que a existência cotidiana do homem se encontra inserida, protegida e garantida.

Em todos os espaços pesquisados, pudemos encontrar imagens que reproduzem figuras humanas e são diretamente associadas a Frei Damião, N. Sr.<sup>a</sup> do Carmo ou N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição, o que nos remete a história do Cristianismo da Idade Média Ocidental, de onde se tem registros. Os devotos rezam pedindo em suas preces e demonstram em suas ações corporais a ligação que estabelecem com o transcendente. À exemplo vemos abaixo um devoto no convento de São Félix de Cantalice, onde existem imagens de tamanho real, no qual o fiel expressa um profundo respeito, legitimando às imagens, em que não há uma oralidade explícita e é bem possível que a ação não seja de fato refletida, mas evidencia a afetividade e a intimidade com o sagrado.

**Figura 04 - Imagem de Frei Damião dentro do Convento de São Félix – Recife/ PE.**



**Fonte: acervo da autora.**

É emblemático constatar através da observação de campo, que no século XXI, seja evidente a prática de ofertar um ex-voto, modernizada por objetos da atualidade, porém com um significado simbólico semelhante ao que já acontecia no século XII. Schmitt (2014) relata que a consumação da relação contratual entre o doente, o santo e Deus, se estabelecia à medida que se engajavam mutuamente em uma relação de troca, o pedido, as preces e as oferendas do doente deviam de alguma forma ‘forçar a mão’ do santo, depois em troca da cura, o miraculado, conforme o pedido deixava ex-votos, vindo assim a aumentar a família do santo (p. 294). No túmulo de Frei Damião os ex-votos são deixados pelos fiéis e as peças reproduzem partes do corpo humano ligadas à cura e réplicas das vestes dos capuchinhos, demonstrando agradecimento conforme o trato. Fazendo-nos ver que a dessacralização da

sociedade não é um processo de escala definitiva, parecendo-nos em constante deslocamento e fazendo surgir diferentes formas de crer.

**Figura 05 - Túmulo de Frei Damião.**



**Fonte: acervo da autora.**

A prática da promessa é certamente a mais frequente e generalizada entre as práticas religiosas do brasileiro. Ela consiste em prometer algo importante e relativamente difícil de ser executado, caso se consiga a realização do pedido feito. A promessa é uma dívida sagrada que se contrai com Deus ou com os santos. Essa obrigação é transposta, na fala dos pregadores, para a necessidade de se pagar pelos milagres, ou cura (muitas vezes aparente ou passageiro) acontecido a alguém (GUARESCHI, 1995, p. 216).

Na periódica de reafirmar valores comuns, nasce o comportamento ritual cujo protótipo encontra-se no sacrifício e que pouco importa que sejam palavras, gestos cantos, posições, danças, objetos, animais, seres humanos ou pensamento. O que importa é saber o que se oferece, por quem e em que proveito. O rito envolve a ação padronizada dos membros dos grupos e também a ocasião de reconhecimento mútuo, o rito exprime o ritmo da vida social, da qual é resultado.

O rito faz parte de um conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com base corporal (verbal, gestual, postural), de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico para seus atores e habitualmente para os seus assistentes, condutas essas fundamentadas numa adesão mental, muitas vezes inconsciente, a valores relativos a escolhas sociais consideradas como importantes, e cuja eficácia não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica da ligação entre causa e efeito (RIVIÈRE, 1996, p. 10-11).

O rito estrutura o tempo tanto pelo recomeço como pela repetição, com recorrência ao calendário, que também se remete e recapitula o percurso escatológico de uma vida como a de Cristo (Natal, Quaresma, Páscoa, Pentecostes). O aspecto repetitivo evidencia que a mensagem é duradoura e válida para guiar o futuro, através dos simbolismos e carregado de sentido, o rito é pressionado para firma-se como tradição realmente transmitida sem mudança e por esse motivo, sua legitimidade é indubitável, a tradição é restaurada pela ritualização e o rito pode ser uma tradição restaurada.

Se todo símbolo produz assim uma indução de sentido, o símbolo religioso orienta para um sentido preciso e objetivo sustentado por toda uma tradição. Ele está ligado a uma experiência totalizante que une o ser humano ao divino (MESLIN, 2014, p. 265).

O rito tem como objetivo essencial de levar os seres e as coisas a se comunicarem entre si, segundo regras codificadas, como uma linguagem comum a toda a humanidade desde as origens, os atores envolvidos no ritual agem como se estivessem em uma ação performática, experimentam o acontecimento pelos múltiplos meios dos sentidos e trazem consigo uma mensagem de respeito pelos protocolos. A festa como todo ritual, é uma condensação de rituais não cotidianos que transformam o viver diário e onde há a suspensão dos parâmetros normais do tempo-espço ordinário e introduz um tempo-espço extraordinário. Suas regras são distintas e há sempre uma volta ao símbolo, à corporeidade<sup>62</sup> expressiva, ao sentimento e à imaginação, como cita Parker (1995), antecipa o tempo não vivido, contra cultura da modernidade, espaço de resistência à lógica racionalista e instrumental, âmbito simbólico regenerador e libertador.

A repetição fiel dos modelos divinos tem um resultado duplo, ao imitar os deuses o ser humano mantém-se no sagrado e ao reatualizar ininterruptamente os gestos divinos, o mundo é santificado, a memória pessoal não entra em jogo e o que conta é rememorar o acontecimento mítico. Nas romarias e peregrinações para os povos urbanos, adquirem um sentido diferente e renovado, a ocasião de reencontro com o sentido festivo original, se intensifica e se potencializa.

Para tanto, é necessário dar atenção tanto a linguagem religiosa quanto aos fatos da cultura para que haja a interpretação dos mesmos, que não gozam de autonomia natural,

---

<sup>62</sup> Termo da filosofia para designar a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo. Corporeidade é supostamente animada pela alma humana que lhe daria transcendência através nosso corpo.

efetivamente eles não são determinados unicamente por fatores econômicos, políticos, sociais ou culturais do qual é contemporâneo. Sua substância não se dá nem se esgota inteiramente no acontecimento e em sua manifestação, porque para um fiel pode parecer como uma referência a uma realidade julgada superior.

O devoto necessita de um benefício concreto e recorre a intervenção extranatural da vida na tentativa de controlar simbolicamente os acontecimentos, faz-se uma promessa que envolve algum tipo de esforço ou sacrifício misticamente super elevado por parte do ofertante em troca da recompensa, na morfologia do rito, a intervenção da fé e o sentido sacrificial e da súplica, são orientados para buscar um socorro na vida concreta.

Pela imaginação simbólica, a mente emancipa-se do real imediato e confere às coisas e acontecimentos um segundo sentido figurado, com uma excepcional profundidade, decididos a seguirem a ordem do rito, suas sequências e procedimentos. ‘Não há ritualização da vida cotidiana sem a ritualização das modalidades corporais’. A fim de obter um milagre, um mesmo elemento pode ser um mediador sobrenatural para a prática do ritual da promessa ao *santo* ou *santa*, que envolva uma peregrinação, a entrega dos ex-voto e o cumprimento estrito da promessa. Se estabelece um laço entre o indivíduo crente e o grupo que professa a mesma fé, através da sacralização do tempo já passado que terminou e o tempo novo que virá, com o tempo festivo se ligado a uma espécie de tempo primordial<sup>63</sup>. Desta forma, a memória desempenha um importante papel para que os ritos sejam passados de geração em geração.

O mito conta uma história sagrada, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, *ab initio* e revela a sacralidade absoluta porque revela a atividade criadora dos deuses, desvela a sacralidade da obra deles, cada mito mostra como a realidade veio à existência, seja ela a realidade total, o cosmo ou apenas um fragmento. Toda experiência mística é pessoal e sobretudo uma comunicação daquilo que se viveu e que só poderá ser expressa por intermédio de uma linguagem culturalmente definida. A linguagem religiosa e as tradições que as interpretam também são fatos de cultura, pois os fenômenos religiosos não possuem autonomia natural e não podem ser apenas um fato histórico, sua substância não se dá nem se esgota inteiramente no acontecimento e em sua manifestação.

A anulação ritualizada do corpo, tem sua própria linguagem de gestos, posturas e posições, tal ritualidade corporal é feita de evitamentos e apagamentos e servem para canalizar as emoções que ameaçariam o equilíbrio no momento em que as práticas evoluem, a

---

<sup>63</sup> Tempo sagrado e que tem consistência na eternidade (op. cit. ELIADE, 2010).

ritualidade também é modificada, pois o corpo permanece o centro de um sistema de montagens simbólicas.

A procissão possui um caráter festivo, a imagem ou santuário torna-se o núcleo do encontro, neste momento é possível o encontro do Tempo profano e Tempo sagrado, remonta-se o tempo *ab initio* (desde o princípio), a caminhada é longa e geralmente em clima de oração e música, na qual se reza pedindo proteção. (Entrevistado 5) *A religião, a oração é para além da alma, é o alimento que ajuda a manter o corpo de pé, os problemas e as dificuldades.* O corpo permanece no centro do sistema de montagens simbólicas, mas a ele é negado o direito de sentir dor ou cansaço, está apenas a serviço da fé, o corpo que se dobra para o sagrado, práticas que favorecem a experiência da anulação ritualizada do corpo.

**Figura 06 – Grupo do terço dos homens, Paróquia do Morro da Conceição.**



**Fonte: acervo da autora.**

Neste ponto é necessário interpretar além do acontecimento e captar a própria substância do fato religioso, a dimensão espiritual e o comportamento religioso do ser humano, buscando a unidade profunda do sentido do sagrado e a percepção do divino. A ideia fundamental é que não se pode ser interpretados seriamente os conceitos de uma representação social, a não ser no contexto do qual está sendo tratada. Agora nos lançaremos no desafio de fazer a transposição da pesquisa dialética para a interpretação empírica dos dados coletados, investidos de todo o referencial teórico que abarcaram os capítulos, nos debruçando nas entrelinhas da pesquisa de campo, nas entrevistas, transcrições e o que nossas observações pessoais nos trouxeram, na construção do terceiro capítulo.

### **3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO, A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO DO DEVOTO NO SEU RITUAL DE PROMESSA.**

No estudo das representações sociais, o conhecimento socialmente organizado e compartilhado favorece conhecer a prática de um determinado grupo, norteia e estabelece condutas de comunicações sociais. Tem comprovado a sua versatilidade a partir da modernidade, advinda da psicologia social, adentrou na sociologia e se inseriu com ampla possibilidade de contribuição no campo de pesquisa das Ciências da Religião, ao qual este estudo faz comprovação. Nesse sentido, as Ciências da Religião podem utilizar os conceitos da Teoria das Representações Sociais, como mais um instrumento na análise dos fenômenos religiosos, uma vez que eles permitem vislumbrar as concepções que os grupos constroem a respeito do mundo.

Em nosso caso, durante a pesquisa teórica, não encontramos um diálogo específico com ideias provenientes de outros estudos sobre a representação social do corpo e a promessa. Sendo assim, nos referenciamos em autores e textos que tratam o corpo na perspectiva do sagrado feminino e do corpo histórico, para problematizar e descrever questões pertinentes às práticas que dizem respeito às representações sociais do objeto corpo, valendo-nos da fala dos sujeitos envolvidos, na tentativa de desvelar o sistema de significados do ritual particular de promessa no catolicismo, resultante da construção de significados dos sujeitos do nosso estudo com o sagrado. No desafio de fazermos a transposição da pesquisa empírica para a interpretação dialética do tratamento dos dados, investido de todo o referencial teórico que abarcou nossa pesquisa ao longo dos dois capítulos anteriores, nos debruçamos nas entrelinhas dos dados da nossa pesquisa de campo, na observação participativa e nas entrevistas transcritas.

Em nossas entrevistas, levamos o interlocutor a colocar-se na atmosfera do tema para que expusessem suas ideias sobre algo pouco discutido que é o corpo no ritual de promessa. Informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo, sobre a realidade por ele vivenciada e que só podiam ser obtidas com a contribuição da pessoa. Fizemos entrevistas qualitativas<sup>64</sup>, para constituir representações da realidade: ideias, crenças, maneira de pensar,

---

<sup>64</sup> A entrevista qualitativa refere-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo sobre a realidade por ele vivenciada e que só pode se conseguir com a contribuição da pessoa (cf. MINAYO, 1995, p. 215).

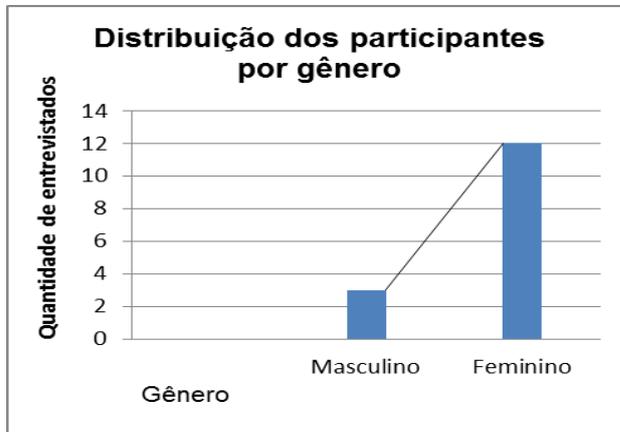
opiniões, sentimentos, maneiras de sentir, maneiras de atuar, condutas, projeções para o futuro, razões consciente de determinadas atitudes e comportamentos. Traçamos um roteiro de entrevista<sup>65</sup> com uma estrutura de perguntas semidirigidas, com um roteiro de tópicos organizados que nos possibilitou adaptações no decorrer dos relatos dos devotos, facultando aos depoentes a possibilidade de colocar outros aspectos de sua lógica, de forma autônoma, estabelecendo as associações dos conteúdos evocados com a espontaneidade, sendo possível assim, captar as opiniões, os significados e os símbolos, nos depoimentos dos rituais particulares de fé.

Realizamos uma observação participante, onde nos colocamos como observador participando da vida social no cenário cultural, com a finalidade de conhecer o contexto e também para relativizar o espaço de onde provinham as representações sociais, nos colocando no lugar do outro. A interpretação assumiu o foco central e serviu para explorar o conjunto de representações sociais tanto na direção do que é homogêneo quanto do que é singular, constam aqui os dados da maneira mais fiel possível, analisados para ir além do que nos foi descritos, fracionados e estabelecendo relações entre as partes, no intuito de articular toda a fundamentação teórica ao propósito da pesquisa. Nossas interpretações dos dados estão baseadas na interpretação de sentidos, que analisa as palavras, ações e interpelações, por combinações variadas, mas mantendo uma articulação que permite a relação de semelhança.

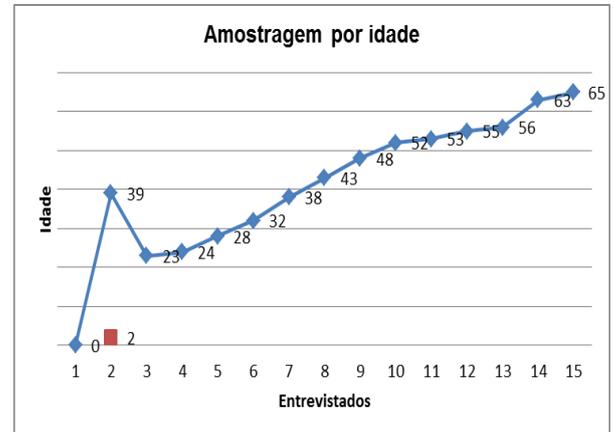
No universo aqui representado encontram-se homens e mulheres, adultos com idade compreendida entre 23 a 63 anos, pois não tínhamos a intenção de classificar por faixa etária, nem por gênero, apenas por adesão espontânea. Os devotos não pertenciam apenas das paróquias da cidade do Recife, havia uma grande presença de devotos de cidades próximas como Olinda, Jaboatão dos Guararapes e São Lourenço da Mata, como também de outros estados do Brasil, como Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe, que se faziam presentes no santuário nos dias de festa. Os identificamos quando preenchemos o formulário de entrevista (anexo A - o perfil do entrevistado que consta do nome, idade, gênero e cidade onde residem) e o termo de livre consentimento e esclarecimento (anexo B – onde consta a permissão do entrevistado das informações coletadas como fonte de pesquisa), documento obrigatório para o andamento do estudo junto à instituição de ensino.

---

<sup>65</sup> O roteiro da entrevista consta nos anexos desta pesquisa (cf. anexo 2).

**Gráfico 01 - Gênero dos participantes.**

Fonte: elaborado pela autora

**Gráfico 02 - Amostragem por idade.**

Fonte: elaborado pela autora

As entrevistas possibilitaram constatar narrativas significativas no entendimento dos sujeitos de nossa pesquisa, sobre a ação de realização da promessa, o sentido e significado, aplicados ao universo diversificado da ação corporal de executar o ritual e os processos cognitivos mobilizados. Os devotos não só agem, como atribuem significados portadores de relevância à sua ação, de acordo com a sua história de vida, seu estoque de conhecimento dado pela experiência e interação com os que o cercam. O estoque de conhecimentos se forma através de tipificação do mundo do senso comum, permitindo a identificação de grupos, a estruturação comum de relevância e possibilidade de compreensão de um modo de vida específico de determinado grupo social (MOSCOVICI, 2015 p. 147).

No quadro 01, apontamos fragmentos das narrativas dos devotos que tipificam representações quanto à ação física da contemplação que se apresenta como parte do ritual, sobre a ação de realizar doação, ora aparece correlata ao trabalho voluntário, ora toma outras formas como a entrega de cesta básica ou dinheiro. Apontamos também a realização consciente do processo ritual em que o fiel estabelece uma correlação de sentido e significado.

**Quadro 01 – Processos cognitivos mobilizados: sentido e significado.**

1.	O sujeito sai do campo pessoal para aumentar o seu alcance de retribuição para com o santo de sua devoção:
	(...) <i>Ajudar outras pessoas a cumprir o seu ritual</i> (Entrevistado 10). (...) <i>Fazendo doação, em dinheiro, em cesta básica, outros</i> (Entrevistado 13).
2.	Uma ação refletida e consciente por parte do sujeito:
	(...) <i>Abdicar de estar fazendo algo pessoal, para conseguir um bem maior</i> (Entrevistado 11).
3.	Uma reafirmação do sujeito do trato estabelecido, de amizade com Deus.
	<i>Contemplar! Nós Carmelitas somos contemplativos (...)</i> (Entrevistado 12).

**Fonte: elaborado pela autora**

Jodelet (2015) enfatiza que:

Mesmo sendo distintas do conhecimento científico, as representações sociais constituem, não obstante, um objeto de estudo legítimo, extremamente relevante, devido a sua importância na vida social e sua capacidade de iluminar os processos cognitivos e as interações sociais, atuando como categoria analítica no estudo de uma determinada realidade social (JODELET, 2015, p. 62).

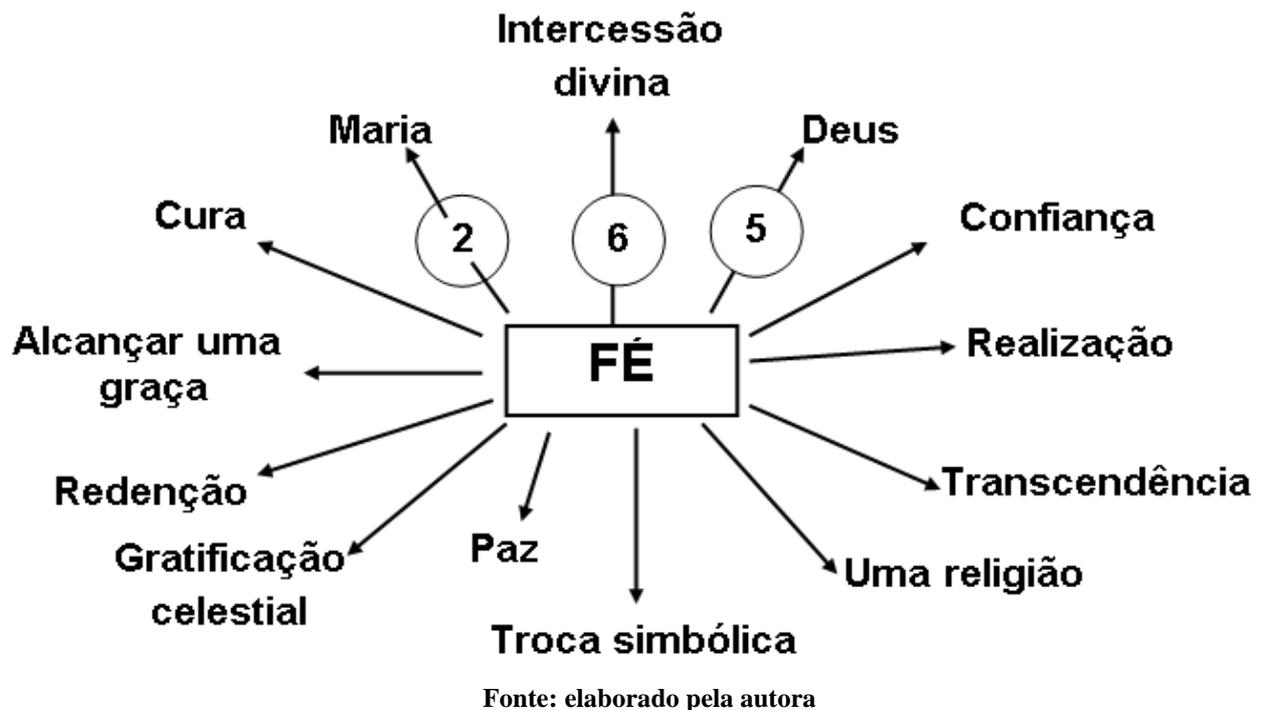
A metodologia empregada neste estudo nos permite analisar os textos das entrevistas, levando em consideração as respostas dadas, no contexto do qual a mensagem fez parte. No decorrer deste capítulo trazemos análise, categorização, inferência, descrição e interpretação, para atribuir um grau de significação mais ampla aos conteúdos, para Minayo (2016), é importante articular a superfície do texto com os fatos que determina suas características. Na perspectiva de dar sentido ao ritual da promessa do devoto e ao uso do corpo, trabalhamos aqui com os significados que os sujeitos deram às suas próprias experiências, baseando-nos em conceitos que tratam o senso comum, dando sentido à pessoa como agente ativo de certo grupo social, pois entendemos aqui que os sistemas de significado são internalizados e operados em paralelo com os níveis pessoal e coletivo, implicando em generalizações abstratas que geram contextos complexos e estas operações são por vezes coexistentes, ligadas por realidades diversas e codificadas em signos<sup>66</sup>.

<sup>66</sup> Signo, o processo humano de construção de significado, operando através de várias formas de combinações de signos em que, em diferentes períodos históricos e com diferentes objetivos, uma forma de signo domina as outras dentro do mesmo complexo signico (cf. MOSCOVICI, 2015, p. 47).

No esquema 02, tratamos o significado atribuído individualmente ao ato de “fazer uma promessa” e atentos aos resultados verificamos que a palavra evidenciada por (89%) dos devotos foi Fé, seguida pelas palavras Deus, Graça, Cura, Confiança e Sentimento, o que nos remete que a ação está ancorada no campo religioso e que a Fé que seria o elemento central e os demais elementos são representações sociais de pensamentos preexistentes sobre a promessa para os devotos, por nós aqui constatados.

Pela análise semântica de todas as entrevistas transcritas<sup>67</sup>, procuramos o sentido dado ao que representa fazer uma promessa e a partir do ponto de vista dos indivíduos que os produziram, identificamos as palavras ou grupos de palavras que tinham algo em comum, sendo simultaneamente diferentes, mas se referiam a uma mesma categoria de realidade, a *religiosidade*. Quando se trata de definir o que é fazer uma promessa, os devotos aqui estudados objetivam suas respostas na intercessão divina, repetida por seis dos entrevistados. Os termos *Deus* e *Maria* aparecem respectivamente com maior quantidade de vezes acionados. Os demais termos aparecem com significações diversas e que podem alterar o conceito, mas ligados a um princípio que os fundam e que dentro do contexto, ganham sentido e garantem sua coerência.

**Esquema 02 – Palavras com representação de sentido.**



Fonte: elaborado pela autora

<sup>67</sup> Todas as transcrições das entrevistas constam na íntegra nos anexos desta pesquisa (cf. anexo D).

Para compreendermos a teia invisível presente nos discursos dos devotos, que narram as relações entre o objeto e a sua interpretação, bem como a diversidade de conhecimentos envolvidos na relação entre o sistema de pensamento do senso comum e o saber científico decorrente da assimilação pela sociedade, é necessário fazer revelar formas expressivas da sensibilidade humana, valorizando a história do sujeito em paralelo com os níveis de interação que ele estabelece com o objeto, como pessoa e agente do processo e que tem como objetivo prático, a interpretação do mundo em que vivem, como internalizam os sistemas de significados e como os operam.

### **3.1 O simbolismo no falar e agir dos devotos.**

O sujeito ativo produz representações acerca de um determinado objeto, embora sejam submetidos às regras dos processos cognitivos, que podem ser influenciados pelas condições sociais nas quais se elaboram e se transmitem uma representação, aqui o devoto ora aparece individualmente, ora como um coletivo diante do objeto social da promessa. Os comportamentos apareceram em situações diversas, através de gestos ou atos, no nosso caso de estudo, de palavras (ou a ausência delas) pelos católicos devotos das santas Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Conceição e do Frei Damião de Bozzano. Por meio de atitudes cognitivas: ideias, informações ou crenças; atitudes afetivas: expondo valores e emoções ou ainda, atitudes comportamentais, quando houve a disposição voluntária de cumprir o ritual da promessa, através de um conjunto de ações ou reações praticadas sob a dependência das crenças ou dos valores. Partimos assim, das informações registradas para interpretá-las, organizá-las e processá-las.

Os seres humanos respondem não apenas aos aspectos físicos de uma situação, mas também e por vezes primariamente, ao sentido que esta situação tem para eles. Uma vez que eles atribuem algum sentido à situação, o seu comportamento subsequente e algumas das consequências deste comportamento são determinadas por este sentido anteriormente atribuído (MINAYO, 1995, p. 96).

O quadro 02, lista proposições dos devotos diante das condutas ordinárias sobre a ação do cumprimento da promessa, exprimem uma contextualidade com a dimensão atitudinal e revela associações com emoção, sentimentos e expressão corporal, constituindo uma gama de representações sociais para o grupo ancoradas na afetividade, e na cognição. E objetivada na

ação comportamental de agir de acordo com as informações disponíveis de normas e valores circulante em seu grupo.

**Quadro 02 - Relações estabelecidas entre a ação executada e a promessa cumprida.**

<b>Dimensão afetiva:</b>
Muita alegria! (Entrevistados 1, 8 e 15).
Todo ano eu venho, enquanto vida eu tiver (Entrevistado 5).
Buscar algo além do que eu posso ir (Entrevistado 10).
Só cheguei ao extremo de me render (Entrevistado 14).
<b>Dimensão comportamental:</b>
Vim e trouxe meu filho (Entrevistado 1).
Vestir a roupa azul (Entrevistado 4).
Trazer a filha, até ela completar 15 anos (Entrevistado 8).
Exige de mim uma contrapartida (Entrevistado 12).
<b>Dimensão cognitiva:</b>
Para pagar o que prometi (Entrevistado 2).
Um negócio que a gente tem que cumprir (Entrevistado 3).
Se dedicar a religião (Entrevistado 9).
<b>Combinações entre as dimensões comportamental e afetiva:</b>
(...) Sacrifício, calor e caminhada, vestir esta roupa (igual à de N <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> da Conceição)” (Entrevistado 6).
(...) Fazer a própria roupa e entregá-la, repetir durante 7 anos (Entrevistado 7).

Ou mesmo quando os valores estão em contraposição às próprias narrativas, apresentando contradição de argumentação.

Ou mesmo ainda, os <b>valores inversos</b> quando é verbalizado:
Exige de mim uma contrapartida (Entrevistado 12) e o outro diz que:
Não exige nada de mim (Entrevistado 13).

**Fonte: elaborado pela autora.**

Nos santuários católicos as práticas devocionais estão inseridas dentro de uma estrutura de plausibilidade que permitem aos devotos a permanência dentro de um sistema religioso. Nas práticas devocionais estão à confirmação de uma crença no santo, que recebe a interação dos devotos, através dos relatos de milagres e graças alcançadas, recebem ainda no caso da devoção ao Frei Damião, à N. Sr.<sup>a</sup> do Carmo e à N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição o reforço eclesial no esforço de propagar entre os fiéis a consolidação da devoção e o modelo de vida religiosa. Santuário é o conceito elaborado pela Igreja Católica, que denomina como santuário a igreja ou outro lugar sagrado, para onde os fiéis em grande número e por motivos especiais fazem peregrinações ou romarias, com a aprovação do Ordinário local (SILVA, 2009, p. 81).

Os cultos de peregrinações nos santuários católicos estabelecem um sistema de trocas simbólicas entre os romeiros e o Santo, capaz de romper com as fronteiras estabelecidas pelas estruturas de classe, as trocas simbólicas acontecem em doações, missas pelos mortos ou missas em ação de graças (STEIL, 1996, p.79).

Em 08 de dezembro de 2015, durante a nossa pesquisa de campo, pudemos acompanhar o momento em que por decreto da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição foi elevada à condição de Santuário Arquidiocesano Nossa Senhora da Conceição, com todos os privilégios e de acordo com o Código de Direito Canônico, pelo Dom Antônio Fernando Saburido, abaixo trazemos uma imagem do registro oficial emitido conforme o Código de Direito Canônico.

**Figura 07 - Decreto sobre a elevação a condição de ‘Santuário Arquidiocesano Nossa Senhora da Conceição’ em 08/12/2015.**



Fonte: acervo da autora

A manutenção da fé católica solicita que o fiel estabeleça continuamente, uma relação com uma comunidade de católicos para que haja envolvimento em uma estrutura que proporcione sentido, estabelecendo convívio através dos rituais e das práticas sacramentais, assim, os fiéis encontram junto aos demais, leigos e religiosos, a afirmação, a repetição e a confirmação das suas crenças. Identificamos também, que o ritual de promessa é realizado não apenas uma vez para a maioria dos entrevistados. A tabela 01 refere-se à quantidade de vezes que o devoto já fez o ritual da promessa, porém é possível verificarmos que em algumas narrativas, a repetição do gesto tornará a acontecer. (...) *Todo ano eu venho enquanto vida eu tiver!* (Entrevistado 5) (...) *Minha promessa é até morrer, toda vida que eu vier aqui, eu vou trazer meu filho de batinha* (Entrevistado 2).

**Tabela 01 - quantidade de repetição do mesmo ritual.**

<b>Quantas vezes fez o ritual da promessa</b>	
<b>Valor</b>	<b>Contagem</b>
<b>2</b>	<b>2</b>
<b>3</b>	<b>1</b>
<b>5</b>	<b>1</b>
<b>Não respondeu</b>	<b>1</b>
<b>Várias vezes</b>	<b>10</b>

**Fonte: elaborado pela autora.**

Em alguns casos são romarias organizadas por paroquianos com seus respectivos padres, um impulso dado também pela classe eclesial da Igreja Católica, porque o devoto também reconhece neste Clero a legitimidade da gestão dos bens de salvação ao solicitar uma bênção com oração e imposição das mãos, ao recorrer à água-benta e a bênção dos objetos levados e consagrados pelo ritual. Evidenciamos que a expressão de fé precisava estar explícita na ação da quitação da dívida e existem muitas maneiras de se fazerem evidentes na ação do indivíduo, para os devotos os gestos precisam ser mostrados para a reatualização do sagrado, que é extremamente necessário no pagamento da promessa<sup>68</sup>. Em nossas observações de campo, constatamos que há um grande número de fiéis que fazem o ritual incluindo as vestimentas que se adaptam, por exemplo, ao que simbolicamente são atribuídas ao santo.

**Figura 08 - Túmulo de Frei Damião, onde são deixados os ex-votos.**

**Fonte: acervo da autora.**

<sup>68</sup> A fundação dos santuários religiosos e os lugares de peregrinação têm aparecido na história, fundamentados na manifestação do sagrado, seja por meio de sinais ou de indivíduos que representam para o homem religioso algum tipo de ligação com Deus (cf. ELIADE, 2010).

O pagador de promessa oferece ao santo o ex-voto (do latim, *votum*), testemunho público da graça alcançada pela intercessão do santo, ao mesmo tempo em que representa uma promessa cumprida. Geralmente são representações do corpo ou da parte curada e tem a função de agradecimento, testemunho e revela relação direta entre o devoto e o santo, bem como é comum de encontrar como prática devocional, o uso do ex-voto de túnicas franciscanas em Frei Damião e as vestes de Nossa Senhora, vestidos e circulando pelo santuário, este ato revela para os demais que o devoto alcançou uma graça e veio pagar sua promessa ao santo, garantindo a vitalidade da crença e revelando o poder do santo como intercessor e protetor.

Nem todas as ações votivas que acompanham a deposição de um ex-voto constituem uma essência sagrada do objeto. É o devoto que é fundamental nesse processo e que se sente um elemento primordial na existência do santuário. No ritual, o ex-voto é um meio de comunicação essencial entre os fiéis e os deuses, mas não assume nenhum caráter sagrado (PRÊTRE, 2017, [www](#)).

O que parece em nossos achados, é que quando se tratam da fé religiosa e das representações sociais, as aproximações são muito fortes, visto que mesmo que estejam longe geograficamente, por devoção aos diferentes santos e de gerações diferentes, este grupos aproximam as suas representações sociais ignorando o fato de as pessoas serem sempre indivíduos complexos e multifacetados que selecionam as suas identidades a partir de uma vasta gama de alternativas econômicas, culturais e ideológicas. Caracterizamos no quadro 03 eixos semânticos que geraram estruturas mais complexas na correlação entre o que se costuma fazer para expressar a fé e a interação ritual, observamos que as ações se repetem, considerando que estão objetivadas no conjunto de possibilidades escolhidas a partir da tradição, assim, encontramos as seguintes associações diretas relativas às expressões de fé do sujeito devoto.

**Quadro 03 - Expressão de fé para o sagrado.**

<b>Associação entre a ação religiosa e o sagrado: aproximações.</b>		
<b>Frei Damião de Bozzano</b>	<b>Nª Sr.ª Conceição</b>	<b>Nª Sr.ª Carmo</b>
Vestir uma roupa marrom na quarta-feira.	Vestir roupa azul e branca.	Acender vela.
Assistir a missa.	Assistir a missa.	Assistir a missa.
Entregar um ex-voto, deixando-o próximo ao túmulo.	Acender vela.	Realizar procissão.
Usar um símbolo (escapulário).	Realizar procissões.	Usar um símbolo (escapulário).
Rezar para o santo em repetição.	Entregar o ex-voto.	Rezar para o santo em repetição.

**Fonte: elaborado pela autora.**

Por Schmitt (2014), a crença é o argumento daquilo que não é evidente, é um modo de conhecimento (cognitivo) e de compreensão (intelectual) intermediário entre a ciência, fundada na certeza objetiva, e o senso comum que comporta a dúvida, estabelecendo uma relação dialética e não uma exclusão mútua. A figura 09 nos permite ilustrar que os estudos que tratam das vertentes de narrativas históricas, sugerem que elas mudam de forma psicologicamente previsível, mesmo dentro de uma comunidade que mantém vínculos com o presente, passado e futuro. Porém, quando se trata das religiões, o quadro parece se inverter e a força é centrada em permanecer na perspectiva de reatualização do mito, o interdito e manter o fato inalterado, para que sejam transmitidas às futuras gerações através da cultura. A natureza e o número das experiências dos atores sociais estão vinculados à sua história de vida, e cada um a partir de sua experiência, atribui relevância a determinados temas, aspectos ou situações, de acordo com a sua própria trajetória.

O papel da memória coletiva, que a iniciação ensina, é, pois, tornar continuamente presente esse passado normativo e se lembrar daquilo que outrora realizaram as gerações anteriores a fim de fazer como elas. Pois o ideal não é construir, a cada nova geração, um novo modelo de existência e de ação, mas fazer reviver uma soma de valores que foram comprovados há muito tempo. A memória se torna, assim, o instrumento de sabedoria que se baseia em valores fundamentais (MESLIN, 2014, p. 382).

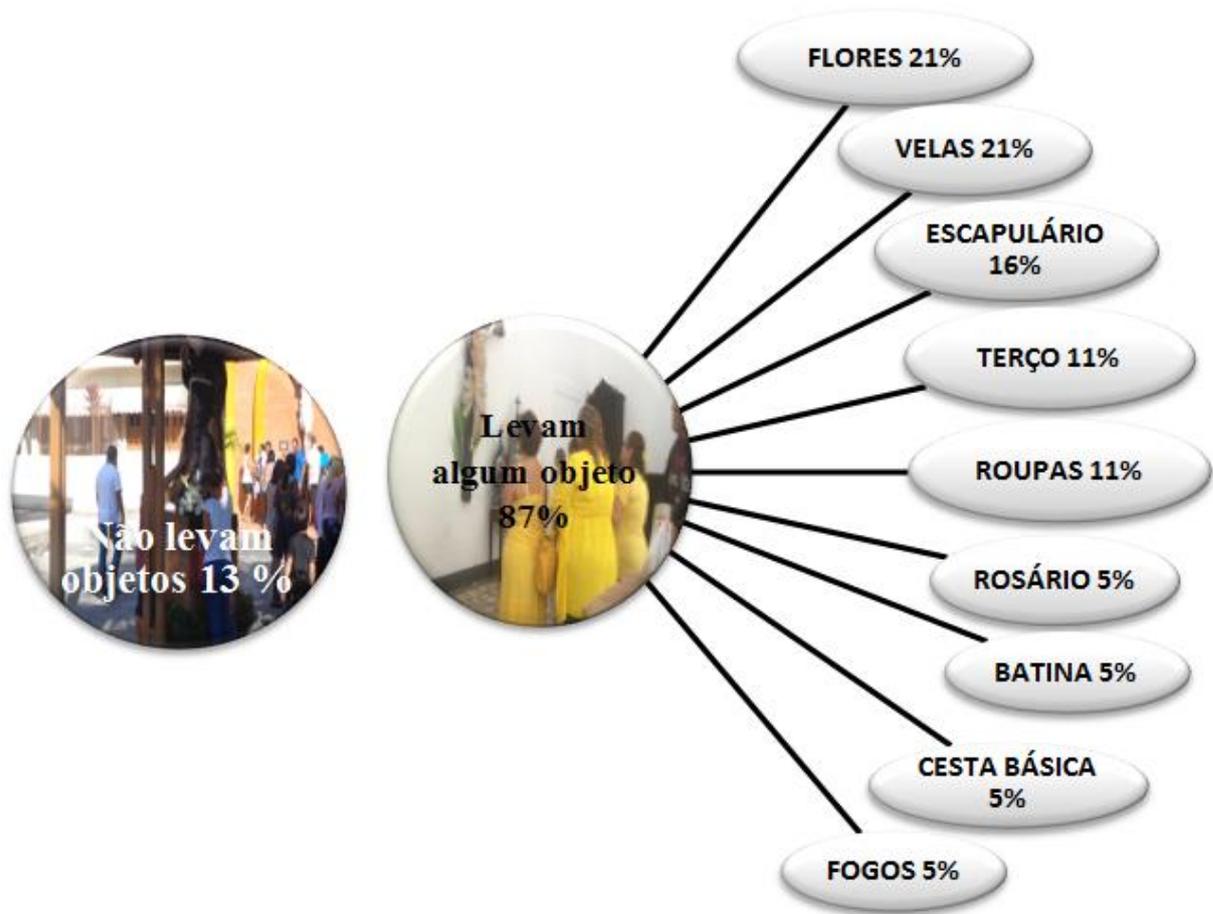
**Figura 09 - Morro da Conceição – Recife/PE – 112ª Festa à N. Sr.ª da Conceição.**



**Fonte: acervo da autora.**

Entre o passado e o presente, algumas diferenças se impõem; de um lado a razão e a ciência, do outro a crença, neste deslocamento surgem novas formas de enquadramento e de produção do crer, não limitada apenas à fé religiosa, mas crer em um objeto, em um presságio aparente ou em seu próprio destino. No esquema 03, fazemos um resgate sobre os objetos registrados ou narrados pelo devotos nos locais de peregrinação. Do total de entrevistados 87% dos pesquisados trazem consigo objetos de significados simbólicos tradicionais e análogos à devoção, mesmo até um conjunto deles e que podiam variar em decorrência da promessa e do acordo simbólico previamente feito com o santo e 13% não trazem consigo nenhum objeto, mas ambos deixam claro que são voluntários na festividade e constatamos que eles estavam com camisetas que faziam alusão ao santo homenageado.

### Esquema 03 - Simbolismo para o ritual.



Fonte: elaborado pela autora.

As temáticas abrem um amplo espaço de discussão, pois na ação da prática do ritual do pagamento da promessa, começam a aparecer a contradição dos discursos e ao aprofundarmos a análise do senso comum, deparamo-nos não apenas com a lógica e com a coerência, mas também com a contradição. Aproveitamos o ambiente propício para estabelecermos análises correlativas com o corpo e o ritual de promessa, que é extremamente individual, embora pertença ao mesmo cenário ao qual o tema está imerso.

### 3.2. O corpo no ritual de promessa: um cenário para reflexões

A relação do corpo e da promessa foi o desafio que nos instigou a iniciar esta pesquisa, ao longo dos capítulos trouxemos os elementos que achamos pertinentes para mantermos o diálogo, neste tópico os faremos buscando a representação social dos sujeitos, com o sacrifício imposto ao corpo para realizar a promessa, confrontaremos os dados das entrevistas, da observação participante e os dados de comprovação científica na perspectiva biológica e os ancoraremos pelo viés religioso e da fé. Em Lebreton (1990), o corpo ideal é uma instância simbólica envolvente, que insere todos os indivíduos de uma sociedade ou de um grupo nas redes de significação de práticas e de crenças (p. 25).

A cultura inscreve-se no corpo que é uma entidade natural e real, a fim de modelá-lo, socializá-lo e de transformá-lo, com base em suas regras e suas normas. É a partir da infância que o corpo é formado, pois ‘ele é o primeiro lugar em que a mão do adulto marca a criança’. Toda postura e todo movimento corporal é resultado de uma construção social, ainda que pareçam espontâneas e assim responde a uma lógica dos gestos naturais, constituindo um conjunto de técnicas culturalmente valorizadas e atos eficazes (MAUSS apud MARZANO-PARISOLI, 2004, p. 26 - 27).

Sobre a objetividade das representações, insiste Bourdieu: ‘cada agente, ainda que não saiba ou que não queira, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo, porque suas ações são o produto de um modo de agir do qual ele não é o produtor imediato, nem tem o domínio completo’ (MIMAYO, 1995, p. 182).

Os atributos associados às ideias e aos comportamentos, que por vezes estão explícitos nas ações e não aparecem nas narrativas, servem para evidenciar as representações sociais e levantar atitudes diferenciadas, ancoradas na realidade simbólica coletiva. O quadro 04 refere-se a uma técnica para identificarmos as representações presentes no discursos, categorizamos as representações em unidade de contexto e as associamos as unidades de registro para uma compreensão dialética dos dados.

Quadro 04 - Práticas corporais associadas à execução do ritual da promessa.

<b>PRÁTICAS ASSOCIADAS</b>		
<b>Unidade de registro</b>	<b>Unidades de contexto</b>	<b>Entrevistados</b>
<b>Ausência de sono</b>	(...) porque é uma promessa que eu tenho que pagar, ave Maria, morro de medo de andar de ônibus, eu não durmo, venho o caminho inteiro só pensando em besteira, mas a fé é tão grande, são 12 horas de viagem.	<b>Entrevistado 2</b>
<b>Doença associada</b>	(...) olha este rosto aqui meu, foi uma queimadura de óleo quente, ai tive que tirar daqui né, tirou a lesão ficou um mês, 30 dias eu indo fazer curativo todo dia.	<b>Entrevistado 1</b>
<b>Excitação</b>	Eu não acho que é sacrifício, acho que é força de vontade, livre e espontânea, assim, não tem explicação. Não, eu acho que me sinto mais cheia de energia, mas cheia de vontade de viver, de correr atrás do que eu quero.	<b>Entrevistado 3</b>
<b>Aceitação</b>	Não importa peso, não importa a lonjura, que aqui é muita ladeira, quando eu voltar pra casa eu vou voltar leve, sem sentir nada, vou descer contente.	<b>Entrevistado 4</b>
<b>Religiosidade</b>	(...) então, eu acho que isso é uma religião. Não é nem religião, é um procedimento de vida. A gente ama ao próximo, a gente tá fazendo a vontade de Deus.	<b>Entrevistado 14</b>
<b>Motivação</b>	Maria não quer sacrifício, quer todo mundo em pé, de cabeça erguida, olhando prá ela, com saúde, trabalhando para vir para a festa dela.	<b>Entrevistado 10</b>
<b>Sacrifício</b>	Sacrifício, calor, caminhada, vestir esta roupa, quando ninguém mais está com esta roupa. Mas vale, vale! Como!	<b>Entrevistado 10</b>
<b>Percorre longas caminhadas</b>	Não é sacrifício, prá gente nunca foi, mesmo vindo de longe. Nunca foi sacrifício não, tudo que a gente faz com fé não é sacrifício.	<b>Entrevistado 8</b>

Fonte: elaborado pela autora.

Na observação participativa e no acompanhamento aos devotos, foi possível identificarmos os mais diversos rituais particulares de fé, algumas práticas encontram-se registradas na vasta bibliografia sobre o tema, referem-se às longas caminhadas para se chegar ao santuário, ora caminhando de uma cidade para outra, ora com horas ou dias para chegar ao destino e cumprir a promessa de visitar o santuário pelo menos uma vez na vida e se possível ampliando o ritual para outros membros da família. Como o exemplo no caso da devoção ao Frei Damião de Bozzano, onde os restos mortais se encontram em Recife/PE, para cumprir o compromisso religioso de visitar o santuário, trazendo outros membros da família para fazer a repetição do ato que o Frei fazia quando vivo; de acordar às quatro horas da manhã, e então realizar a procissão dentro do convento de São Felix, cantado e rezando, sempre que chegar uma caravana de fiéis para dormir dentro do convento na área dos peregrinos. As procissões são seguidas por multidões, anos e anos, repetidas vezes, por horas seguidas, alguns descalços ou carregando algum objeto, reatualizando as tradições, por décadas e décadas seguidas.

Na festividade, o romeiro sai de um espaço/tempo festivo para celebrar o espaço/tempo sagrado, eles chegam em comitivas, muitos dormem na área reservada para quem quiser pernoitar, acomodam-se nos espaços possíveis. Outros passam noites acordados, conversando ou em oração, posto que a programação religiosa do santuário abrange atividades religiosas até tarde da noite, madrugada ou ao amanhecer bem cedo, produzindo uma evocação e estabelecendo um retorno às pregações do frade. No convento de São Félix de Cantalice, os devotos em Frei Damião, refazem o ritual que ele fazia em vida, alguns trazem seus bebês e crianças para comungarem destes momentos.

O quadro 05 apresenta a relação entre a concepção da promessa e a versão do sujeito na sua percepção de sacrifício imposto ao corpo, o qual expressa à dualidade de interpretação do devoto, bem como a completa coerência entre suas ideias, que estão ancoradas no cognitivo para um e na religiosidade para outro, e são objetivadas em suas experiências de vida.

**Quadro 05 – A promessa e o sacrifício imposto ao corpo.**

<b>Relação entre promessa e sacrifício imposto ao corpo pela percepção do</b>	
<b>Promessa</b>	<b>Sacrifício</b>
<p>É interessante que eu sempre tive o conceito de não prometer porque eu não achava que eu tava querendo é... como é que se diz, incentivar alguma troca com o santo e eu acho isso nunca muito justo e isso ia contra mim, ia traficar com o santo, vamos dizer assim e na verdade eu cheguei no lugar comum da necessidade, vamos dizer assim, fui tocada pela necessidade. E na verdade não foi prometer, foi chegar ao extremo de me render a fé mesmo, ao extremo (Entrevistado 15).</p>	<p>Eu já vim algumas vezes a pé, mas seu tenho uma coisa bem pessoal, de não fazer disso um drama, vamos dizer assim. Não precisa ser hoje especificamente, é como se hoje fosse o aniversário dela. Eu acho fazer coisas emblemáticas sim (Entrevistado 15).</p>
<p>Prá mim fazer uma promessa é buscar uma força religiosa, pedir uma interseção a Deus para conseguir algo que para mim é impossível (Entrevistado 11).</p>	<p>Com certeza existe sacrifício, de vir, entrar nesta multidão, porque é muita gente né? Porque a gente vem no dia. Então a gente passa tempo aqui, calor. Nada funciona, né? Muito importante porque no momento que eu mais precisei, fui atendida, então eu acho, o mínimo que eu posso fazer é isso, por mais que exija do meu corpo do sacrifício, mas é o mínimo (Entrevistado 11).</p>

**Fonte: Elaborado pela autora**

Pela nossa parte, achamos fundamental a articulação do pensamento social, deslocado para a dimensão biológica do fenômeno, entendemos que esta não é a principal organização dos comportamentos humano e nem também a principal fonte de categorização, mas que neste cenário é uma fonte importante de diálogo com este estudo, o que fizemos aqui ainda é um

processo incipiente e mais investigações são necessárias para entendermos o complexo das representações sociais presentes.

**Figura 10 – Procissão de 2015 à N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição.**



**Fonte: acervo da autora.**

Identificamos que o percurso percorrido pelos fiéis a N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição é de aproximadamente sete quilômetros <sup>69</sup>, desde o ponto de onde sai à procissão até o ponto final, onde a imagem é recolocada. Um percurso realizado no horário da tarde, na cidade do Recife e que tem como temperatura média de 28 graus. O percurso leva em torno de cinco horas para ser realizado completamente, pois é no alto de um morro na zona norte da cidade. Cantando e rezando, por vezes descalço ou carregando um ex-voto, que vai de medalhas a cruz de madeira. E que ao serem questionados se existe sacrifício, obtivemos como respostas:

Os devotos identificam que não há sacrifício imposto ao corpo, evidenciados nos trechos das falas:

Não é sacrifício nenhum, é motivo de alegria, gratidão (Entrevistado 5).

Não tem sacrifício, se a gente fizer sacrifício não tem valor. Tem que ser por amor, exclusivamente (Entrevistado 14).

<sup>69</sup> Cf. Prefeitura do Recife, www, 2017.

Ao mesmo tempo em que no mesmo grupo de devotos encontramos os que consideram sim sacrifício, nos depoimentos:

Exige sacrifício, mas é o mínimo, por que quando precisei, fui atendido! (Entrevistado 11).

E ainda nesta perspectiva encontramos as contradições dos discursos:

Depende do que cada um quer alcançar (Entrevistado 12).

Tudo que a gente faz com fé não é sacrifício (Entrevistado 8).

**Fonte: elaborado pela autora.**

Neste recorte específico de análise do ritual, percebemos que em condições do dia a dia a descrição deste cenário poderia ser considerado de uma atividade de grande intensidade física e de longa duração, de acordo com os padrões da Organização Mundial da Saúde<sup>70</sup>. Por exigência da tradição, as caminhadas em procissão dentro do convento de São Félix de Cantalice, para homenagear frei Damião de Bozzano, acontecem no início da manhã, às 5 horas, onde neste momento a temperatura é mais fria e pode ter chuva, mas por nenhum motivo o devoto se exime de realizar o ritual; Nas caminhadas em procissão para as *Santas* N. Sr.<sup>a</sup> do Carmo e N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, se iniciam no meio da tarde, próximo das 15 horas, onde ainda a incidência de sol é muito alta e o clima bastante quente.

Um momento de grande esforço muscular e de muita repetição, pois o peso da carga chega a ser três vezes maior que o peso real, o que pode causar lesões musculares ou ósseas, pois o percurso caminhando é muito longo. O corpo desidrata devido à temperatura corporal elevada, sede, sudorese em excesso pelo tempo quente, visto que o corpo é submetido a temperaturas externas que chegam a 32° ou mais, dependendo da hora do dia em que o ritual é realizado, causando um estresse muscular.

Outros sintomas associados se referem às questões de caráter sócio psicológico, que afetam indiretamente a saúde do indivíduo em condições de vida diária, como no caso da privação do sono, que pode causar alteração tais como o estresse, cansaço e risco de acidentes. Os devotos vêm em caravanas às vezes até, de uma cidade para outra, onde não há o conforto do lar, pois ficam em alojamentos. A dieta alimentar também é alterada para se adequar ao tempo no local e pelas condições financeiras, outro dado relatado se refere às

---

<sup>70</sup> Cf. Organização Mundial da Saúde, www, 2017.

questões de segurança física e material, pois existe o medo de violência contra a pessoa ou a família.

O sacrifício feito desde a viagem até o santuário faz parte do ritual da peregrinação, tomado de um sentido penitencial, para Steil (1996), ‘a peregrinação é em si mesmo um ato penitencial, na qual o devoto recobra forças, alivia seus sofrimentos, expurga seus pecados e voltam para casa espiritualmente aliviados’. A romaria antecede o momento do pagamento da promessa, transformando a viagem em um instante de preparação para o encontro com o sagrado.

Qualquer que seja o motivo a mover os romeiros, deve-se considerar a relação que existe entre a peregrinação e a penitência ‘pois por definição e prática, exige sempre sacrifícios e penalidade assumidos por outros, em forma de expiação ou por si mesmo como um voto, promessa ou desejo. Sendo necessário ter consciência de que o evento tem o sentido de sacrifício’ (STEIL, 1996).

As representações sociais assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de comportamento durante o cumprimento do ritual de promessa, relacionado com os aspectos do sacrifício e da transmissão do simbolismo inserido no contexto. O corpo histórico é produto da construção cultural da sociedade e o corpo humano é sempre e antes de tudo, uma entidade real, uma realidade material, o substrato carnal de cada pessoa (JODELET, 2015, p. 65).

A atitude é o conceito básico, entendendo-a como predisposição, relativamente estável e organizada, para reagir sob forma de opinião (verbal), ou de atos (comportamental) em presença de objetos (pessoas, ideias, acontecimentos, etc.). Nesta análise, levamos em conta a direção (a favor ou contra) e a intensidade (fria ou apaixonada) dos juízos selecionados (MINAYO, 2016, p. 77 - 78).

As atitudes cognitivas, afetivas e dos comportamentos, aparecem durante todos os processos de socialização, porém estas atitudes não são impossíveis de mudar e em nossa pesquisa às vezes aparecem misturadas no depoimento dos devotos e nem sempre fica clara a diferença. No quadro 06, ancoramos a análise mostrando que grande parte do comportamento humano tem atitudes subjacentes, isto quer dizer, que quanto mais forte e estável for uma atitude, mais facilmente será retida pela memória e mais provavelmente afetará o comportamento humano e é mais provável que tenha uma particular importância na infância e

na adolescência, isto se deve ao fato de um indivíduo permanecer mais ou menos na mesma estrutura social a maior parte de sua vida, pois o ser humano tem tendência para estabilizar as suas atitudes pela assimilação que ocorre ao longo da vida.

**Quadro 06 - Cenário individual de assimilação de atitudes.**

<b>Contradição</b>	<b>Troca simbólica</b>	<b>Clareza da resposta</b>
<b>Não importa o peso, a lonjura, nem a ladeira, vou descer contente! (Entrevistado 4).</b>	<b>Exige sacrifício, mas é o mínimo, porque quando precisei, fui atendida (Entrevistado 11).</b>	<b>O corpo não fica cansado (Entrevistado 9).</b>
<b>Não é sacrifício, é um prazer, às vezes é um sofrimento, mas é um sofrimento que no fundo causa um grande prazer na pessoa (Entrevistado 13).</b>	<b>Tudo só vale a pena se tiver um esforço (Entrevistado 2).</b>	<b>Não existe a separação. É corpo e alma, razão e coração (Entrevistado 7).</b>
	<b>Deus sofreu por nós, nós temos que sofrer por ele (Entrevistado 1).</b>	

Fonte: elaborado pela autora.

### 3.3 Formulações a partir do senso comum

Diante da importância da observação participante em nosso estudo e na qualidade de pesquisadores sociais, propomos entender princípios gerais na organização inteligível da experiência do ritual da promessa, com o papel de relativizar o espaço, vincular os fatos e as representações com as práticas vividas pelo grupo pesquisado, transcendendo o senso comum. No território do “*habitus*”<sup>71</sup>, as respostas individuais são consideradas como manifestações de tendências do grupo de pertença no qual os indivíduos participam, atuando no tempo que abarca a socialização. As interações são significantes, mesmo que não tenha a intenção de significar, produto de um modo de agir imediato, práticas sem razões explícitas e essa possibilidade existe na medida em que os comportamentos sociais e individuais obedecem a modelos culturais interiorizados, ‘depositados’ em cada ator social desde a primeira infância.

<sup>71</sup> Para Bourdieu, o *habitus* representa os traços distintivos de um grupo social, definido como um sistema de disposição duradouro, transponível e considerado como um sistema de disposição aberto com produção de práticas, de percepção e apreciação das práticas (cf. BOURDIEU, 2007).

Para Vico, a linguagem e especificamente a nomeação, é uma atividade divina, ele se refere à diferença entre os fenômenos naturais e fenômenos criados por humanos. Ele defende que o físico não pode atribuir às coisas a sua natureza; isto é algo que só Deus pode fazer. Por outro lado, o ser humano 'define nomes e, tal como Deus, cria ponto, linha e superfície a partir do nada, como se do nada, pelo nome, compreenda algo que não tem partes' Deus define as coisas, mas o homem define os nomes (MARKOVÁ, 2015, p. 94).

**Figura 11 - A devoção, o costume e a prática corporal.**



**Fonte: acervo da autora.**

O tempo cronológico usados em oração, com as mãos postas e voltadas para o céu ou para as imagens, em pé ou de joelhos ao chão, estão ancoradas na tradição do Cristianismo Ocidental e acompanham posturas e gestos, que são acompanhados por palavras ou mesmo sem elas, atitudes que sempre expressam um profundo respeito e adoração a alguém superior. Objetivadas em posturas presumidas de piedade como curvar-se em respeito ou pedir a benção a uma autoridade eclesial; estender os braços para o alto, as palmas das mãos voltadas para cima, olhos voltados para o céu, como uma ação de súplica; tirar os calçados e ficar com os pés descalços como ato de humildade, são sinais que podem não representar nada para quem não convive em um determinado ambiente, mas de nenhuma forma, estes gestos de projeções de comunicação não verbal passam despercebidos pelo simbolismo que apresentam.

As relações interpessoais numa pesquisa nunca são apenas relações de indivíduos e a verdade da interação não reside inteiramente na interação (...) é a posição presente e passado na estrutura social que os indivíduos trazem consigo em forma de *'habitus'*<sup>72</sup> em todo o tempo e lugar, que marca a relação (BOURDIEU apud MIMAYO, 1995, p. 105).

O quadro 07 propõe expor a representação social do fiel sobre o fenômeno da promessa, ancorada em um conjunto de convicções filosóficas e sociais de um indivíduo ou grupo de indivíduos pesquisados. Constam aqui categorizações de depoimentos a partir das ideias associadas ao uso do corpo e a percepção sobre a promessa, o embate moral quanto a realizar ou não sacrifício e os sentimentos diversos envolvidos na ação que trata a corporeidade humana.

**Quadro 07 - Representações mentais do fenômeno.**

Convicções filosóficas sobre a ação ritual	Elementos constantes sobre SENTIMENTOS e CRENÇAS	
Eu não acho sacrifício	Fé	Contente
Não tem sacrifício	Valor	Força de vontade
Não é sacrifício	Amor	Espontânea
Depende (de quem ou quando)	Prazer	Sofrimento
Exige sacrifício	Necessidade	Realização
Ela (Santa) não quer sacrifício	Alegria	Confiança
Não importa que tenha sacrifício	Gratidão	Doação

Fonte: elaborado pela autora.

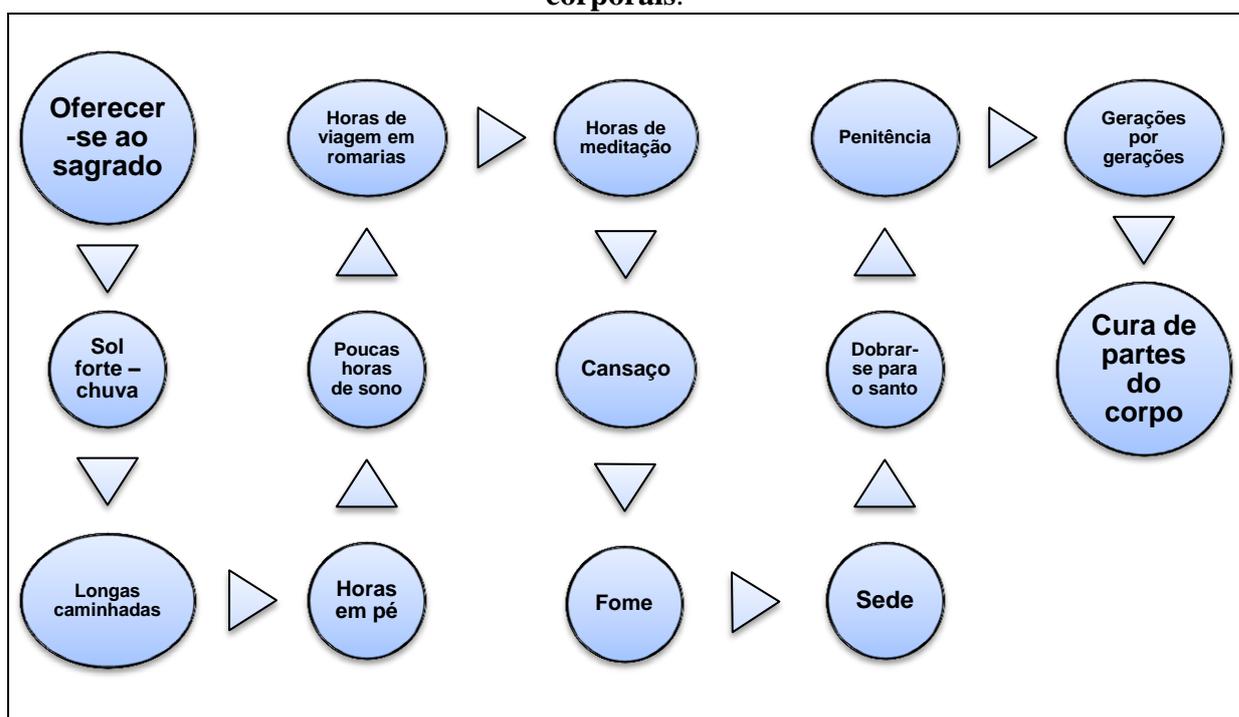
Os tópicos encontrados partem de conceitos centrais e estabelecem uma lógica de comunicação socialmente aceita, comportando um conjunto de relações de sentido evidenciando as mensagens por trás das palavras, combinadas em uma unidade maior. Os temas aqui na pesquisa também não se revelam com clareza; nem mesmo parte é definitivamente atingível, tanto porque eles estão completamente interligados com certa memória coletiva inscrita na linguagem, como também porque são combinações, iguais às representações que eles sustentam, ao mesmo tempo cognitivas (invariantes ancorados em

<sup>72</sup> Para esclarecimento, não temos o propósito de trabalhar o conceito de *'habitus'* de Pierre Bourdieu, trazemos aqui pela contribuição por associação a nossa pesquisa (Nota da autora).

nosso aparato neurossensor e em nossos esquemas de ação), como culturais (universais consensuais de temas objetivados pelas temporalidades e histórias do longo espaço de tempo) (MOSCOVICI, 2015, p. 248 - 249).

As evocações<sup>73</sup> presentes no esquema 04 foram extraídas das narrativas dos devotos e estão associadas a sistemas de pensamentos e compreensões livres que associam a relação entre o corpo e a promessa, que geram visões consensuais de ação, que permitem manter um vínculo social e de continuidade e dá condições ao grupo de se orientarem no que é mais correto fazer. Evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando o significado através de proposições transmissíveis. ‘Estas interações têm como objetivo a constituição de mentalidades ou crenças que influenciam os comportamentos’ (MOSCOVICI, 2015, p. 217).

#### Esquema 04 - As Evocações Livres de palavras ou expressões sobre as ações corporais.



Fonte: elaborado pela autora.

Construímos um percurso respeitando a diversidade e a contradição das representações sociais na *práxis* do sujeito devoto, que é o símbolo do grupo que ele representa como um orientador da ação e da comunicação para a ampliação da teia de significados por nós desvelados, pois os fenômenos por si só, pareceriam incoerentes, incompreensíveis e

<sup>73</sup> Evocação (do latim, *evocatione*), aqui tratou como a atualização dos dados fixados. Verifica-se a frequência dos elementos e o valor simbólico pessoal (cf. SÁ, 1996).

imprevisíveis. Permanecemos longos tempos nas interpretações das estruturas estruturadas e estruturas estruturantes que deram forma aos núcleos das representações e aos conteúdos do imaginário social. Realizamos as sínteses entre as questões da pesquisa, os resultados obtidos a partir da análise do material coletado, as inferências realizadas e aqui, inseridas na perspectiva teórica adotada.

O corpo impregnado de subjetividade é o lugar aonde a história de cada sujeito vai sendo tecida, por ele se tem acesso direto ao mundo, é por meio do corpo que se dá o encontro entre a fé humana e a misericórdia divina, é pelo corpo que se garante a dignidade de lutar por uma vida de igualdade social. De todas estas formas foi possível mostrar neste longo percurso os porquês do corpo ser um meio tão importante de expressar para Deus a gratidão e para viver em comunicação com o Transcendente (Deus).



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa foi realizada nos espaços sagrados que são referenciados pelos devotos em Frei Damião de Bozzano, no Convento São Félix de Cantalice; Nossa Senhora do Carmo, na Basílica e Convento de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Conceição, Santuário Arquidiocesano Nossa Senhora da Conceição. A pesquisa teve como objetivo investigar a temática do corpo dentro dos rituais de promessa no catolicismo, ancorada na Teoria das Representações Sociais como um subsídio para tratar a relação dialética com o campo de conhecimento das Ciências da Religião. Ao analisarmos as devoções, elencamos as crenças que os católicos devotos depositaram ao longo do tempo histórico nas santas e no Frei Damião, levando em consideração os elementos teóricos para tratar o senso comum e os efeitos da transformação do saber científico decorrentes da assimilação pela sociedade na dimensão da subjetividade e pela experiência com o sagrado, levando em consideração o indivíduo e o seu contexto, com foco no tempo presente da sociedade moderna e nos espaços públicos sagrados investigados, sem perder de vista a tradição.

O estudo foi desenvolvido entre o final do ano de 2015 e ao longo do ano de 2016 e culminou nos meses em que as festividades de homenagens aconteciam. Em maio de 2015, aconteciam as homenagens de 19 anos de morte do frei Damião de Bozzano no Convento São Félix de Cantalice onde se encontram sepultados seus restos mortais. Foram quatro dias de celebrações em sua memória. Na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, no mês de julho de 2016, acontecia a 320ª edição da festividade para a Padroeira da cidade do Recife, que esperava um público de 200 mil pessoas em dois dias de atividades e finalmente em dezembro de 2015, era realizada a 112ª edição em comemoração a Nossa Senhora da Conceição, considerada como a maior festa religiosa de Pernambuco e que naquele ano especialmente foi promovido a santuário, cerca de 1,3 milhão de pessoas estimativamente passaram nos dez dias de festa.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, onde o objeto de estudo que é o corpo, norteou o nosso percurso discursivo, inventariamos em nossa bibliografia um repertório de artigos, teses, dissertações e livros. Estas fontes consubstanciam a nossa narrativa e utilizamo-nos dos registros fotográficos, dos registros pessoais de observação de campo, das gravações e transcrições das entrevistas, pois construímos um roteiro que levou o devoto a refletir e discorrer sobre o corpo no ritual particular de cumprimento da promessa e o

aplicamos para mapearmos as representações sociais pertinentes ao grupo. Estivemos durante dias e dias envolvidos na observação sistemática e as entrevistas foram realizadas no local do ritual do cumprimento da promessa para que a atmosfera simbólica não se perdesse e pudéssemos captar as emoções e sentimentos exatamente no momento do outro, porque todo este caminhar faz parte da metodologia da pesquisa em Representação Social.

No papel de pesquisador mediador atentos às nuances que aconteceram durante todo o processo de interação com os sujeitos devotos e os registros das informações, explícitas e implícitas, decorrentes do ato individual de realizar promessa e as implicações dentro do grupo de pertencimento, nenhum detalhe por mínimo ou sem repercussão deveria passar despercebido, pois foi levado em consideração no momento da interpretação e discussão e por isso, ouvimos, gravamos, transcrevemos e apresentamos no decorrer dos capítulos as reflexões gerais por nós verificadas.

Pela aproximação do fenômeno do pagamento da promessa, pudemos observar as práticas devocionais e compreender os valores e significados do objeto corpo para os envolvidos, assim percebemos como as ancoram e as objetivam, e como isso contribuiu para a conservação da tradição cultural no campo religioso brasileiro. Valendo-nos do conhecimento empírico incorporado na fala, “*venho andando todos os anos*” (Entrevistado 6), na crença “*acompanho a procissão com meu filho*” (Entrevistado 11) e no rito “*abençoo o escapulário e faço a doação à outra pessoa*” (Entrevistado 3), que os devotos cumprem suas homenagens às santas e ao Frei e como suas práticas são acomodadas no discurso do senso comum.

Os santuários apresentam-se como espaços de plausibilidade, legitimidade para os devotos que para lá se dirigem em peregrinação, o que acontece com regularidade e é reconhecido e incentivado pela instituição eclesial numa clara valorização da sacralidade do local. Revelando a hierofania, a manifestação do sagrado, para tornar o santuário o ambiente de culminância do encontro simbólico com o divino, onde são realizadas as orações, as penitências e são entregues as doações e os ex-votos.

Evidenciamos em nosso recorte, que os (as) devotos (as) vêm mais de uma vez na vida visitar os locais de peregrinações, que fazem promessas não só por motivos pessoais, mas também para seus parentes de sangue ou seu “próximo”, no sentido de irmãos em Deus, então reatualizam o mito periodicamente, trazem seus filhos e demais parentes para participar coletivamente do cumprimento da dívida com Deus, com as santas ou o Frei, transmitindo assim para a geração seguinte a sua experiência religiosa.

Como afirma Eliade (2010), na reatualização mítica presente e passado se interligam assumindo um caráter de realidade atemporal, a memória predomina sobre a lógica, o passado sobre o presente. Nos ritos por nós observados existiam de fato uma ação performática, sejam nas longas caminhadas percorridas a pé, nos longos períodos de tempo ajoelhados em oração ou ainda, transladando uma cruz para a conclusão do compromisso assumido, recapitulando em parte o percurso escatológico da vida cristã.

Ao analisarmos as ações rituais praticadas e registradas nas entrevistas transcritas e na observação participante, constatamos a contradição do discurso, pois embora a ação ritual seja corporalmente parecida, a percepção de esforço físico ou sacrifício apresenta diferença: para uns é sim sacrifício, e que este é necessário, pois Jesus sofreu pelos seus, então nada mais justo que um pouco desta retribuição. Enquanto que para outros fiéis, não é esforço físico ou sacrifício nenhum, pois Deus, ou o santo não quer que os seus, passem pelo sofrimento. As representações sociais emergiram com clareza e também com contradição, aspectos fundamentais da organização da cognição e estruturação do pensamento, associados a atitudes e valores dos devotos.

Pudemos perceber também, que os ritos estão fortemente vinculados à *práxis* e ao sistema de valores dos devotos, “*assistir a missa e depois consagrar a promessa*” (Entrevistado 2), está remetido ao ato de primeiro entrar em sintonia com o sagrado e posteriormente ir até a imagem e entregar o objeto prometido. “*Fazer a própria roupa e entregá-la, repetindo este ritual por sete anos*” (Entrevistado 7), “*com o firme propósito de cumprir, logo que a graça é alcançada*” (Entrevistado 11) e todas estas expressões juntas anunciam uma fé, transfigurada em valores religiosos. Capazes de aproximar a representação social ao objeto de devoção, através dos laços simbólicos que foram estabelecidos através dos fatos vividos.

E no percurso do tempo histórico, as reatualizações adquirem significados variados entre os devotos que incorporam o tempo da origem, “*todo ano eu venho, enquanto vida eu tiver*” (Entrevistado 5), identificamos aproximações na perspectiva de humanização do divino, “*(...) nós Carmelitas somos contemplativos, a oração para nós é um tratado de amizade com Deus*” (Entrevistado 12). Compreendemos então existir uma apropriação dos modelos de santidade e de práticas que são signos que estabelecem laços entre a capacidade de dar sentido ao que foi concretizado pelos indivíduos nos discursos e práticas sociais.

A linguagem traz um fluxo de associações, classificação e nomeação, investe-se de metáforas como nos relatos destacados aqui: “*(...) usar o rosário no pescoço, até casar*”

(Entrevistado 3); “*Ajudo as pessoas a cumprir a promessa*” (Entrevistado 10) e as projetam no espaço simbólico. Capaz de revelar e ocultar as intenções dos devotos, que se vale de um conjunto de condutas verbal e gestual combinados em uma unidade maior, a tradição totalizante da experiência com o divino, a mesma que trata a fé e que entrelaça a confiança em Deus e Maria, a intercessão de um santo na graça alcançada ou ainda a redenção do ser humano no sagrado.

Em nossas análises, a dimensão da corporeidade humana não se limitou ao aspecto físico e sim a unidade corpo-espírito, sabendo que é através da transcendência que o ser humano supera as coordenadas do tempo-espço, sendo possível identificar que no centro dos ritos cristãos os corpos constituem lugares privilegiados da intervenção sobrenatural e a linguagem corporal é realçada para simbolizar a relação do corpo no ritual da promessa pelo conjunto de condutas codificadas com base no postural, gestual ou mesmo no verbal, cuja eficiência não depende de uma lógica entre a causa e o efeito e sim de uma experiência totalizante sustentada pela tradição.

Por razões pertinentes à própria complexidade do objeto de estudo, houve dificuldade dos entrevistados de isolá-lo, pois o mesmo é tido como um instrumento para cumprir a função de servir, um autômato que satisfaz apenas as exigências do ritual, por vezes anulado de suas necessidades básicas e apagado para não cometer falhas. O corpo aparece mascarado no sagrado como um instrumento a serviço da fé, onde o ser humano se coloca em posição de exterioridade perante seu próprio corpo, pois a salvação pelo corpo se dá a partir da exaltação dos sentidos.

O corpo depositário da expressão religiosa e veículo de expressão individual, na tradição cristã representa um símbolo fundamental em torno do qual, diferentes discursos vão se articulando, resultado de uma construção simbólica e não apenas de uma realidade em si. Acreditamos que com o nosso caminhar, tornamos visível às conexões entre corpo e promessa no catolicismo e esperamos então que este estudo amplie o universo da pesquisa neste campo conceitual e novas contribuições sejam incorporadas a esta discussão.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-ABBAGNANO.pdf>> Acesso em: 14/03/2016.

ALAYA, Bem Dorra. Fundamentos de uma representação social em construção – A revolução Tunisiana. In: JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina R.P. LOPES, Manuel José. (Orgs). *As representações sociais nas sociedades em mudança.* Petrópolis: Vozes, 2015. 131-152 p.

ARRUDA, Ângela. Modernidade & CIA.: reportório da mudança. In: JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina R.P. LOPES, Manuel José. (Orgs). *As representações sociais nas sociedades em mudança.* Petrópolis: Vozes, 2015. 103-127 p.

ARAGÃO, Gilbraz. CABRAL, Newton. VALLE, Edênio. (Orgs.). **Para onde vão os estudos da religião no Brasil?** São Paulo: ANPTECRE, 2014.

A SANTA SÉ. **O sacramento da penitência.** Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p2s2cap1\\_1420-1532\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1420-1532_po.html)). Acesso em: 18/05/2017.

AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social.* Salvador: EDUFBA, 2002. 73 p.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado.** São Paulo: Paulinas, 1985.

BITTERN COURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social.** Petrópolis: Vozes: KOINONIA, 2003. 260 p.

BÔAS, Lúcia Pintor Santiso Villas. Uma abordagem da historicidade das representações sociais. *Fundação Carlos Chagas. Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 140, p.379-405, maio/ago. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 337 p.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papius, 1996. 224 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e bênção: espiritualidades religiosas no Brasil.** Aparecida: Editora Santuário, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Fronteira da fé - alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje.* Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300017)> Acesso em: 08/02/2016.

CARDOSO, Cio Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Jorge de. **A religião como sistema simbólico. Uma Atualização Teórica**. Brasília, 2000.

CLAUDE, Rivière. **Os ritos profanos**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 326p.

CLÉMENT, Catherine. KRISTEVA, Julia. **O feminino e o sagrado**. Tradução de Rachel Gutiérrez. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 221 p.

COLLARES-DA-ROCHA, Júlio Cesar; SOUZA FILHO, Edson Alves de Representação social do pecado segundo grupos religiosos. (2014). *Psicologia & Sociedade*. 26 (1), 235-244. Disponível em: [http://RepresentacaoSocialDoPecadoSegundoGruposReligiosos-4808575%20\(1\).pdf](http://RepresentacaoSocialDoPecadoSegundoGruposReligiosos-4808575%20(1).pdf). Acesso em: 01/12/2016.

CORREIA JÚNIOR, João Luiz. CORPO: uma abordagem Bíblico-Teológica. O CORPO: estofa da sensibilidade, comunicação e transcendência. In: \_\_\_\_\_. **Os mistérios do corpo: uma leitura multidisciplinar**. Recife: INSAF, 2004. 201 p.

CORREIA JÚNIOR, João Luiz. COSTA, Marcos Roberto Nunes. (Orgs.). **Os mistérios do corpo: uma leitura multidisciplinar**. Recife: INSAF, 2004. 201 p.

COSTA, Valmir. Representações sociais e semiótica: um território comum? **Revista de Estudos e Pesquisas em linguagem e mídia**. V. 3, n. 3, 2007.

CREDER, Marcos. **A dor entre o corpo e a alma**: um estudo psicanalítico sobre a metáfora do sofrimento. Recife: R C editores. 2003.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUVEEN, Gerard. Criança enquanto atores sociais: as Representações Sociais em desenvolvimento. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 261 – 293.

DOISE, Willem. Psicologia social e mudança social. In: JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina R.P. LOPES, Manuel José. (Orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015. 184-207 p.

HOORNAERT, Eduardo. **In Memoriam Frei Damião**. In: GOMES, Jociel. (Org.) **Frei Damião, um Apóstolo do Nordeste**. Recife, 2015. p. 35-40.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões** /Mircea Eliade. Tradução de Rogério Fernandes. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 191 p.

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 31- 59.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. O novo mapa das religiões. Disponível em: <[www.fgv.br/cps/religiao](http://www.fgv.br/cps/religiao)>. Acesso em: 12/01/16.

GOMES, Jociel. (Org.) **Frei Damião, um apóstolo do Nordeste**. Recife, 2015. 116 p.

GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho A. “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre neopentecostais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 191-225.

HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 474-506.

JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina R.P. LOPES, Manuel José. (Orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015. 355 p.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representação social. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 63 – 85.

JODELET, Denise. Encontro dos saberes. In: JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina R.P. LOPES, Manuel José. (Orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015. 59-79 p.

JUNG, Carl Gustav. (Org.) **O Homem e seus Símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000. 311 p.

LÁSZLÓ, János. Psicologia social narrativa e a análise de conteúdo de categorias narrativas (NarrCat). In: JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina R.P. LOPES, Manuel José. (Orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015. 235-252 p.

LE BRERTON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 407 p.

LIBÓRIO, Luiz Alencar. O CORPO: estofado da sensibilidade, comunicação e transcendência. In: CORREIA Júnior, João Luiz. COSTA, Marcos Roberto Nunes. (Orgs.). **Os mistérios do corpo: uma leitura multidisciplinar**. Recife: INSAF, 2004. 201 p.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MARKOVÁ, Ivana. Ética na teoria das representações sociais. In: JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina R.P. LOPES, Manuel José. (Orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015. 80-102 p.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. **Pensar o corpo**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2004. 239 p.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino**. Tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 462 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. 95 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 89-111.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MBCV OFICIAL. Simbolismos bíblicos e significado das cores. Disponível em: <http://www.estudiodocorpo.com/blog/blog-do-est%C3%BAdio/estudos/item/53-simbolismos-biblicos-e-significado-das-cores.html>. Acesso em: 22/08/2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Atividade Física - Folha Informativa N° 385 - Fevereiro de 2014. Disponível em: [http://actbr.org.br/uploads/conteudo/957\\_FactSheetAtividadeFisicaOMS2014\\_port\\_REV1.pdf](http://actbr.org.br/uploads/conteudo/957_FactSheetAtividadeFisicaOMS2014_port_REV1.pdf). Acesso em: 01/06/2017.

PARKER, Cristián. **Religião popular e modernização capitalista: Outra lógica na América Latina**. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 349 p.

PATRIOTA, Lúcia Maria. Teoria das Representações Sociais: Contribuições para a apreensão da realidade. V. 10, n. 1. Jul/Dez. 2007. Disponível em: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/cv10n1\\_lucia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/cv10n1_lucia.htm). Acesso em: 29/08/2016.

PREFEITURA DO RECIFE. **Portal da Prefeitura**. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/morro-da-conceicao>. Acesso em: 03/06/17.

PRÊTRE, Clarisse. **Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos (NPE)**. Disponível em: <http://projetoex-votosdobrasil.net/>. Acesso em: 01/06/17.

MICHIELINI, Roziane do Amparo Araújo. (Org.) Orientação para elaboração de trabalhos técnicos científicos conforme a ABNT. **Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**. 2. Ed. Belo Horizonte, 2016. 221 p.

POSSEBON, Ennio. A teoria das cores de Goethe. Disponível em: <http://www.sab.org.br/portal/images/Artigos/artes/teoria-das-cores-de-goethe/teoriadascorres-enniopossebon.pdf>. Acesso em: 20/08/2017.

REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda e BELLINI, Marta. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. Maringá, v.33, n. 2, p. 149-159, 2011.

RIVIÈRE, Claude. **Os Ritos Profanos**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na História**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. 198 p.

ROSA, Annamaria Silvana de. Mito, ciências e representações sociais. Disponível em: [http://www.euophd.eu/html/\\_onda02/07/PDF/14th\\_lab\\_scientificmaterial/derosa/derosa\\_mito\\_2009.pdf](http://www.euophd.eu/html/_onda02/07/PDF/14th_lab_scientificmaterial/derosa/derosa_mito_2009.pdf). Acesso em: 18/10/2015.

SÁ, Celso Pereira de. **Sobre o núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SANTANA, Severina Paiva de. **Aos pés da Santa: a história de um povo**. Recife: Ed. Bargaço, 2012.

SARTORI, Nely Regina. Representações Sociais sobre o "louco" e a "loucura": concepções e práticas de profissionais da atenção básica. 2015. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-01022016-153145/>>. Acesso em: 08/11/2016.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2014. 388 p.

STEIL, Carlos. **O sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SILVA, Lêda Cristina Correia da. A devoção a Frei Damião de Bozzano. In: GOMES, Jociel. (Org.) **Frei Damião, um Apóstolo do Nordeste**. Recife, 2015. 116 p.

SILVA, Lêda Cristina Correia da. Práticas e representações hagiológicas: a devoção a Frei Damião de Bozzano (1931-2008). 2009. 167 f. Dissertação de mestrado. **CFCH Programa de Pós-Graduação em História**. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2009.

SILVA, Drance Elias. Consumo, Prosperidade e Pertencimento Religioso. In: ANDRADE, Péricles (Org). **Polifonia do sagrado: pesquisas em ciências da religião no Brasil**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015. p. 87-104.

SILVEIRA, Emerson José Sena da Silveira. O sagrado entre e além das religiões: um breve ensaio antropológico. In: ARAGÃO, Gilbraz. CABRAL, Newton. VALLE, Edênio. (Orgs.). **Para onde vão os estudos da religião no Brasil?** São Paulo: ANPTECRE, 2014. p. 335-352.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 117-145.

STAERKLÉ, Christian. O bom cidadão – Ordem social e antagonismo intergrupais no pensamento político do senso comum. In: JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina

R.P. LOPES, Manuel José. (Orgs). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015. 208-231 p.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Orgs). **Religiões em Movimento. O Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. 360 p.

VALLE, Edênio S.V.D. **Religiosidade popular: Evangelização e vida religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1975. 35 p.

VALSINER, Jaan. Hierarquia de signos: Representação social no seu contexto dinâmico. In: JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina R.P. LOPES, Manuel José. (Orgs). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015. 29-58 p.

VASCONCELOS, Eymar Mourão (Org.). **A espiritualidade no trabalho em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006. 361 p.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 149-186.

**ANEXO A - Roteiro da entrevista.**

1. Perfil do entrevistado: Nome – Idade – Sexo – Onde mora.
2. O que é fazer uma promessa para você?
3. O que te motivou a fazer esta promessa?
4. A promessa exige o que do fiel devoto?
5. Que coisas você costuma trazer para expressar a fé?
6. O que você costuma fazer para expressar a fé no santo de sua devoção?
  - Qual o seu ritual para o pagamento da promessa de hoje?
7. Expressar a fé com o corpo faz a promessa ser mais verdadeira?
8. O que significa usar o corpo para pagar uma grade promessa?
9. Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

**ANEXO B - Termo de livre consentimento e esclarecimento**

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), na pesquisa intitulada **A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO NO RITUAL DE PROMESSA NO CATOLICISMO NA CIDADE DO RE/PE**, cujo objetivo principal é: Analisar a representação social do corpo nos rituais de promessas no catolicismo na cidade de Recife, tomando como referência as devoções a Frei Damião, N. Sr.<sup>a</sup> do Carmo e N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição. O presente estudo é orientado pelo professor Drance Elias da Silva, doutor em Sociologia, professor do Curso de Teologia e membro do Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco (Rua do Príncipe, 526, Boa Vista – CEP 50050-900 – Recife – PE – Brasil; fone: 81 2119-4000 e 21194171). A metodologia para obtenção de dados para a pesquisa consistirá em ouvir, gravar e transcrever fielmente, para posterior análise, as entrevistas dos voluntários acerca das perguntas anexas a esse “referido *termo de livre consentimento*”.

O pesquisador garante que não há riscos de qualquer natureza para os participantes da pesquisa assim como pretendem com a mesma, apenas e tão somente, obter subsídios acadêmicos, os quais poderão servir de apoio para estudiosos que se dedicam a uma melhor compreensão da relação entre religião e sociedade. Porém, pode o entrevistado ou a entrevistada, sentir algum incômodo quanto à natureza das perguntas que se solicita que respondam e assim, decidir por não respondê-las. Cada entrevistado tem a garantia de que, em qualquer etapa do estudo, terá acesso ao pesquisador responsável para esclarecimento de eventuais dúvidas, tanto diretamente quanto através do Mestrado em Ciências da Religião, e\ou da Coordenação de Pesquisas, e\ou do Comitê de Ética e\ou da Pró-reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão, da Universidade Católica de Pernambuco, podendo apresentar recursos ou reclamações através do telefone (81) 2119-4000. As instâncias acima citadas encaminharão quaisquer procedimentos julgados necessários.

É garantida, a qualquer momento, a liberdade da retirada do presente consentimento e a consequente exclusão do estudo. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as dos demais participantes, podendo ou não ser divulgada a identificação dos mesmos. Não há nenhum tipo de compensação financeira relacionada à participação dos entrevistados (as).

Assim sendo, declaro que obtive todas as informações necessárias para poder decidir, de forma livre e esclarecida, sobre a minha participação na referida pesquisa.

---

Voluntário (a)

Recife, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

**Dr. Drance Elias da Silva**

Pesquisador – RG: 1.573.709 SSP-PE

Endereço: Rua Firmino de Barros, nº 632, Cordeiro, Recife, PE.

CEP: 50.630-160. Fones: (081) 3227 5998 (Res.) e 99889 2192.

**ANEXO C - Síntese das respostas dos entrevistados sobre a representação social do corpo no ritual de promessa no catolicismo.**

**1. Memória das entrevistas.**

<b>Entrevistado(a):</b>	<b>Nomes (15 respostas)</b>	<b>Quando?</b>	<b>Onde?</b>
<b>1</b>	<b>Maroli Figueiredo da Silva</b>	Nov./2015	Convento de São Félix
<b>2</b>	<b>Alceane Rodrigues dos Santos Almeida</b>	Nov./2015	Convento de São Félix
<b>3</b>	<b>Erivânia Rodrigues de Matos</b>	Nov./2015	Convento de São Félix
<b>4</b>	<b>Suany Santana</b>	Dez./2015	Santuário de N. Sr. <sup>a</sup> da Conceição
<b>5</b>	<b>Selma Maria</b>	Dez./2015	Santuário de N. Sr. <sup>a</sup> da Conceição
<b>6</b>	<b>Ana Maria de Albuquerque</b>	Dez./2015	Santuário de N. Sr. <sup>a</sup> da Conceição
<b>7</b>	<b>Carla Cavalcanti Santos</b>	Dez./2015	Santuário de N. Sr. <sup>a</sup> da Conceição
<b>8</b>	<b>Neide Carla Vilar</b>	Dez./2015	Santuário de N. Sr. <sup>a</sup> da Conceição
<b>9</b>	<b>Luciana Maria Vieira</b>	Dez./2015	Santuário de N. Sr. <sup>a</sup> da Conceição
<b>10</b>	<b>Edmilson Ferreira da Silva</b>	Julho/2016	Basílica de N. Sr. <sup>a</sup> do Carmo
<b>11</b>	<b>Thaíssa Valeska Guilherme Monteiro</b>	Julho/2016	Basílica de N. Sr. <sup>a</sup> do Carmo
<b>12</b>	<b>Givanildo José de Souza</b>	Julho/2016	Basílica de N. Sr. <sup>a</sup> do Carmo
<b>13</b>	<b>Geraldo Lima da Rocha</b>	Julho/2016	Basílica de N. Sr. <sup>a</sup> do Carmo
<b>14</b>	<b>Carmem Lúcia Barbosa Ferreira</b>	Julho/2016	Basílica de N. Sr. <sup>a</sup> do Carmo
<b>15</b>	<b>Anair de Farias Pereira</b>	Julho/2016	Basílica de N. Sr. <sup>a</sup> do Carmo

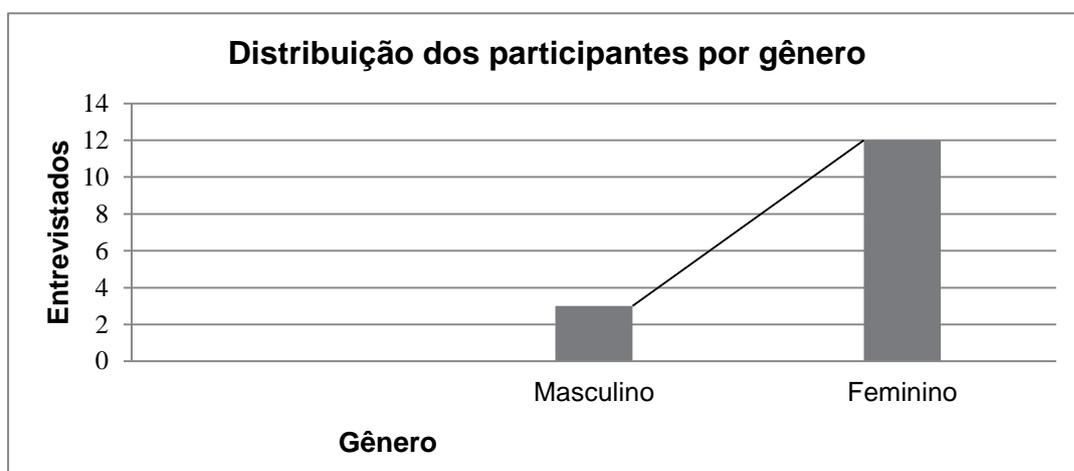
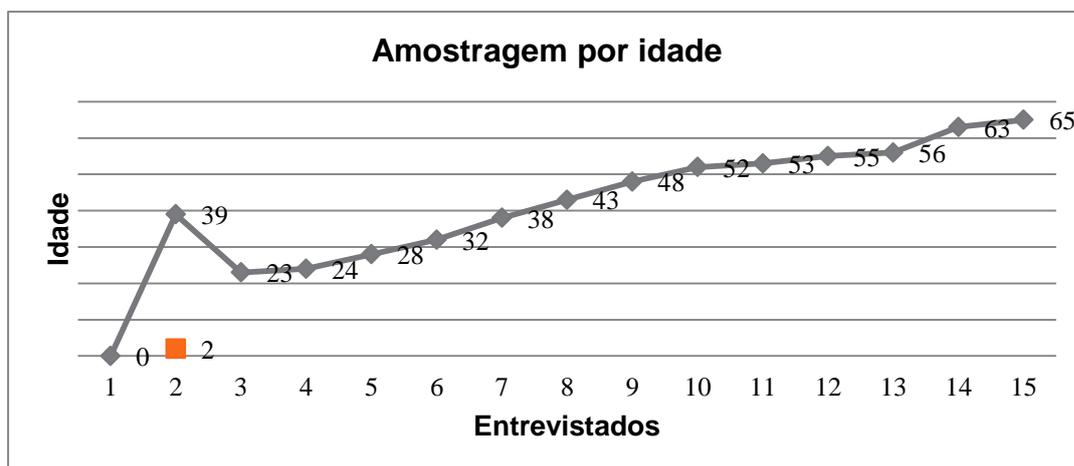
**2. Localidade de residência**

<b>Alto José do Pinho - Recife.</b>	1
<b>Arruda - Recife.</b>	1
<b>Cavaleiro - Jaboatão</b>	1
<b>Cavaleiro - Jaboatão dos Guararapes</b>	1
<b>Graças - Recife.</b>	1
<b>Ipsep - Recife.</b>	1
<b>Juazeiro do Norte - Ceará</b>	3
<b>Macaparana - PE.</b>	1
<b>Piedade - Jaboatão dos Guararapes</b>	2
<b>São Lourenço da Mata - PE.</b>	1
<b>Vasco da Gama - recife.</b>	1
<b>Água Fria - Recife.</b>	1

### 3. Número de repetições do ritual

Quantas vezes fez este ritual? (15 respostas)	
Valor	Contagem
2	2
3	1
5	1
Não respondeu	1
Várias vezes	10

### 4. Perfil



### 5. Interpretação da ação.

<b>O que é fazer uma promessa para você?</b>		<b>(15 respostas)</b>
Entrevistado(a) :		
1	<b>Fé. Alcançar a graça.</b>	
2	<b>Fé. Cura tudo.</b>	
3	<b>Fé, que tudo vai dar certo.</b>	
4	<b>Fé. É uma realização! Agente acredita, é incrível.</b>	
5	<b>Fé. Algo que você não vê mais que você sente.</b>	
6	<b>Fé. A pessoa deve pagar o que alcançou. Quem cura é Deus.</b>	
7	<b>Fé. Confiança em Deus e Maria.</b>	
8	<b>Fé. Em Deus e em Nossa Senhora.</b>	
9	<b>Fé. Quando a gente crê, alcança o que pediu.</b>	
10	<b>Fé. Exige ter paz.</b>	
11	<b>Pedir a intercessão de Deus para conseguir algo que para mim é impossível.</b>	
12	<b>É fazer um voto a Deus, pedindo a interseção de um santo para alcançar uma determinada graça.</b>	
13	<b>Gratificar! - É você almejar um determinado objetivo e precisar da força celestial.</b>	
14	<b>Fé. Acho que é uma religação. Um procedimento de vida.</b>	
15	<b>Redenção a fé, fui tocada!</b>	

### 6. Ação para expressar a fé religiosa.

<b>O que você costuma fazer para expressar a sua fé?</b>		<b>(15 respostas)</b>
Entrevistado(a) :		
1	Todas as quartas feiras vestir a cor marrom, independente da ocasião.	
2	Tem que vir vestindo a bata marrom, assistir a missa e depois entregar as vestis.	
3	Colocou o rosário ao sair do hospital e só vai tirar o rosário do pescoço quando casar.	
4	Tenho que cumprir, um negócio certo.	
5	Vou a missa todo domingo, dou o dízimo.	
6	Vestida de roupa azul e branca, tô com o rosário, vou rezando Ave Maria.	
7	Vou a missa, rezo pela manhã e a noite, acendo vela, rezo o terço.	
8	Vir no dia 8 de dezembro e entregar a roupa.	
9	Eu vir, trazer, acender e entregar a vela a N <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> da Conceição.	
10	Ajudar as pessoal a cumprir suas promessas (voluntário).	
11	Abdicar de algo que eu gosto, para conseguir um bem maior.	
12	Nós Carmelitas somos contemplativos, pois a oração é um tratado de amizade com Deus. (Carmelita da 3 <sup>o</sup> ordem).	
13	Dar uma contrapartida, normalmente fazendo uma doação.	
14	Rezo o terço de manhã.	
15	Ando e venho todo ano no dia da festa e trago velas.	

### 7. Motivo pessoal para realizar a promessa.

Qual o seu motivo para a promessa?		(15 respostas)
Entrevistado(a) :		
1	Cura para si própria. Lesão por queimadura.	
2	Cura para o filho. Bebe sofreu um choque.	
3	Construção da minha casa.	
4	Cura pessoal. Câncer.	
5	Cura pessoal - doença cardíaca.	
6	Não declarado.	
7	Cura para a filha. Criança tinha convulsões.	
8	Para engravidar - recuperar a saúde da filha que nasceu prematura.	
9	Levar a paz para as casas.	
10	Cura para o filho.	
11	Confiança na graça de Deus.	
12	Como leigo, procuro evangelizar.	
13	Para que o mundo tenha muita fé e amor a Deus sobre todas as coisas.	
14	Cura da própria saúde.	
15	Cura para si própria. Lesão por queimadura.	

### 8. Exigência da promessa

Qual a exigência da promessa?		(15 respostas)
Entrevistado(a) :		
1	Ter que pagar a promessa, vim e trazer meu filho.	
2	Dar o meu testemunho e pagar o que prometi.	
3	Um negócio que a gente tem que cumprir.	
4	Vestir a roupa azul. Eu vou pra o morro assim.	
5	Todo ano eu venho, enquanto vida eu tiver!	
6	Sacrifício, calor, caminhada, vestir esta roupa ( igual a de N. Sr <sup>a</sup> da Conceição).	
7	Fazer a própria roupa e entrega-la, repetir durante 7 anos.	
8	Alegria muito grande! Trazer a filha até ela completar 15 anos.	
9	Se dedicar a religião, tem muita gente esquecendo que Deus existe, que Maria existe.	
10	Buscar algo além do que eu posso ir.	
11	Exige o firme propósito de cumprir, logo que a graça é alcançada.	
12	Exige do fiel uma contrapartida	
13	Não exige nada de mim.	
14	Eu não prometi, só cheguei ao extremo de me render a fé.	
15	Muita alegria!	

## 9. O que costuma fazer.

<b>O que você costuma trazer para expressar a sua fé? (15 respostas)</b>	
Entrevistado(a) :	
1	O terço.
2	A batina, o terço.
3	O rosário no pescoço
4	Trazer uma vela.
5	Trago nada.
6	Flores e o rosário para rezar.
7	Roupa azul e flores.
8	Velas e flores.
9	Velas.
10	Sou voluntário. Cheguei de 7 h e vou sair às 16 h, junto com a procissão.
11	Hoje eu trouxe rosas e venho com as cores e o escapulário, que abençoou e faço doação à outra pessoa.
12	Flores brancas e amarelas que são as cores dela, velas, fogos, cesta básica (Depende de quem faz a promessa).
13	Cheguei às 9 horas e vou ficar aqui ajudando as pessoas.
14	Eu uso o escapulário.
15	O escapulário, a camiseta, flores e velas.

## 10. Ritual particular.

<b>Qual é o seu ritual para pagar a promessa? (15 respostas)</b>	
Entrevistado (a):	
1	Assisti a missa de 5 horas da manhã, caminhei na procissão, concentro e rezo.
2	Rezo o terço, assisti a missa pela manhã e oferece o ex-voto (batina).
3	Os mais velhos dizem que "uma oração de mãe nunca cai no chão".
4	Trouxe de casa o tijolo que tirei da obra, segurando, sem vergonha, sem nada. Entregar o tijolo no altar à N. Sr. <sup>a</sup> da Conceição e assistir a missa.
5	Participar da procissão.
6	Venho andando à tarde, todos os anos, no dia da festa!
7	Subir o morro, assistir a missa, doar uma cesta básica.
8	Rezo, assisto missa e em Cavaleiro, nós enfeitamos o altar da procissão em homenagem a N <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> da Conceição.
9	Subir o morro com a filha ao lado.
10	Dou uma palavra amiga a todos que vem aqui pagar a promessa.
11	Acompanho a procissão com meu filho.
12	Participo da novena (9 dias de orações), do ofício para N <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> do Carmo e o terço. Hoje o dia é pouco para rezar para ela.
13	Sou voluntário, crio eventos, por exemplo, a romaria dos homens. Provoco as pessoas a trabalhar mais a fé.
14	Rezo o terço à N <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> do Carmo.
15	Amanheço postando fotos de N <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> , eu tento divulgar.

### 11. Relação entre o corpo com a promessa.

<b>Qual a relação corpo com a promessa?</b>		<b>(15 respostas)</b>
Entrevistado (a):		
1	Tenho um joelho em tratamento médico e fiz o caminho até o santuário.	
2	Não durmo bem, pois tem medo da viagem.	
3	Me sinto cheia de energia, de vontade de viver.	
4	Não importa! Eu não reclamo não.	
5	É como um alimento! A religião, a oração, ajuda a manter seu corpo em pé, seus problemas, suas dificuldades.	
6	Ando da prefeitura até lá a pé e não ficamos cansados não, o coração fica joia.	
7	Uma mortificação e sacrifício.	
8	Mesmo vindo de longe, nunca foi sacrifício.	
9	Não fico cansada, sinto um imenso prazer "em ser mãe".	
10	Ela, Maria não quer sacrifício, quer todo mundo em pé, de cabeça erguida, olhando prá ela, com saúde, trabalhando para vir para a festa dela.	
11	Com certeza existe sacrifício, a gente entra na multidão, aguenta calor e chuva.	
12	Acho um ato de fé muito grande.	
13	Um sofrimento que causa grande prazer nas pessoas.	
14	Tenho um problema no joelho, mas tô aqui.	
15	Eu venho a pé, mas não faço disso um drama.	

### 12. Relação entre corpo com o sacrifício.

<b>Qual a relação do corpo com o sacrifício?</b>		<b>(15 respostas)</b>
Entrevistado (a):		
1	Deus sofreu por nós, nós temos que sofrer por ele.	
2	Tudo só vale a pena se tiver um esforço, tem que ter um pouco de sofrimento.	
3	Eu não acho que é sacrifício não. Acho que é força de vontade, livre e espontânea.	
4	Não importa o peso, a lonjura, nem a ladeira, vou descer contente!	
5	Não é sacrifício nenhum é motivo de alegria, gratidão.	
6	ela não quer sacrifício não.	
7	Não existe separação. É corpo e alma, razão e coração.	
8	Tudo que a gente faz com fé, não é sacrifício.	
9	O corpo não fica cansado.	
10	Não é sacrifício.	
11	Exige sacrifício, mas é o mínimo, porque quando precisei, fui atendida.	
12	Depende do que se quer alcançar.	
13	Não é sacrifício, é um prazer, às vezes é um sofrimento que no fundo causa grande prazer nas pessoas.	
14	Não tem sacrifício, se a gente fizer sacrifício não tem valor. Tem que ser por amor, exclusivamente.	
15	Eu não acho, acredito mais na fé.	

## ANEXO D – Entrevistas na íntegra

### Entrevista 01.

Perfil da entrevistada:

Nome: MAROLI FIGUEIREDO DA SILVA

Local: Convento de São Felix.

Data: 07 de novembro de 2015. (Noite – 20h)

Idade: 53 anos.

Não trabalha e já esteve 5 vezes no convento.

Onde mora: Juazeiro do Norte – CE.

A Sr.<sup>a</sup> fez alguma promessa para vir para cá?

- Não, a minha promessa eu fiz agora né, porque eu fiz esse acidente né, ai tava com que, fez 28 dias no mês de outubro, ai se desse para eu vir eu vinha e rezava três terço, eu vim, já rezei, já paguei a promessa, já tamo indo embora, esperar para o ano que entra se Deus quiser né.

2. O que é fazer uma promessa para você?

A fé, a gente alcança a graça, que a gente tem, olha este rosto aqui meu, foi uma queimadura de óleo quente, ai tive que tirar daqui né, tirou a lesão ficou um mês, 30 dias eu indo fazer curativo todo dia eu ia fazer curativo no posto do meu bairro todo dia, para que quando chegar a carne, pra eu vir tirar daqui e o médico botar aqui né, toda quarta-feira que é de Padrinho Frei Damião, Padres Franciscanos no Juazeiro, fazia a hora da graça, até a hora de eu morrer eu vestir marrom, passo o dia de marrom, ai se eu for para a missa de 7 hora, ir de marrom, todas quarta-feira vestir marrom toda quarta, pode ser uma grande festa, minha filha casar, e seja aquela festa mas linda, mas minha roupa tem que ser marrom mas eu tenho que vestir marrom, eu alcancei a graça, fiquei boa, né e tenho que cumprir até o fim da minha vida.

De onde vem esta exigência?

- Do fundo do meu coração, ai eu peço uma coisa e vem de dentro, eu alcancei, eu alcancei mesmo, dessa cirurgia aqui porque o médico disse D. Maroli, reze. - A Sr.<sup>a</sup> tem fé em Deus? – Eu disse muita, muita mesmo, meu Padrinho Cícero do Juazeiro, meu Padrinho Frei Damião, porque quando ele tirou eu não tive coragem de olhar no espelho, ele tirou completo, ficou um buraco, as menina dizia as enfermeiras, quer olhar D. Maroli? – Não, vou olhar não. 30 dias, todo dia eu ia para o proposto, até assim, quer sarar mais não sarava, graças a Deus, agora vamos rezar pra Sr.<sup>a</sup> não rejeitar. Porque se rejeitar o que vai acontecer, tirar de novo. Mais 30 dias, tirar de outro lugar. – Não, pela óstia consagrada! Graças a Deus deu certo, 30 dias já tava comendo, porque eu só comia coisa líquida, passada no liquidificador porque eu não conseguia mastigar porque mexia.

Esta graça a senhora oferece a quem?

- Ofereço a meu Padrinho Frei Damião e la na missa quando eu vou agradeço também né qui fiquei boa, uma cicatriz no meu rosto o povo pergunta o que é, as pessoas perguntam e eu não vou explica do começo até o fim né? Vige Maria, como foi que a Sr.<sup>a</sup> ficou com essa marca? Foi criando um remendo, você rasgar um pneu de um carro e botar o remendo porque aqui tá vendo que não é minha pele, ficou diferente, mais tá boa, graças a Deus e eu agradeço todo dia a ele.

O que a senhora costuma trazer?

– Muita alegria! Eu sinto, quando tá faltando 8 dias, a gente já fica contando as horas para chegar aqui, vá, vê, vem essa multidão a gente fica deitado pelo chão. Porque Minha casa

graças a Deus, eu sou pobre, mas minha dormida é maravilhosa, minha casa é toda na cerâmica, toda, pronto uma casinha mais ou menos. Aqui a gente fica no chão, porque aqui eu não durmo nem a pau. Você pensa que eu não durmo é? Quando eu viajo? Não, porque eu não durmo em todo canto, meu marido dorme que ronca e eu fico rebolando de um lado para o outro, ai aquela fé a gente vem.

A Sr.<sup>a</sup> traz um terço?

- Trás, eu já rezei três terços hoje. Rezo porque eu fiz a promessa. – O que mais? Alegria, que quando eu chego, choro quando vou entrando ai ô, vou entrando, minhas lágrimas vão descendo, uma emoção tão grande, que num sei explicar. Bom demais, Bom demais, tem muito prazer e quero muito anos vir aqui se Deus quiser.

O que você costuma fazer para expressar a fé no santo?

- Não ajoelhado, quando eu posso eu me ajoelho, mas agora mesmo eu não posso, sentada. Concentro ali! Me entrego a Deus, entrego as minhas três filhas, porque hoje a gente tem que pedir a Deus porque a violência tá demais você sabe que sai, mas não sabe se chega. Então eu tô aqui Mas as três não tão aqui porque são casadas, um mora em Brasília, outra em Salvador e outra perto de mim. Mas não rezo nem mais por mim, rezo por elas. Ai aquela fé que a gente tem né e ai...

A Sr.<sup>a</sup> fez esta procissão?

– Acompanhei, oxê com certeza, sai dali onde eu estava sentada, descemos na primeira ai nesta estatuazinha entramos na igreja rezando e fomos por ai rezando, fiquei ali até terminar, assisti a missa agora, de 5 horas (17h) todinha, só não me ajoelho porque não posso.

A aproximação com o santo fica mais próximo?

– Quando eu volto, quando eu saio daqui amanhã eu choro. Quando chego em casa agradeço a meu padrinho Frei Damião que a gente chegamo em paz, que não houve assalto, porque tá acontecendo muito assalto, agradeço e se Deus quiser. Para o ano que vem estarei de volta, mais junto, mais perto dele, mais forte ainda, mais prazer eu sinto; Cada ano, cada dia, cada hora, mais se eu pudesse eu vinha todo mês, mas a gente vem de ano em ano, muito feliz, muita alegre, tenho tudo na minha vida.

- A Sr.<sup>a</sup> se entrega prá esse momento... – Mulê aí Deus é quem sabe, por que eu não vou dizer que tô fazendo certo ou errado, agora, acredito que o que eu peço a ele, peço com fé e o que eu peço eu já alcancei. Já alcancei de eu dizer assim a você, meu Deus, muito obrigada do fundo do meu coração que eu alcancei e me orgulho, do que já se passou na minha vida eu alcancei, muitas graças eu pedi e vou cumprir até o fim da minha vida. Num é o que eu vou pedir para alcançar na hora. O que já se passou na minha vida e eu alcancei muitas graças, não chegou a minha hora, mas quando chega, eu sinto que, pronto eu agradeço ali, fico caladinha faço minha devoção e digo ao povo, alcancei uma graça e já fui pagar. E dou o testemunho.

Fez um testemunho?

– Com certeza, e eu dou um testemunho, chego lá e eu digo a minha mãe, eu não digo nada a ninguém, pronto: Mulê tú não vai desse jeito? Eu não dobro meu joelho ainda. Aqui eu tô me movimentando né? Ai mais no juazeiro até quinta-feira. Mas, mulê, tú não vai aguentar ir não, tú vai maguar esse joelho. Eu, mãe só se Deus não quiser, Deus a livre amanhecer morta, ai não vou! Mas eu viva, com certeza eu vou. Tô boa!

A relação do seu Corpo com o sacrifício?

É necessário e eu acho muito bom, só se Deus a livre e pronto: passei 15 dias no gesso, se fosse pertinho da gente viajar, eu não ia vim né? Não ia vir. Menos, eu alcancei a graça, se eu tivesse com o gesso eu não ia dizer que alcancei a graça. Tirei o gesso, fiz 10 fisioterapia, meu marido vai dá prá ir? Com certeza. Botando compressa, botando sebo de carneiro, água morna, dando o choque, corre vinha com o gelo em cima, ôxe tô aqui e vou amanhã, muito feliz, prá mim que já tô é boa.

A senhora acha que é Sacrifício?

Mulê, eu acho que Deus sofreu por nós, nós tem que sofrer por ele! Nós não sofreu nem um quarto. Eu não alcancei não, minha vó mãe do meu pai, alcançou muita coisa linda. Meu Padrinho Cícero do Juazeiro, ouvia ela que era mais velha dizia, eu tinha o que na época, 10 prá 11 anos, mas toda vida eu gostei de igreja. Diz aqui, ô Maroli, eu tenho 9 filhos, mas só Maroli gosta de igreja. De onde a gente morava na época de uma igreja era como assim, eu não sei dizer daqui que eu não conheço. É uma hora e 20”, que eu andava dentro dos matos para ir pruma missa, eu morava num sítio antigamente, antigamente mãe dizia, toda vida Maroli gostou de ir numa igreja. Domingo lá no Juazeiro, todo domingo eu vou na missa só se Deus a livre eu tiver muito, muito doente, não perco não.

– É o seu ritual de fé?

É, é, tem muita gente. Lá mesmo no juazeiro é cheio de Igreja evangélica, não mudo minha fé, mas o nosso Des é só um né verdade? Mas uma comparação, você tem o seu dom, sua igreja é outra, você chega na minha casa bate palma eu venho lhe atender numa boa dona Maroli podemos conversar com a Sr.<sup>a</sup>, eu digo, o que é? Falou em Deus, entre minha filha, elas não dão valor a minha devoção, ela não acredita em imagem, nós não acredita, nós tem um respeito, o que é uma imagem? O que é uma foto? É você tirar sua foto e botar ali, ali com um respeito que eu tenha a você, tenho meu coração de Maria, coração de Jesus, o padrinho Frei Damião, é uma foto ali, mais ninguém diga nada é um respeito que eu tenho, nós conversa ela vai explicar as coisas, eu confirmo tudinho, porque num tá falando de Deus, ninguém diz nada. Ai isso que a senhora tem é uma foto, que nem a Sr.<sup>a</sup> tem a foto como sua filha, seu marido. Deixa ela ai quietinha, não vou discutir com você, faça sua parte que eu vou fazer a minha, Né Isso.

## Entrevista 02

Perfil da entrevistada:

Nome: ALCEANE RODRIGUES DOS SANTOS ALMEIDA

Local: Convento de São Felix.

Data: 07 de novembro de 2015. (Noite – 20h)

Idade: 28 anos

Onde mora: Juazeiro do Norte – CE.

O que é fazer uma promessa para você?

- Vem de família, minha família é toda católica entendeu e eu moro na cidade da fé, Juazeiro, a terra do Padrinho Padre Cícero, eu sou fã assim, eu tenho uma fé com Padre Cícero, Frei Damião, eu sempre vi ele pequenininho, depois que ele toda vida ia lá por franciscano, só que nunca tinha feito promessa, só com Padre Cícero, Mãe das dores, mas com Frei Damião foi a primeira, minha promessa é até morrer, toda vida que eu vim aqui, eu vou trazer meu filho, de batinha, foi um caso de saúde do meu bebe, ele tava com problema, tudo que ele comia ele vomitava, ai eu pedi muito a ele e graça a Deus eu alcancei e tô aqui, já é o segundo ano que eu venho.

O que é fazer esta promessa?

Buscar, ter fé, não é só dizer, eu vou fazer, você tem que ter fé. Porque hoje a fé cura tudo, você tem que ter fé no que vai fazer e pensar positivo.

Então o que a promessa exige?

- Fora os riscos que ocorrem no meio do caminho, eu venho morrendo de medo, não gosto, eu tenho medo de andar de ônibus, porque é uma promessa que eu tenho que pagar, Ave Maria, morro de medo de andar de ônibus, eu não durmo, venho o caminho inteiro só pensando em besteira, mas a fé é tão grande 12 horas de viagem igual não é, é! A gente saiu ontem, de lá, era 7 horas e chegamos aqui 6h, 5' e 59" h. E tú ainda está sem dormir? Mas já cochilou? Já, já.

O que significa esta promessa para você?

- Já fiz outras, repetindo, toda vida tenho que trazer a bata e deixar, toda vida eu tenho que deixar, vestido o caminho todinho e quando chega aqui, que a gente tira, ai tem a missa ele torna a vestir e a gente deixa.

Trouxe alguma imagem? Não.

- Faço, meu menino ele é muito católico, ele sabe o que é mamãe do céu, ele conhece todas as santas, tem que ir na missa. Se não for! – Ele chega na matriz, que a gente vende lá! Tem que ser a igreja, se eu não levar ele na matriz ele não foi. Por exemplo, antes de agente vir para cá eu passei três dias trabalhando no Franciscano, ele disse, mainha eu queria ir, mandei meu marido levar ele, a gente foi, quando ele chegou lá ele ficou papai do céu, papai do céu, tem que levar ele prá lá! Eu não sou muito fanática de missa, mas tem que levar ele.

- Reza, tem que rezar o terço, aqui mesmo rezamos prá poder consagrar a promessa, aqui vem assiste a missa de manhã e a noite o terço que prá ele é a confraternizar a promessa. A gente vai fazer a oferenda e deixa o que a gente trouxe, no caso meu, foi a batina.

- Veio, que é uma viagem sofrida, veio eu, ele, meu pai, minha mãe, meus irmãos, veio a maioria da minha família, meu pai que fretou o ônibus. Tem 2 anos, ele 6 viagens aqui, eu não, a minha é a segunda.

- Tá cansada não, é muito lindo, tenho vontade de chorar. Não acha que é esforço demais? Não, não, não, a gente faz por amor e por fé.

- Hoje em dia, tudo só vale a pena se tiver um esforço um pouco de sacrifício, nada fácil é em vão, tem que ter um pouco de sofrimento.

### Entrevista 03

Perfil da entrevistada:

Nome: ERIVÂNIA RODRIGUES DE MATOS

Local: Convento de São Felix.

Data: 07 de novembro de 2015. (Noite – 20h)

Idade: 32 anos.

Onde mora: Juazeiro do Norte – CE.

O que é fazer uma promessa para você?

Fazer uma promessa, começando pelo início eu engravidei do meu 2º filho, normal, tudo normal, quando eu tive ele, ele nasceu com lábio leporino, ele só veio prá mim depois, no outro dia para ele teve problema no coração, o nome dele não ia ser José Ítalo, ai ser João como ele nasceu assim, tão problemático, problema de coração, sopro, nasceu laçado, aquela coisa toda. Eu me peguei muito com o protetor São José, o protetor dos laçados, como diz os mais velho. Ai ele nasce com lábio leporino. Meu São José, se tudo der certo, se Deus quer, Deus pode, eu vou deixar o cabelo dele crescer e só vou cortar quando ele tiver bom, ate quando ele tiver bom. Ainda hoje eu tenho. Sou sincera, ainda não paguei a promessa, mas minha fé é tão grande que obrou milagre, mas o cabelo eu cortei porque, ele adoeceu de novo, começou a perde peso, você não acha que essa criança está com muito cabelo grande prá fazer uma promessa para você mesma pagar, sacrificar uma criança. A promessa era do cabelo dele, ele ficou ótimo. Quando foi dois anos agora atrás, o ano passado, gente tava na casa de meu cunhado, ninguém estava bebendo, a gente tava tudo lá de boa. Meu cunhado mora no térreo, ai tinha uma alta tensão por perto, mais tinha uma grade de proteção e tudo, ai ele tava brincando com o primo, de repente ele subiu na grade de proteção e pegou num fio. Ficou apregado, o primo dele chegou prá mim e disse: tia Ítalo tá pregado, levou um choque. Eu pensei que ele estava assistindo TV na sala, jogando vídeo game, alguma coisa assim, né. Né não tia, tá na área, eu ia puxar e não alcancei. – Que ele subiu na grade de proteção, e eu acho que ele desequilibrou qualquer coisa. Eu acho que ele se sentiu que ia cair do outro lado. Ai para não cair ele se segurou. – Eu disse, meu Deus! Ai para não cair em desespero, eu tava com ele, eu era bem mais nova, entrou em desespero, caçando a chave, nada de chave. Aconteceu que era na alta tensão, eu digo: minha nossa senhora, correu todo mundo para ver meu filho apregado. – eu senti que nossa senhora botou a mão na minha frente, tava tipo assim, traumatizada. Eu fiquei em choque! Eu vim enxergar meu filho, naquele momento quando meu cunhado puxou ele com o pau. – Só vi o baque. Quando ele caiu no chão. Ai sim, eu vi meu filho! Olhei para cima e não vi meu filho estirado. – ele teve três paradas cardíacas. O desenganaram ele – Entregou nas mãos de Deus! Eu peguei, fiz uma promessa com ele, com Frei Damião, com nossa senhora que sou muito devota de nª Sr.ª de Fátima, nª Sr.ª Aparecida. Muito devota. E fiz uma promessa, confiando Deus que ele vai ficar bom, que Nª Srª vai passar na frente. As orações, por que dizem os mais velho “que uma oração de mãe nunca cai no chão”. – Ai a médica olhou para mim, um dia antes, passou 5 dias em coma, a médica olhou para mim e disse: mãezinha, tem transferir urgente ele para a UTI de adulto, por que os equipamentos que temos aqui não tá dando nenhum resultado. Ai eu entrei em pânico, ai eu estava fora de si, meus vizinhos, a família, tudo tava ali junto, sabe? Num apoio 100%, o que acontece, minha cumadre se ofereceu para ir dormir com ele, ela dormiu, acredita que ele passou a noite todinha conversando com ela, a médica olhou para mim e disse graças a deus mãezinha que você chegou por que eu não aguentava mais aquela sua cumadre. Como é que uma criança em estado de choque, estado de coma, condição, e não tem nenhuma possibilidade de começar a falar não, disse que ia levar o menino pro shopping, disse que o menino ia comer isso, ai de boa, vamos mãezinha para tirar a conclusão, por que eu não

aguento mais sua comadre aqui, ela. Ai eu fui ela olhou e falou: - Ítalo, você tá me ouvindo? Ítalo, abre o olho. – ele entubado não falava 100% né? Ela passou a noite conversando com ela, as médicas dizendo que eu tava endoidando. E eu vi que ela tava falando comigo que a gente ia pro shopping, comer pizza e ele disse que queria, que tava com fome. E a médica não acreditou. Ai foi quando de manhã, ela disse abra o olho! Ele abriu! Você tá me vendo? Ele balançando a cabeça, tipo assim, “uma presença de Deus”, eu tava sentindo no meu corpo, assim pegando na minha mão. Dizendo que vai dar certo, ali foi o momento mais feliz da minha vida! Aquele momento, eu senti a presença de algo. Minha mãe já faleceu, tá com 17 anos, minha mãe já faleceu. Quando passou, a médica olha prá mim e falou, mãezinha me perdoe, me desculpe, quem tá ficando louca na história sou eu. Ela disse: eu nunca vi uma obra dessa. Por que mãezinha agradeça a Deus, que a partir de hoje, comemorar a data de aniversário dele. Ele ia ser transferido. Como ela disse que um dia antes ele ia ser transferido para uma UTI pediátrica, por que ele não tava dando o resultado que ela queria.

A promessa exige o que do fiel?

- Passei a cumprir a promessa, eu disse, confiando em Deus, meu Padrinho Pe. Cícero, por que Deus quer, Deus pode! Ele vai sair daqui com o rosário no pescoço, ele disse, mainha eu vou usar! Sei que foi assim, uma coisa tão boa, que eu acho que tocou ele também, mais hoje ele se sente como se tivesse sem roupa, se ele não tiver com o rosário. Por que minha promessa que eu fiz, com o rosário foi para tirar só quando ele casar, por que ele usa se ele quiser.

Que coisas você costuma trazer para expressar a fé?

- Não, eu não trouxe mas eu tenho vontade de falar, dar meu depoimento, dar meu testemunho entendeu? Pois tudo que aconteceu naquele dia, ele não lembrou de nada, por que um dia antes, ele tava dançando com a minha menina a música, entendeu? Ele não lembra de nada. Mas, foi uma graça, obra de Deus muito inexplicável! Quando vejo a médica ela diz: Olha, essa descarga que ele levou era para atingir todos os órgãos dele. Ela ficou incrível, ultrapassou a lateral mas não atingiu os órgãos dele, a descarga de um poste de uma rede, não tem como. Vê a fé foi tão grande, as orações foi tão grande, meu sonho foi tão grande. É que eu ainda não consegui, Padre Reginaldo disse: É por que não chegou o dia e a hora. Mas meu sonho é dar meu depoimento, meu testemunho. Mas foi uma vitória assim sabe? Aí quando ele quebra, por que de vez em quando ele quebra o rosário ele fica doidinho, hoje mesmo ele tá sem ele. Quando ele quebra ele diz, mãe, mãe, eu vou arrumar outro, eu já comprei foi dúzias de rosário prá ele. Mas sempre quando ele quebrar, ele fica, mas ele não gosta!

Expressar a fé com o corpo faz a promessa ser mais verdadeira?

- Eu rezo, quando eu quero. Quando eu sei que Deus vai me dar, peço ele me dar! – Nunca eu disse assim: - Eu vou pedir e ele não vai dar, vou pedir e eu consigo. Eu carrego esta certeza dentro de mim, entendeu? Não tem explicação. É uma coisa assim. Si tú quer, ele vai me dar, eu vou conseguir, entendeu? Por que eu sei que a minha fé é tão maior, acima de tudo. Eu tenho que levar ele para o Canindé. Que eu ainda não fui, que é a promessa do cabelo dele ainda tá lá, que meu menino até comentou ontem, mãe disse que ia para o Canindé e ainda não foi! É por que ainda não chegou o dia! Porque tudo que acontece é no seu tempo. Não é nada por acaso e porque tava inscrito.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- Eu não acho que é sacrifício, acho que é força de vontade, livre e espontânea, assim, não tem explicação.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- Não, eu acho que me sinto mais cheia de energia, mas cheia de vontade de viver, de correr atrás do que eu quero. Eu sou assim, sou católica, mas não sou aquela que vive diretamente. Quando eu entro na casa do senhor eu me sinto totalmente bem.

#### Entrevista 04

Perfil da entrevistada:

Nome: SUANY SANTANA

Local: Santuário de Nossa Senhora da Conceição.

Data: 06 de dezembro de 2015. (16 h)

Idade: 23 anos.

Onde mora: Cavaleiro – Jaboatão dos Guararapes - PE.

O que é fazer uma promessa para você?

É porque assim a gente acredita que é uma realização, que se agente fizer, ter a fé que se a gente trazer no dia certo acontece, eu não sei um negócio incrível mas. E não é essa a primeira coisa que eu peço a ela né, já teve outras coisas e não sei por acaso que deu certo, aí a gente todo ano, já outra promessa já deu tudo certo, eu vou pagando a promessa.

O que te motivou a fazer a promessa?

Não assim, não importa não no caso, eu fiz hoje né, mas a outra num foi no dia que eu vim aqui da outra vez, assim no meio do ano, um mês antes, entendeu? Uma coisa assim, que a pessoa tendo fé dá certo. Eu tenho que cumprir, um negócio certo como aquele negócio, a gente compra tem que cumprir um negócio assim.

O que te motivou a fazer esta promessa?

Não no caso a minha foi a realização da minha casa, ai eu trouxe o tijolo como a minha mãe também, mas a obrigação mesmo era vir de casa segurando um tijolo, não era vir dentro de uma sacola nem nada, sem vergonha sem nada, com o tijolo segurando.

A promessa exige o que do fiel?

Mas assim, depende muito das condições da pessoa e feito, a minha promessa e assim simples, tirei um tijolo da minha construção e trouxe. Importante é você cumprir, você trazer uma vela, você tem que trazer uma vela.

Que coisa você costuma trazer para

Eu fiquei feliz, que a gente conseguiu que pra mim, eu consegui fazer minha casa porque eu fiz a promessa e ela ajudou primeiro Deus, depois ela.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

A gente tá pensando em ficar aqui, acompanhar a missa, nos vamos um negocio assim certo, viemos praqui, entregamos depois assiste a missa e vem para casa, feliz, e para o ano estaremos aqui de novo, firme e forte.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

Não, não importa não. Não importa peso, não importa a lonjura, que aqui é muita ladeira, reclama não, o que importa eu tava cansada em casa, eu tenho problema na perna a perna fica inchada mas eu chego em casa boto as pernas para cima, eu sai de casa assim, eu tô cansada, quando eu voltar pra casa eu vou voltar leve, sem sentir nada, vou descer contente.

## Entrevista 05

Perfil da entrevistada:

Nome: SELMA MARIA.

Local: Festa de Nossa Senhora da Conceição, entrevista na rua.

Data: 06 de dezembro de 2015. (16 h)

Idade: 48 anos.

Onde mora: Arruda – RE/PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- Promessa é acima de tudo a fé, que é uma coisa inexplicável. É coisa que vem de dentro do seu próprio ego é sim, como obra divina do criador, que eu não sei nem definir o que é realmente a fé, sei que não é algo que você nem vê mais que você sente e eu sinto isso bem forte na minha vida.

O que te motivou a fazer a promessa?

- Eu tive CA fazem 10 anos, não foi nenhuma promessa que fui eu quem fiz, foi alguém que fez por mim e eu lembro que dia, 5 horas da manhã no meu quarto eu pedia a nossa senhora assim, com muita fé, eu dizia assim, mãe pede por mim que eu acho que minha fé está sendo pouca e não chegou aos ouvidos do senhor e tudo que a mãe pede o filho faz. Eu fiz esse pedido a Nossa Senhora no sábado pela e manhã 5, da manhã, eu fui para a missa 5 da tarde e na hora que eu recebi a eucaristia, que eu creio muito no santíssimo, na eucaristia, Jesus disse, se Cristo não tivesse ressuscitado vã seria a minha fé! Para mim a eucaristia é o fundamental de tudo que existe, acima de tudo e quando eu recebi a eucaristia eu senti que algo tocava no meu estomo, que eu disse, Sr eu não sou digna que entre em minha morada, mais dissei uma palavra e serei salva. E eu recebi esse milagre como o Sr. Me tocava, na frente e atrás e eu recebi a cura. Fui para o médico e foi confirmado o milagre na minha vida.

O que a promessa exige do fiel devoto?

- Eu vou para o morro assim, como uma forma de gratidão a Nossa Senhora, por toda a caminhada que ela fez em Jerusalém na Judéia, toda a missão que ela teve, então eu faço isso como demonstração da minha fé, muito pouco o que eu faço devia fazer mais, que o principal não é você fazer isso, é você fazer o bem ao outro, ajudar ao próximo, a pessoa que mais precisa, anunciar algo da sua vida para ajudar o outro.

O que costuma trazer para expressar a sua fé?

- Não, não trago nada. Trago só a minha pessoa, acho que é o máximo que eu posso trazer.

O que costuma fazer para expressar a sua fé?

- Eu sou muito católica, frequento a missa. Um domingo sem missa é um domingo sem graça. Eu procuro transmitir, demonstrar esta minha fé no meu dízimo, eu não dou aquilo que está sobrando, mas aquilo que eu tenho como uma devoção, eu tou tirando o meu dízimo, é como se fosse uma obrigação minha com a minha religião, é como se fosse pagar uma conta de água, uma conta de luz, uma prestação, é um compromisso meu, não sou obrigada mas eu me sinto com esse dever de fazer isso, faço com muito amor.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- A partir do momento que você frequenta, que você vai, isso alimenta, é como se fosse um alimento, a medida que você tem um alimento po corpo: a religião, a oração é além para a sua alma, é que lhe ajuda a manter esse seu corpo em pé, seus problemas, suas dificuldades.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga a promessa?

- Não. Para mim não é sacrifício nenhum, prá mim é motivo de muita alegria prá mim, não vejo como sacrifício, vejo como gratidão, quantas pessoas gostariam de fazer isso e não faz. Eu tenho a graça de Deus de poder fazer.

## Entrevista 06

Perfil da entrevistada:

Nome: ANA MARIA DE ALBUQUERQUE.

Local: Festa de Nossa Senhora da Conceição, entrevista na rua.

Data: 08 de dezembro de 2015. (16 h)

Idade: 55 anos.

Onde mora: Alto José do Pinho – Re / PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- Olha, eu vou falar do jeito que eu sei. Promessa é assim, a pessoa deve pagar o que alcançou, tá entendendo, a minha promessa foi grave, eu cheguei num caixão e voltei. Faz um ano agora em outubro. Em outubro foi uma festa que eu tava, na casa da mãe dele, ai eu comecei a passar mal, da cor da sua blusa, preta, ai eu fiquei, minha mão, minha pressão, subiu a veia, engrossou, ai eu falei, estou passando mal, me leva para a UPA da avenida norte, ai me levou, quando chegou lá. A dr.<sup>a</sup> espera ai que eu vou preparar aqui, quando preparou, botou eu na cama e é o médico disse para ele vá se embora, prepare a roupa que ela vai ser transferida para o Agamenon e eu tava consciente ai depois, quando ele foi ai vieram a intubação, com fio ai ele saiu e eu fui pros cantos, num vi foi nada, tudo escuro, ai fui de repente. Veio aquilo em mim ai eu dei um supapo, tirei os fios, intubação toda, ai me ajoelhei eu pedi, eu gritei, eu bati nos peitos, chorei, chorei, chorei, eu disse: Deus tu vai na frente e N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> me aguarde, vai na frente, abre os caminhos, . Não quero ir agora, tenho muito missão para ele cumprir. Só a tua graça, me ajude. Chorei, implorei. A doutora veio, balançou meu braço, você tá doida, você caiu da cama de novo! Ai me entubaram de novo, botaram fio. Ai eu fiquei lá. Ai quando chegou na porta do Agamenon, antes de chegar aqui na avenida norte, tirei tudinho de novo, ai eu sentei, ai quando o médico chegou, abriu a porta, olhou assim por mim, olhou o papel, vamos fazer o exame de coração. Não precisa de cadeira de roda, não precisa de cama não, eu não tinha mais nada, é mentira minha Xande? Eu tava com problema de cansaço, puxando, eu não podia fazer nada, ai eu aproveitei esta promessa que eu estou fazendo. Ai eu enterrei no meio também.

O que a promessa exige o que do fiel devoto?

- Enquanto vida eu tiver, porque isso é uma vida, quando eu tiver uma vida, eu estarei aqui, é isso mesmo porque, porque isso é uma vida. Porque cada vida que eu vou tendo, é uma promessa eu vou fazendo, só deixo fazer, como eu disse para você, quando eu morrer.

O que significa fazer uma promessa para você?

- Muita coisa, uma vida, pense você dentro de um caixão, de coma, uma intubação. Deus a livre! Eu não quero ninguém, botando uma mangueira, coisa na sua boca, puxando, quando você mesmo tá viva, forçando o seu organismo por dentro, pense!

O que você costuma trazer para expressar a fé?

- Ai eu fiz assim, eu vou com uma roupa de azul e branco, eu vou agradecer a ela essa roupa e as flores, ai eu vou dar. Eu tô com o rosário, eu tava rezando uma ave maria, antes de você chegar, não, não tem nada não.

O que você costuma trazer para expressar a fé?

- Deixa mais forte, deixa. E as minhas orações. Eu venho lá do Alto José do Pinho e na avenida norte. Os horários da manhã, no dia para cá, no sol quente, duas horas da tarde, venho andando até aqui, todos os dias da festa.

Expressar a fé com o corpo faz a promessa ser mais verdadeira?

- Causa nada, eu cheguei aqui agora, e não tem nenhum suor, tá vendo? Eu devia estar com calor né? Não, não fico cansada, nada. Nada, de jeito nenhum, eu fico com sede, é claro.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- Eu rezo o terço, eu venho a missa, assisto pela televisão, também. De manhã eu rezo o terço, eu venho a missa, assisto pela televisão, também. De manhã eu rezo o terço, Pe. Robson. Ai eu boto a minha família nas minhas orações. Vocês também! Os meus inimigos, todos que tão do meu redor.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- Não. Não recramo nada! Ela me deu foi saúde. Se fosse assim, Deus a livre, se eu ficasse na cama, como é que ia ser? Um exemplo, vamos operar ela, me rasgar, olha, eu caí eu tenho um osso afastado, um pouquinho de nada.

- Tudo, tudo a ela. Entrego esta cura. Pode gravar que eu tô dizendo isso aqui, o médico não cura não, - Quem cura é Deus! , se você tiver fé meu filho. Vamos acompanhar a procissão lá da prefeitura e a gente vem de lá prá cá, andando, a pé. É, É! Já fizemos este caminho o ano passado. Ficamos cansados e chegamos até ai embaixo e porque a gente não pode subir, porque é uma multidão de gente. Ficamos cansados não, e ainda assim saímos para catar latinhas. O coração fica joia, mais minino. Eu não penso, nada disso. Penso na minha saúde e de nós todos, né? Venho cantando, com calçado, mais eu venho a pé, ela não quer sacrifício não, de nada, que Nossa senhora lhe acompanhe e lhe dê muita sabedoria.

## Entrevista 07

Perfil da entrevistada:

Nome: CARLA CAVALCANTI SANTOS.

Local: Festa de Nossa Senhora da Conceição, entrevista na rua.

Data: 08 de dezembro de 2015. (16 h)

Idade: 52 anos.

Onde mora: Graças – Re / PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- Ah é demonstração da minha fé, da minha confiança em Deus e Maria.

O que te motivou a fazer uma promessa?

- Sacrifício, calor, caminhada, vestir esta roupa, quando ninguém mais está com esta roupa.

Mas vale, vale! Como!

O que você costuma trazer para expressar a fé?

- Não, eu nunca. Hoje, geralmente é assim né, subir o morro, assistir a missa, dar uma cesta básica, essas coisas assim. É o que vem na hora do seu desespero, aí vem na tua cabeça, faz isso! Então, desta vez foi essa.

Expressar a fé com o corpo faz a promessa ser mais verdadeira?

- Ah, eu rezo, vou à missa, participo, sou católica praticante, rezo todos os dias de manhã e de noite, acendo vela, rezo o teço, vou à novena, é... O que mais meu Deus! Prá minha mãe, eu faço tudo, é isso aí.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- Uma mortificação com certeza, sacrifício, é preciso, Cristo fez muito mais, ela fez muito mais; Isso é nada, nada.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- É tudo, a relação corpo-sacrifício, acho porque não existe uma separação, tá! É corpo e alma, razão e coração. Fé!

## Entrevista 08

Perfil da entrevistada: Veio com a família.

Nome: NEIDE CARLA VILAR.

Local: Festa de Nossa Senhora da Conceição, entrevista na rua.

Data: 08 de dezembro de 2015. (16 h)

Idade: 39 anos.

Onde mora: Cavaleiro – RE/PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- Minha filha, que ela tinha convulsão, eu pedi primeiramente a Deus, segundo a N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup>, e consegui. Depois de um ano ela deixou de ter e deixou de tomar uma medicação. Ai durante sete anos ela vai pagar, é, só falta dois anos. Sempre com essa roupa!

O que te motivou a fazer a promessa?

- A sim, eu compro, faço a roupa e entrego, trago ela e deixo ai. A gente vem sempre a tarde.

A promessa exige o que do fiel devoto?

- Fé, tem muita fé em Deus e Nossa Senhora.

Que coisas você costuma trazer para expressar a fé?

- Muita alegria, e depois que eu tive ela, tive mais alegria ainda. Eu tive ela com 34 anos, foi a alegria maior do mundo.

O que você costuma fazer para expressar a fé?

- A gente traz velas, traz flores, e vai pra missa. Que agora inclusive, terça-feira a gente vai enfeitar o andor de N Sr.<sup>a</sup>, lá em Cavaleiro. Lá tem missa de 6 horas e tem procissão.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- Não é sacrifício, prá gente nunca foi, mesmo vido de longe. Nunca foi sacrifício não, tudo que a gente faz com fé não é sacrifício.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- Rezar, assistir a missa, tudo normal.

## Entrevista 09

Perfil da entrevistada:

Nome: LUCIANA MARIA BARBOSA VIEIRA.

Local: Festa de Nossa Senhora da Conceição, entrevista na rua.

Data: 08 de dezembro de 2015. (16 h)

Idade: 43 anos.

Onde mora: São Lourenço – RE/PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- A promessa é quando a gente tem fé, que a gente creia, a gente alcança o que a gente pediu.

O que te motivou a fazer a promessa?

- Então eu fiz a promessa, tem é 5 anos que primeiro eu fiz para poder engravidar da minha filha Maria Vitória, ai fiz eu queria engravidar ai ela veio prematura, 7 meses eu pedi pra minha Nossa Senhora que levasse ela para casa, que ela me desse ela nos meus braços, a 4 anos que eu subo, que é para pagar a minha promessa, com ela ao meu lado. E hoje tá aqui, essa promessa vai ser até eu conseguir, ela me trazer aqui, ai eu tô vindo, porque foi com, eu quero ela 15 anos, mas até eu morrer eu quero vir, por que minha promessa não tem preço.

A promessa exige o que do fiel devoto?

- Vim, chegar e trazer a vela, leva ela até os pés dela, como ela entregou a vela lá e depois eu acender a vela e agradecer e assistir a minha missa.

Que coisas você costuma trazer para expressar a fé?

- Traz, a gente traz a vela e bota lá aos pés dela, a gente deixa. O primeiro, a gente veio vestida de azul e deixamos o outro lá e até ela conceder que a gente suba, pra poder cumprir a fé com ela, deixar nossa vela nos pés dela, ela entregando.

O que você costuma fazer para expressar a fé?

- Eu sinto uma alegria imensa, que ali que minha nossa senhora, atendeu meus pedidos, sempre que eu peço ela me concede aquele pedido e prá mim é uma alegria muito grande.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- Não, não fiquei cansada, sinto assim, aquele prazer imenso, aquela alegria, assim como se fosse uma energia, que tem dentro da gente, como você acaba sendo, é. De você ser mãe e você tá ali, naquela luz ali ao seu lado.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- O corpo não fica cansado, não é sacrifício porque é quando a gente tem um trabalho em casa para fazer, a gente chama e sacrifício. A fé a gente não diz que tem o sacrifício com ela, a gente tem uma promessa a pagar.

## Entrevista 10

Perfil do entrevistado: Voluntário e organizador para as pessoas que vem pagar a promessa.

Nome: EDMILSON FERREIRA DA SILVA.

Local: Basílica e Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Data: 16 de julho de 2016. (13 h)

Idade: 56 anos.

Onde mora: Água Fria – RE/PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- Quando uma pessoa tá com problema de saúde, as pessoas saem do hospital, chega aqui ai vem agradecer né. Eu mesmo, segunda-feira tô completando 25 anos de casado e prá mim é uma alegria muito grande, se for olhar os casamentos que eu fui antes e depois, água abaixo. Eu lutei para comemorar meus 25 anos aqui, certo. Então são 25 anos que eu luto, sou muito bem procurado aqui. Porque eu luto, eu vejo casamentos depois do meu e indo de água a baixo. Porque são pessoas, num tem Deus, não se preparam para o casamento, não só ele como ela, tem que se preparar os dois, prá chegar a certos momentos. Vem agradecer aqui o que alcançou, certo. Não só do casamento, como de saúde, muita gente pedindo emprego tá grande, desde o começo da festa que eu venho, pessoas com carteira profissional aqui vem pedir emprego, outros vem agradecer o que arrumou, tudinho, entendeu, saúde do espírito.

A promessa exige o que do fiel devoto?

- Exige, ter mais fé, ter paz no país que precisa ter paz, a violência tá muito grande. Se dedicar mais na religião, tem muita gente esquecendo que Deus existe, Maria eiste. Gente mudando de uma religião para outra. Os seus pais é na casa de Jesus e na casa de Maria. Sem Maria tem que ter Jesus.

O que você costuma trazer?

- Eu não trabalho totalmente, eu tenho meu trabalho, aqui é voluntário. Eu cheguei aqui vai fazer 3 anos, o frade gostou do meu trabalho. Eu comecei de 7 horas e vou ficar até a hora da saída da procissão, 16 horas;

O que costuma fazer para expressar a fé?

- Para Maria, para Jesus eu não canso não. Não é sacrifício, é não. Eu carrego as crianças aqui para tocar na imagem, tem menino pesadinho. Mas querendo eu tenho que fazer isso. É Maria quem me ajuda, sabe. Eu já chorei muito. Sobre o meu casamento. Minha esposa estava aqui neste instante, quis trazer lanche e eu disse, quero lanche não. Tomei café, já lanchei mas agora eu não quer não. Disso tudinho, quem dar força para mim é Maria. Prá mim é a benção dela. Ela vai levar a paz pra minha casa e prá muita gente, que tá precisando de paz. Eu vejo que o desemprego tá grande, eu vejo que muita gente tá pedindo emprego, mas tem que pedir os dois, saúde e emprego. Que mais eu digo pras pessoas aqui, acende a vela e ai eu digo: tenha fé e lute pelo que quer, tem que pedir. Pedir com fé, porque pedir e não lutar, não botar a moeda e não pedir.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- É como diz, Maria não que sacrifício da pessoa sair como diz na história, acompanhando a procissão com tijolo. Maria não quer seu filho se arrastando pelo chão, arrastando de joelho. Ela quer de pé, com os olhos abertos. Porque o melhor homem do mundo foi Jesus, o filho dela, que morreu de braços abertos por nós. Ela quer isso, todo mundo assim, de olho aberto. Com saúde, trabalhar para vir para a festa dela, ela quer isso, entendeu? Não quer assim a pessoa se arrastando, com aquele sacrifício, tijolo na cabeça. Ela quer você em pé, de cabeça erguida, olhando para ela e dizendo assim, ave Maria cheia de graça a senhora convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é fruto do vosso ventre Jesus!

## Entrevista 11

Perfil da entrevistada:

Nome: Thaíssa Valeska Guilherme Monteiro.

Local: Basílica e Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Data: 16 de julho de 2016. (13 h)

Idade: 24 anos.

Onde mora: Piedade – Re / PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- Prá mim fazer uma promessa é buscar uma força religiosa, pedir uma interseção a Deus para conseguir algo que para mim é impossível.

O que te motivou a fazer a promessa?

- A necessidade mesmo. A busca! Buscar algo mais além de onde eu posso ir, até onde eu fui, eu consegui, daí eu pedi a interseção de Nossa senhora.

A promessa exige o que do fiel devoto?

- Para mim exigiu um esforço, um voto. Eu abdiquei de uma coisa, de algo que para mim, que naquele momento prá mim, eu gostava muito. Eu abdiquei para conseguir algo que era bem mais especial.

O que você costuma trazer para expressar a fé?

- Eu sempre venho nas cores, eu venho com meu filho, que foi o motivo da promessa, trago sempre o escapulário para abençoar e dar para outras pessoas, entendeu? Hoje eu trouxe rosas.

O que costuma fazer para expressar a fé?

- Todo ano a gente vem nas cores, vem no dia, entendeu? E a gente sempre vem para agradecer. Enquanto eu puder vir, eu venho para agradecer.

Expressar a fé com o corpo faz a promessa ser mais verdadeira?

- Piedade; o ano Passado tava chuva, e a gente brincou: - Mãe, o ano passado a sombrinha voou, foi. – Foi verdade! Este ano está no sol, tá mais tranquilo. Por mais que esteja mais quente, está mais tranquilo para vir. Ano passado a gente veio embaixo de chuva mesmo. – Ele é pequeno é, tudo isso.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- Com certeza existe sacrifício, de vir, entrar nesta multidão, porque é muita gente né? Porque a gente vem no dia. Então a gente passa tempo aqui, calor. Nada funciona, né?

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- Muito importante porque no momento que eu mais precisei, fui atendida, então eu acho, o mínimo que eu posso fazer é isso, por mais que exija do meu corpo do sacrifício, mas é o mínimo.

## Entrevista 12

Perfil do entrevistado: Carmelita – 3º Ordem.

Nome: GIVANILDO JOSÉ DE SOUZA.

Local: Basílica e Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Data: 16 de julho de 2016. (13 h)

Idade: 38 anos.

Onde mora: Macaparana / PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- Fazer uma promessa é fazer um voto a Deus, pedindo a interseção de um santo para se alcançar uma determinada graça, que pode ser no sentido espiritual ou no sentido material, o assim, seria um trabalho, no caso de pessoas desempregadas ou também para a nossa saúde. E no sentido espiritual, para a nossa conversão ou conversão de uma pessoa nossa, da nossa família ao uma pessoa amiga.

O que te motivou a fazer a promessa?

- Várias. Apesar da minha fraqueza humana, dos meus pecados, o que me motiva é que eu confio muito na graça de Deus e na interseção dos santos e muitas delas eu realmente alcanço. Outras não. As que eu não alcanço é porque no final das contas, não seria bom para mim, por isso que Deus não concede.

A promessa exige o que do fiel devoto?

- Exige o firme propósito de cumprir, logo assim que a graça é alcançada. Não podemos de forma alguma fazer uma promessa e deixar de cumprir. A igreja aconselha que a forma de cumprir a promessa possa ser assim, doando cestas básicas para pessoas carentes, um remédio para o doente que não possa comprar, roupas também. Mas há quem faça para dar flores a Nossa Senhora, acender velas, soltar fogos. Depende muito da promessa e de quem faz a promessa.

O que você costuma trazer para expressar a fé?

- Sim. Flores, velas, fogos, dependendo da situação, uma cesta básica para uma família carente; Como eu sou 3º Carmelita, para a Nossa Senhora eu costumo trazer velas, flores brancas e amarelas, que são as cores dela. Tem a novena, tem todo o novenário que são nove dias e tem também o ofício para Nossa Senhora do Carmo, que eu acabei de rezar quase agora. Ai tem o terço, tem a consagração a Nossa Senhora do Carmo. São diversas orações. Hoje o dia é pouco para rezar para ela.

O que costuma fazer para expressar a fé?

- Não. Nós Carmelitas somos contemplativos, então assim, nós não batemos palmas, não levantamos as mãos, não é do nosso perfil, a nossa oração é silenciosa, ela é contemplativa. Porque a oração é um tratado de amizade com Deus, como se estivéssemos falando no ouvido de outra pessoa.

Expressar a fé com o corpo faz a promessa ser mais verdadeira?

- O corpo, depende da evolução da pessoa. Quando uma pessoa já que tem uma vida de profunda oração, nós sentimos assim, um relaxamento paz interior e que não é acostumado ao nosso estilo de vida, se for para uma de nossas reuniões dorme, pega no sono. Dorme rapidinho. Porque é uma paz interior muito grande, é um silêncio, uma contemplação.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- Dependendo do que se quer alcançar, tem. Porque ai a questão da pessoa que faz passa assistir a missa toda de joelho ou para entrar na igreja desde a porta principal até o altar de Nossa Senhora de joelhos, ai tem a questão do sacrifício. Eu acho um ato de fé muito grande, tem pessoas que chega o joelho a sangrar, a ferir mesmo, mas diz que não sente a dor.

### Entrevista 13

Perfil do entrevistado: Organizador e voluntário.

Nome: GERALDO LIMA DA ROCHA.

Local: Basílica e Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Data: 16 de julho de 2016. (13 h)

Idade: 63 anos.

Onde mora: Vasco da Gama – Re / PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- É você almejar alcançar um determinado objetivo e precisa da força celestial, então você faz aquela promessa, como objetivo de realizar aquele objetivo e a partir dele você vai gratificar o santo de sua devoção que lhe ajudou ou não. Normalmente só se paga a promessa quando consegue, quando não consegue, fica elas por elas. Normalmente o pagamento da promessa.

O que te motivou a fazer uma promessa?

- Sim. Prá você resolver um problema de família, as vezes uma desavença ai você necessariamente, as vezes você pede e também não é obrigada a pagar. Você pede aquela proteção, pede uma promessa.

A promessa exige o que do fiel devoto?

- Ela exige do fiel, que você dê uma contra partida não é. Normalmente você se compromete, fazendo uma doação seja ela qualquer.

Que coisa você costuma fazer para expressar a sua fé?

- Eu procuro evangelizar, dentro da minha maneira se ser. Sou um leigo muito atuante dentro da igreja, eu crio eventos, com esta romaria dos homens, 12º deste ano, 13/12, subindo o morro e hoje é uma grande procissão que faz parte da festa do morro. Aquilo ali eu me sinto satisfeito porque eu elaborei aquele evento e está dando certo. E eu vejo gente acompanhando, chorando, então aquilo me motiva muito e eu me sinto muito feliz com isso, porque eu provoquei com que as pessoas trabalhassem mais a fé. Esse evento que eu tô criando agora, dia 30/5 abertura da porta santa do morro da conceição, criado por nós também. Hoje eu sou coordenador do terço dos homens no morro da conceição. Criar eventos para que congreguem os homens, principalmente que são meio arredios a religião. Para que eles tenham aquele momento de oração, entende? De reunião, confraternização. Sou católico praticamente e ai daquele que falar de Maria viu, saia de perto de mim, que ganha um inimigo na hora.

Expressar a fé com o corpo faz a promessa ser mais verdadeira?

- Sim, sim, sim. Colocando roupa, se ajoelha, caminhando, caminhando. Sobe aquela ladeira do morro. É uma paga, ela tá agradecendo.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- É o fortalecimento da pessoa em si, prá ela, agradecendo, as vezes até com sofrimento, mas é um sofrimento que no fundo causa um grande prazer na pessoa.

- É, quanto mais o sacrifício, mais a pessoa se sente gratificado de ter conseguido aquela graça. Mas, ele... Porque ele vai lembrar o sofrimento de Jesus, né! Sofreu tanto por nós, morreu na cruz por nós. Então naquele momento você, também você se entrega naquele sofrimento.

- Eu cheguei aqui era umas 9 horas. Todo ano eu estou aqui ajudando. Onde tem um evento de Nossa Senhora o movimento dos homens sempre vai junto para dar uma ajuda e a muito tempo colabora. Ajuda aqui, lá para as 20 horas, a missa termina de 19 horas.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- Não, não é sacrifício não, é um prazer, é a gente saber que com a nossa presença a gente tá evangelizando também.

## Entrevista 14

Perfil da entrevistada:

Nome: CARMEM LÚCIA BARBOSA FERREIRA.

Local: Basílica e Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Data: 16 de julho de 2016. (13 h)

Idade: 65 anos.

Onde mora: Piedade – Re / PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- É a gente fazer a ligação com o que a gente acredita, que tem fé, confiança. Que a gente tem fé humildemente, eu espero que o mundo mude, Com a fé de um, a pouquinha fé do outro, se torne uma fé bastante grande, como ela nos ensina. E que o Cristo nos ensina a amar a Deus sobre todas as coisas, amar o nosso próximo como a nós mesmos. Então eu acho que isso é uma religião. Não é nem religião, é um procedimento de vida. A gente ama ao próximo, a gente tá fazendo a vontade de Deus.

O que te motivou a fazer a promessa?

- Todo o dia eu tô fazendo promessa, o que me motiva é minha fé. A minha fé ela move dentro de mim, as minhas montanhas. Eu tô aqui hoje porque eu acredito, que ela, como nossa mãe, padroeira do nosso estado, mãe de todo o nosso país, o nosso mundo; Ela pode mudar dentro de nós, né! Dentro de nós! Eu acredito nisso.

A promessa exige o que do fiel devoto?

- Ela não exige nada de mim, muito pelo contrário, eu só tenho que agradecer. Por que a gente tem fé naquilo que a gente não vê, aparentemente, mas a gente sabe que ela existe, a gente sabe que ela é uma renovação, a gente sabe que ela é uma alavanca, né, todas as nossas imperfeições, num dia melhor.

O que você costuma trazer para expressar a sua fé?

- Há si, são coisas que não se tem haver com a nossa fé, a gente (...) uma questão de (...) a gente pode dizer? O manto dela é amarelo, as flores dela é amarela né? Então a gente tem esta ligação. Eu uso o escapulário, escapulário e nossa ligação com ela. Que na verdade o escapulário quer dizer, faço o que posso, fazemos o que nós prometemos a ela. Diante do escapulário.

O que você costuma fazer para expressar a sua fé?

- Sim. Faço o meu terço de manhã, 10 horas, rezo o terço da Nossa Senhora do Carmo.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- Não tenho nenhum ritual. Pode escorrer o suor a vontade, que isso aqui é energia. Eu daqui a pouco vou embora, não vou ficar para a procissão porque estou com um problema no joelho e não posso andar muito, mas tô aqui.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- Não. É só alegria, não tem sacrifício nenhum. Tudo aquilo que a gente fizer com sacrifício, não tem valor. Tem que ser por amor, exclusivamente por amor.

## Entrevista 15

Perfil da entrevistada:

Nome: ANAIR DE FARIAS PEREIRA.

Local: Basílica e Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Data: 16 de julho de 2016. (13 h)

Idade: 39 anos.

Onde mora: Ipsep – RE/PE.

O que é fazer uma promessa para você?

- É interessante que eu sempre tive o conceito de não prometer porque eu não achava que eu tava querendo é... como é que se diz, incentivar alguma troca com o santo e eu acho isso nunca muito justo e isso ia contra mim, ia traficar com o santo, vamos dizer assim e na verdade eu cheguei no lugar comum da necessidade, vamos dizer assim, fui tocada pela necessidade. E na verdade não foi prometer, foi chegar ao extremo de me render a fé mesmo, ao extremo.

O que te motivou a fazer a promessa?

- Essa específica, é, foi saúde. De dizer que eu não era mais que ninguém. É que eu tive um tumor no ano passado, nova, relativamente nova e produtiva e eu trabalho com saúde também. Ai eu falei, bom chegamos a esse lugar, né! O que é que vai diferenciar, eu quero seguir, eu tenho a minha filha, e eu quero seguir. E eu sempre fui devota de Nossa Senhora do Carmo, trouxe minha irmã a isso, trouxe minha filha a isso e ano passado no dia de Nossa Senhora do Carmo eu recebi a notícia que tava tudo bem.

A promessa exige o que do fiel devoto?

- Entrega, confiança de que tava tudo bem, tá tudo entregue e a decisão vem de cima mesmo.

O que você costuma trazer para expressar a sua fé?

- Eu ando com o escapulário e a camiseta dela, trouxe flores. Eu sempre venho aqui e trago velas, mas hoje não é possível.

O que você costuma fazer para expressar a sua fé?

- Hoje eu já amanheço postando fotos dela, falando dela para as pessoas próximas. Eu chamo ela de Carminha, de gordinha. As pessoas sabem disso, as pessoas que convivem comigo, eu chamo como mãe, eu tenho um relação íntima com ela.

- Eu já vim algumas vezes a pé, mas seu tenho uma coisa bem pessoal, de não fazer disso um drama, vamos dizer assim. Não precisa ser hoje especificamente, é como se hoje fosse o aniversário dela. Eu acho fazer coisas emblemáticas sim.

O que significa usar o corpo para pagar a promessa?

- Olha só , é... Eu não tenho um histórico de promessa. Eu via trocas mais evidentes, como trocar comida, acender tantos maços de velas, eu só tento divulgar mais, do que é possível.

Como você imagina a relação corpo e sacrifício quando se paga uma promessa?

- Eu não acho, eu pessoalmente, eu enquanto Anair, eu até acredito que as pessoas mais disciplinadas, ai eu respeito muito isso, do, sei lá, o jejum, o andar d Joelhos e tal, eu entendo essa história do sacrifício, para mim eu entendo do acreditar mais na fé e acho um dia e acho um dia especial de você dizer, é possível. Foi possível comigo e possível com você!